

[ROMANCE]

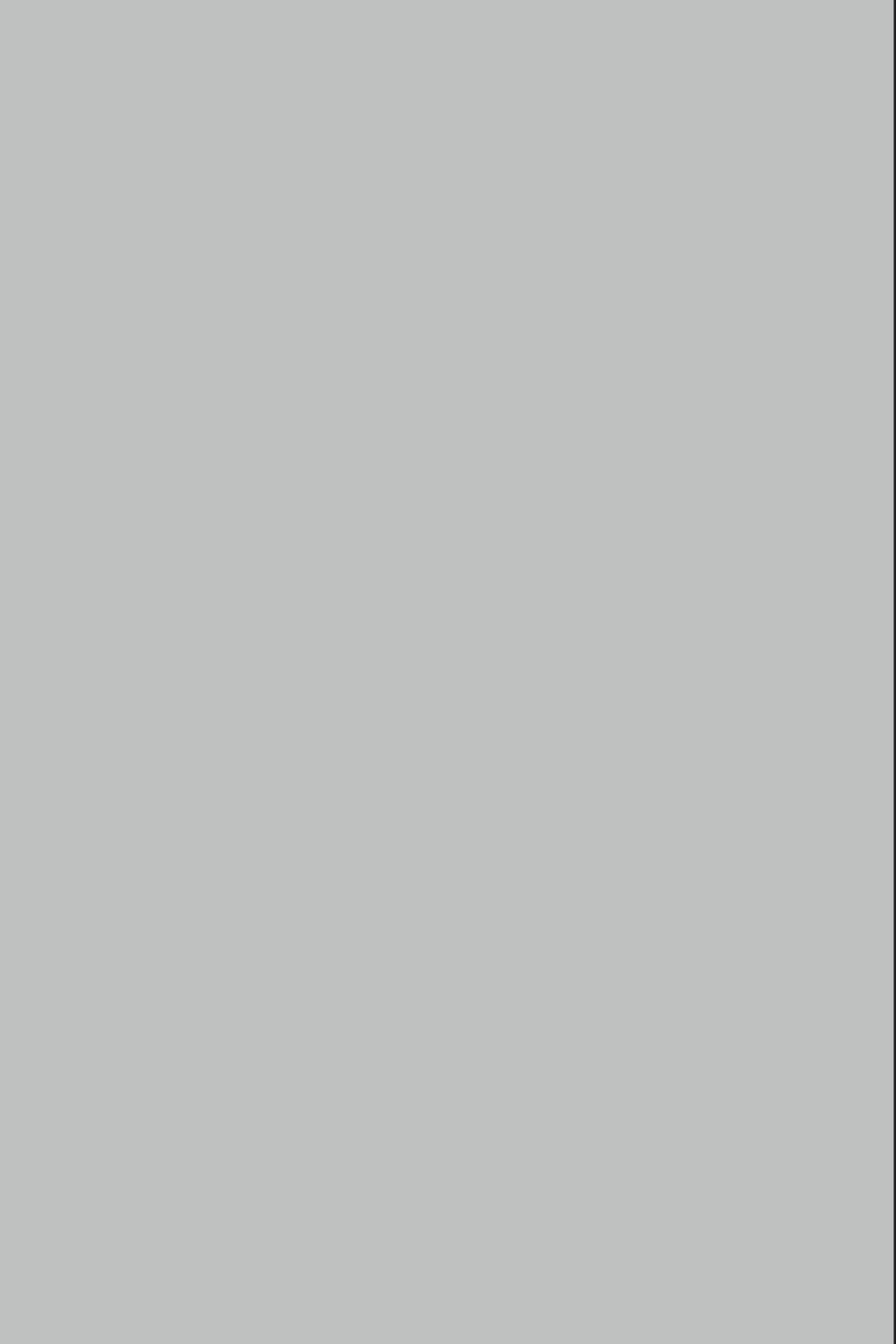
ENCONTRO DAS ÁGUAS

Marisol F.

[] [] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 


Lumina
EDITORA



MARISOL F.

ENCONTRO DAS ÁGUAS



FAZENDA RIO GRANDE - 2025



COPYRIGHT © 2025 BY MARISOL F.

Título: **ENCONTRO DAS ÁGUAS**

Linha literária: **ROMANCE**

Rodrigo Guedes

Design de capa

Tâni Falabello e Paula Vendramini

Revisão

Lhaisa Andria

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marisol

Encontro das águas / Marisol. -- 1. ed. --
Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora, 2025.

ISBN 978-65-85802-23-9

1. Romance brasileiro I. Título.

25-254198

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

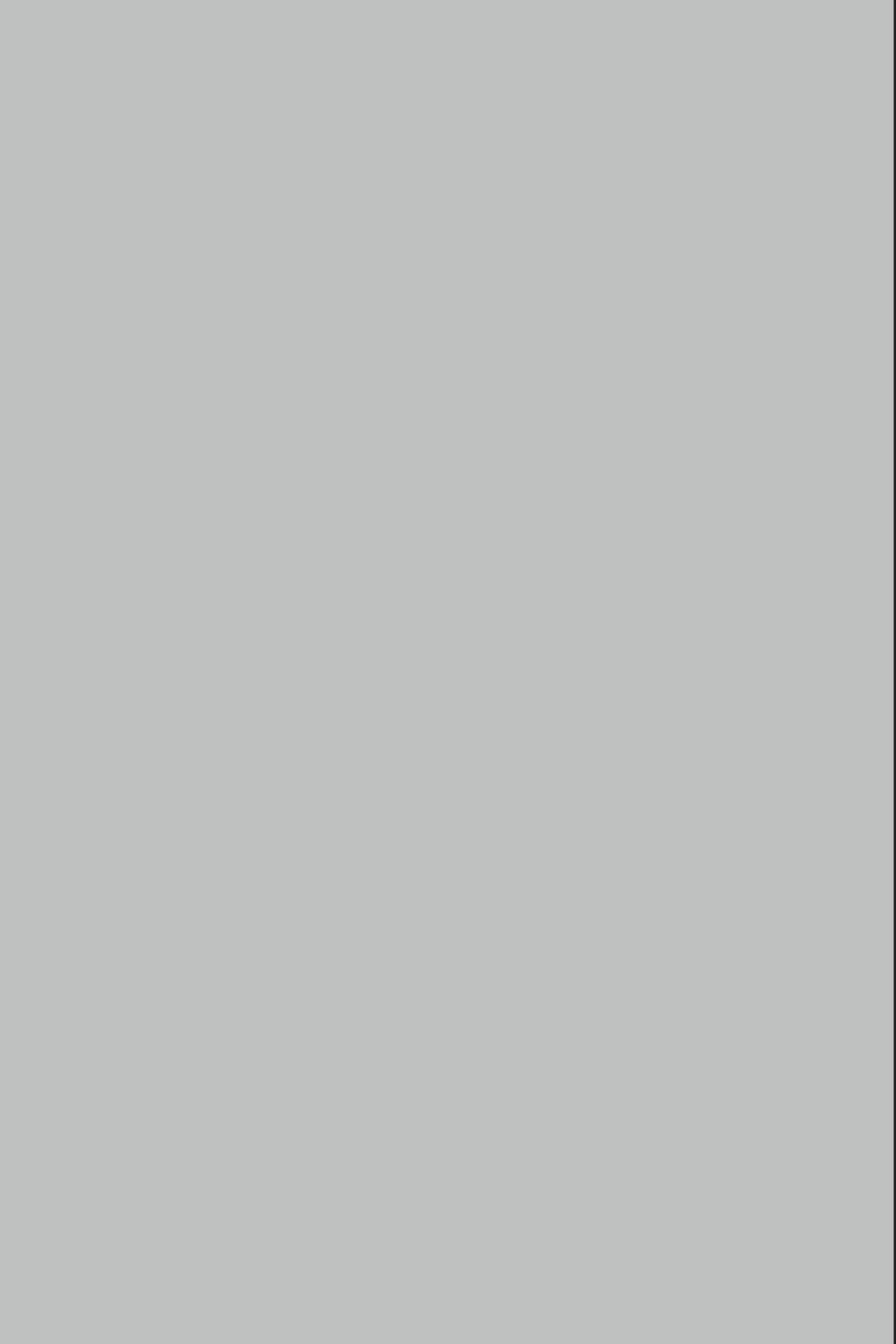
1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



www.lumuseditora.com.br





SUMÁRIO

<u>PRÓLOGO</u>	<u>9</u>
<u>CAPÍTULO 1</u>	<u>11</u>
<u>CAPÍTULO 2</u>	<u>17</u>
<u>CAPÍTULO 3</u>	<u>69</u>
<u>CAPÍTULO 4</u>	<u>97</u>
<u>CAPÍTULO 5</u>	<u>139</u>
<u>CAPÍTULO 6</u>	<u>157</u>

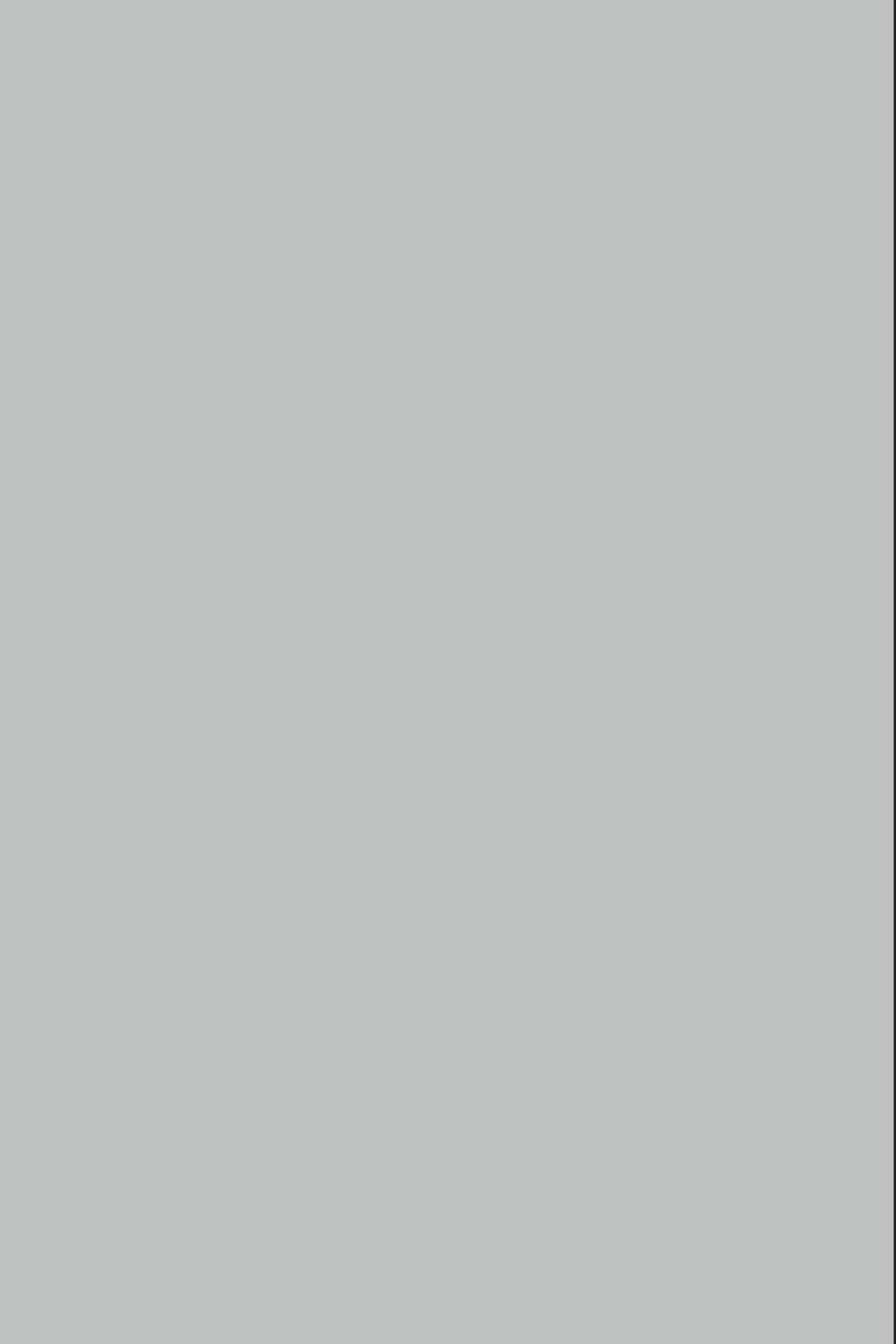


PRÓLOGO

Aquela manhã de domingo parecia uma manhã normal, como tantas outras, naquele luxuoso *resort*, no coração da Amazônia. Os hóspedes se refrescavam na piscina e bebiam drinks exóticos, entre risadas e mergulhos, enquanto os funcionários corriam de um canto a outro, tentando atender a todos os pedidos e exigências. Não havia nenhum indicativo de tudo o que estava para acontecer. Não havia sombras no paraíso. Mas, então, o interfone da recepção tocou e Dayse foi informada por uma das camareiras que ninguém respondia em um dos bangalôs e ela não sabia se devia abrir ou não a porta com a chave. Ela entendeu a preocupação da funcionária e consultou o relógio... eram quase 11h. Dayse decidiu ir até lá, para evitar problemas mais tarde.

A camareira a esperava na frente do bangalô e lhe entregou a chave. A porta só abria por fora com a inserção da chave na fechadura, mesmo que não estivesse trancada por dentro, e a funcionária tinha receio de invadir a privacidade dos hóspedes caso tivesse alguém dentro do local. E também tinha receio de deixar os aposentos sem limpar e ser repreendida depois.

Logo que Dayse entrou no bangalô, ainda na porta, ela sentiu que havia algo errado. O lugar estava na penumbra e imerso em um silêncio anormal. Uma sensação estranha a invadiu enquanto ela caminhava pela sala e varanda do imóvel. Mas não havia sinal de ninguém. Notou as xícaras do café da manhã sobre a mesa da saleta e uma desordem acentuada em todos os cômodos. Então passou pelo banheiro e se dirigiu ao dormitório. E foi lá que ela a viu, caída sobre a cama. Dayse prendeu a respiração e se aproximou. Retirou delicadamente o cabelo de seu rosto e percebeu que seus olhos estavam fechados. Chamou seu nome, mas não obteve nenhuma resposta. Ela estava imóvel. E mais bela do que nunca.



CAPÍTULO 1

Fazia alguns anos que Arnaldo Cerqueira não via seu grande amigo Aristeu Maldonado. Foi com surpresa e alegria que ele recebeu o telefonema do velho amigo naquela manhã, convidando-o para almoçar. Arnaldo aceitou de imediato, e se organizou para não ficar preso no escritório. Assim que se liberou da reunião com seus assistentes, já foi se encaminhando para o restaurante escolhido para o encontro. Não era uma escolha aleatória, nem um restaurante qualquer; era um local que fazia parte da vida deles, onde haviam passado muitos momentos juntos antes que Aristeu fosse morar no exterior.

Marcaram de se encontrar no Dom Antônio, um restaurante italiano localizado em Santa Felicidade, o bairro gastronômico de Curitiba. E assim que Arnaldo avistou o amigo, que o aguardava na recepção do estabelecimento, foi ao seu encontro e cumprimentou-o efusivamente. A distância e o tempo não haviam diminuído em nada a amizade que os ligava, assim como era comum com todas as grandes amizades.

Depois de se cumprimentarem, foram conduzidos até uma mesa, pelo *maître*. Aceitaram as bebidas oferecidas, mas decidiram fazer o pedido mais tarde. Tinham muitos assuntos para colocar em dia e, apesar do esforço de Aristeu em parecer natural, Arnaldo começava a intuir que aquele não era apenas um encontro entre velhos amigos; parecia que existia algo mais.

— Que ótimo que você me ligou! Fazia tempo que não nos víamos... sinto falta das nossas conversas e dos nossos jantares. — Falou Arnaldo.

— O tempo é uma coisa estranha... depois de uma certa idade, passa como o vento. Parece que foi ontem que jantamos juntos aqui. Mas a verdade é que já faz dois ou três anos.

— Verdade. Quanto mais velhos ficamos, mais rápido o tempo passa. E você passou muito tempo fora, jamais pensei

que iria se fixar no exterior. Mas me diga, quais são as novidades? E os garotos?

— Os garotos já não são tão garotos, assim. Luísa está com 28 anos. Ricardo com 25.

— Nossa! Já? Segurei aqueles dois no colo... o tempo passa mesmo. Eles estão formados, não?

— Sim. Ricardo faz pós-graduação em economia, a irmã é bióloga. Optou pela botânica e faz parte de uma equipe de pesquisas, financiada pelo governo.

— E você? Casou-se novamente? Pensa nisso?

— Não, caro. Não tornei a me casar, acho que um casamento já é suficiente. E eu ainda sinto falta da Rosália... depois de todos esses anos.

— Era uma mulher adorável, mesmo... Luísa se parece muito com ela, não é?

— Parecem-se bastante fisicamente e no temperamento. E é justamente a Luísa que tem ocupado meus pensamentos ultimamente.

— Por quê? O que houve?

Aristeu bebericou da sua batida de maracujá, antes de responder:

— Minha filha está numa expedição na floresta amazônica, pesquisando plantas medicinais ou algo assim. Ela está literalmente no meio da mata, e eu nunca achei normal essa situação tão exótica, mas ela sempre foi muito independente. No entanto, me enviou uma mensagem um pouco fora do tom na semana passada e depois disso não consegui mais contato com ela.

— Com quem Luísa está na Amazônia? Você conhece a equipe?

— Luísa se juntou a uma equipe liderada por um bioquímico muito respeitado internacionalmente. Estão pesquisando plantas medicinais e desenvolvendo um trabalho na área médica, relacionado ao câncer. Mas eu não tenho contato com ninguém da equipe e o sinal telefônico é praticamente nulo

naquela região. Luísa vai até Manaus para me telefonar, geralmente. E talvez não tenha nada errado com ela, talvez seja apenas uma bobagem minha, mas ela me enviou uma mensagem me pedindo para ir vê-la e depois me enviou outra, cancelando tudo o que havia dito anteriormente. Achei estranho.

— A querida Luísa. Estive na formatura dela, lembra? Garota séria... sempre pareceu muito adulta, muito segura de si.

— Ela é muito independente, sim. Mas não deixa de ser uma mulher. E não me agrada pensar que ela esteja sozinha em um local tão isolado e rústico. A comunicação lá também não ajuda, quase não nos falamos por telefone. Uma vez por semana ela me envia um e-mail, mas dessa última vez fiquei cismado... provavelmente não seja nada, acho mesmo que é só impressão minha, mas fiquei preocupado.

— Você sempre foi muito sensato, não iria se preocupar à toa. Diga-me... o que dizia exatamente essa mensagem?

— Nesse último e-mail ela me pediu que eu fosse até lá passar uns dias com ela. Dois dias depois enviou outro e-mail dizendo que estava tudo bem e que ela estava apenas com muita saudade de casa, mas ainda tinha muito trabalho para fazer por lá e havia me pedido para ir vê-la, mas que eu deveria ficar aqui mesmo que logo ela viria.

— E então...

— E então que eu fiz as malas, comprei passagem, pedi reserva de hospedagem no mesmo hotel onde ela e a equipe de trabalho estão hospedados... mas a partir daí perdi o contato com ela. E hoje decidi lhe pedir ajuda.

— Você quer que eu investigue? – Perguntou o advogado.

— Não, amigo, gostaria que você me acompanhasse na viagem. Com todas as despesas por minha conta, é claro. Se algo estiver acontecendo por lá, gostaria que você estivesse junto. Caso contrário, faremos um *tour* na floresta. Como nos velhos tempos.



Arnaldo foi apanhado de surpresa. Nada no mundo poderia ser mais surpreendente do que aquele pedido.

— Amigo, não sei o que dizer...

— Diga sim!

— Você sabe que me casei, não é? Minha esposa está em Americana no momento, mas teria que avisá-la e não sei o que ela diria sobre isso... também tenho meus clientes do escritório.

— Pois conte a ela... e a convide para passar uns dias conosco, se ela quiser pode nos encontrar lá. Estenda meu convite à ela. Quanto aos seus clientes, a menos que tenha audiências marcadas, poderia acompanhar tudo pela internet, não é? Em Manaus o sinal da internet e telefonia é razoável, poderia se comunicar de lá com o escritório.

Foi a vez de Arnaldo beber um gole sua bebida. Por fim, ponderou:

— Você não acreditou na sua filha quando ela disse que apenas tinha sentido saudades de casa?

— Não.

— Por quê?

— Porque Luísa é muito séria, totalmente concentrada no trabalho e não é dada a esse tipo de coisa. Ela sempre quer parecer forte e independente, e jamais agiria assim. Algo aconteceu, e ela achou que minha presença era necessária. Depois desistiu. Preciso ir ao encontro dela.

— Quando pretende partir?

— O mais rápido possível. Tenho voo marcado para dentro de dois dias.

Arnaldo continuou pensando no assunto:

— Ela tem namorado? Alguma briga romântica poderia ter gerado essa mudança de comportamento nela?

— Não, creio que não. Pelo menos, ela não me disse que

estava namorando alguém. Eu ficaria mais aliviado se estivesse, pois fico imaginando minha filha passando por dificuldades, sozinha, no meio da selva.

Arnaldo não podia deixar de pensar que os argumentos de Aristeu eram razoáveis.

— Você me convenceu... irei acompanhá-lo, mas precisarei de um tempo maior, mais dois ou três dias para colocar meu trabalho em ordem. A menos que queira partir antes de mim, e me esperar lá.

— Gosto da ideia de partir em sua companhia.

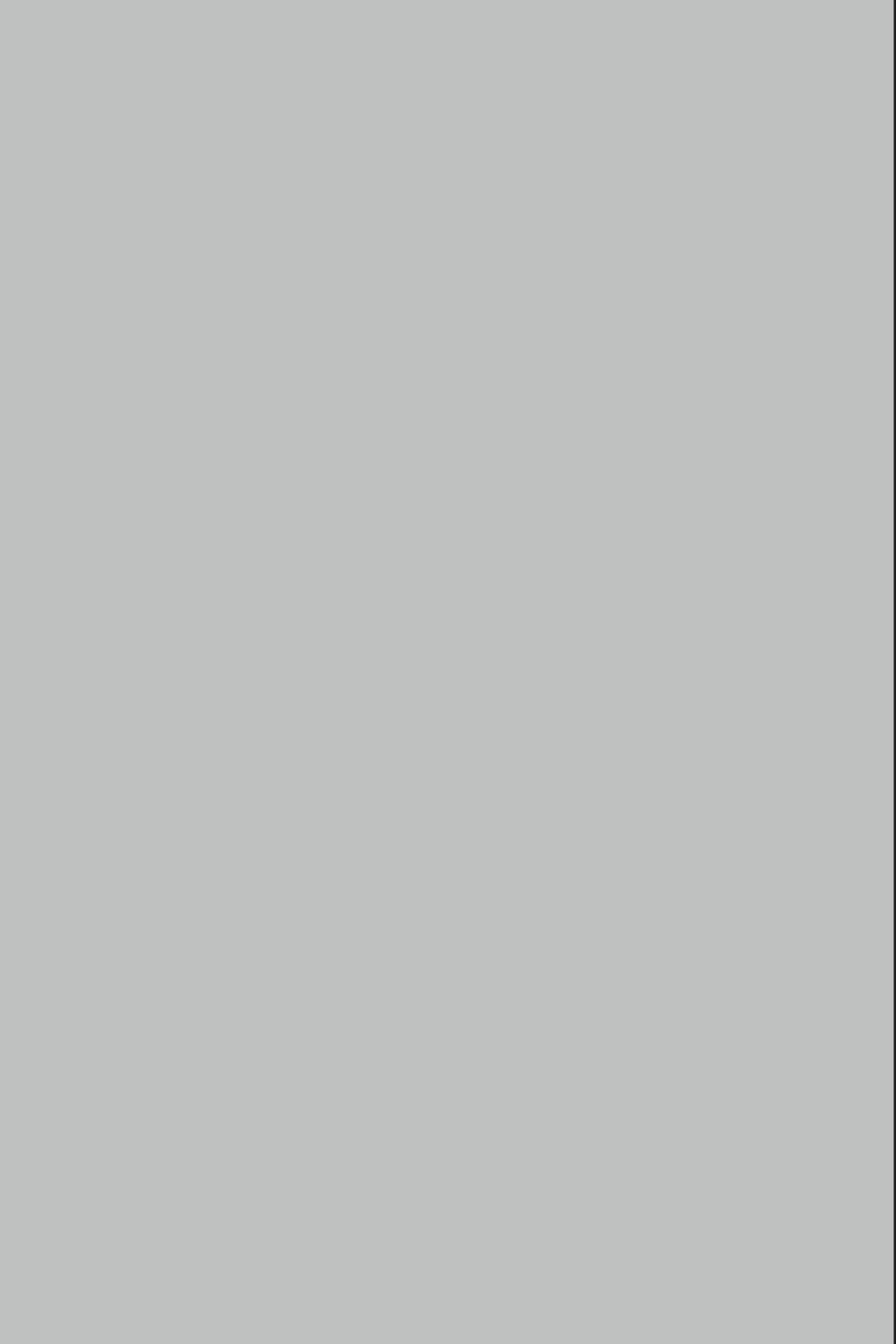
— Ok. Vamos providenciar as reservas e as vacinas.

— Vacinas?

— Sim, estamos indo para a mata, em uma área com muitos mosquitos. Precisamos nos vacinar contra febre amarela, malária e dengue.

— Verdade... Luísa fez as vacinas antes de partir. Parece-me que é necessário esperar alguns dias para viajar depois de aplicadas.

— Então, vamos providenciá-las imediatamente e remarcar a sua passagem. Assim já marcamos a minha.



CAPÍTULO 2

Poucos dias depois dessa conversa, Arnaldo e Aristeu embarcavam para Manaus. O voo de Curitiba até a capital do Amazonas fazia escala em São Paulo e durou mais de cinco horas. Chegaram no meio da tarde, e, assim que desceram do avião, sentiram o calor escaldante. A temperatura era tão quente e úmida, que o ar parecia faltar e as roupas se colavam ao corpo. Em Manaus os taxistas aguardam os possíveis passageiros dentro do aeroporto, e assim que eles passaram pela porta de desembarque foram abordados por um deles, que já foi apanhando suas poucas bagagens para colocar no táxi. Apenas acomodados, pediram informações:

— Não conhecemos nada aqui e precisamos ir até Anavilhanas, de que forma podemos chegar até lá?

— Sejam bem-vindos. É possível chegar a Anavilhanas de táxi, barco, ônibus ou hidroavião. Depende dos senhores. – Respondeu o motorista.

Em seguida deu uma olhada para os novos passageiros, e acrescentou:

— Espero que estejam acostumados com o calor, pois o clima de lá é o mesmo daqui.

— Não creio que suportaremos, então. Nunca me senti cozinhar desse jeito. Quantos graus está fazendo? – Perguntou Arnaldo ao motorista.

— Uns 36 C°. Chegaram numa época de calor intenso.

— 36°C?! Impossível, a sensação que eu tenho é de estar num calor de no mínimo 45° C. – Respondeu Aristeu, suando em bicas.

— Em Manaus não ventila e a umidade do ar o torna pesado assim, por isso parece que estamos com uma temperatura muito maior. A cidade está localizada no centro de uma floresta tropical, e a quantidade de chuva nesse período é intensa.

Mas espero que se acostumem rápido e aproveitem o passeio ao máximo, garanto que será inesquecível.

— Certeza que não suportaremos. Mas vamos em frente, no hotel ficaremos no ar-condicionado. – Respondeu Aristeu.

— Para onde devo levá-los? – Perguntou o taxista.

— O que nos sugere?

— Bom... depende do tempo disponível dos senhores. De ônibus a viagem leva em torno de 4 horas, mas hoje não tem linha, só terças e sextas, à noite. De táxi, aproximadamente a mesma coisa. De barco o passeio é mais bonito, mas leva uma média de 9 horas. O hidroavião é o trajeto mais breve, leva uns 35 minutos. E hoje faz bom tempo, então os voos estão saindo normalmente.

Arnaldo e Aristeu se entreolharam; obviamente fariam o percurso mais curto, sentiam-se derreter sob o sol do Amazonas.

— O hidroavião é seguro? De onde saem os voos? – Questionou Aristeu.

— Não temos notícias de acidentes, então é seguro sim. É um avião pequeno, para 4 pessoas somente. Voa baixo e pousa na água. O embarque é aqui perto, no píer de um hotel. Mas custa carinho...

Aristeu respondeu:

— Não importa o preço, tenho certeza de que será um dinheiro muito bem empregado. O importante é que nos leve até lá a salvo e nos tire desse calor.

O motorista sorriu penalizado.

— Lamento, mas como eu disse, o calor só tende a piorar nessa época e o clima de Anavilhanas é idêntico ao clima daqui.

— E como vocês conseguem viver desse jeito?!

— De onde o senhor é?

— Curitiba.

— Bem, então tá explicado. Nós nos acostumamos com o calor, assim como vocês estão acostumados com o frio. Vamos para o píer.



O percurso foi rápido e logo chegaram no píer do Hotel Tropical. Arnaldo e Aristeu aguardaram no táxi enquanto o taxista foi buscar informações sobre a possibilidade do voo. Foram informados que teriam que aguardar aproximadamente uma hora para o embarque, pois o próximo voo já estava completo e teriam que esperar que voltasse. Nelson, o motorista do táxi, sugeriu então que pedissem uma refeição no hotel. A sugestão foi aceita de imediato, pois se deram conta que estavam com muita fome. Mas antes que ele os deixasse, Aristeu pediu seu contato para quando precisassem de transporte na volta. Nelson entregou um cartão de visitas, com os telefones onde poderia ser encontrado. Tanto Aristeu quanto Arnaldo fizeram questão de pagar pela corrida e o simpático taxista acabou recebendo uma nota de 100 reais de cada um. Ele cobrava normalmente 48 reais por um trajeto como aquele, e ficou muito contente com os novos clientes.

— Fiquem com meu número de telefone e me chamem se precisarem de algo. Qualquer coisa. Se houver necessidade de mantimentos ou algo da cidade, me avisem que levo ou encaminho para os senhores. Desejo uma ótima estadia.

O taxista então partiu e eles se dirigiram ao restaurante do hotel. Apreciaram a culinária exótica, a base de peixe com molhos picantes, e a sobremesa de sorvete com frutas da região. Se refrescaram no ar-condicionado e esperaram pelo voo, que atrasou cerca de vinte minutos. Quando o pequeno avião decolou, sentiram que a aventura estava realmente começando, e a beleza que podiam apreciar desde o alto era inimaginável.

Manaus é uma ilha fluvial urbana, localizada no centro da floresta amazônica, na margem esquerda do Rio Negro. Em frente à ilha ocorre o encontro dos rios Negro e Solimões, que, ao se unirem formam o Rio Amazonas. Mas, apesar de se unirem

nesse ponto, suas águas não se misturam. Por mais de 10 km é possível ver duas faixas de água de colorações diferentes, uma ao lado da outra. Uma faixa é escura, a outra é clara. As águas do Rio Negro são ácidas, as águas do Rio Solimões são barrentas. Apresentam composição química, velocidade e temperatura muito diferentes e precisam de um tempo de ajuste para se misturar. E é desse intervalo, antes que as águas se misturem, que surge um dos espetáculos mais lindos da natureza. Um espetáculo bicolor que podia ser visto de cima, rodeado pela beleza verde musgo da mata. O famoso encontro entre as águas de dois dos rios mais importantes da Amazônia.

George, o piloto, se mostrou um grande guia turístico e deu as boas-vindas aos passageiros, com entusiasmo:

— Bem-vindos ao Amazonas! Um lugar encantado, que nunca mais irão esquecer.

— Que lugar é esse?! – Perguntou Aristeu, fascinado com a paisagem.

— O paraíso na Terra. Um dos lugares mais fascinantes que podiam conhecer.

— Parece gostar muito daqui, mas tem um sotaque diferente... é de onde? – Perguntou Arnaldo ao piloto.

— São Paulo. Faz dez anos que moro aqui. Vim e me encantei. Nunca mais consegui deixar esse lugar.

— Então deve ser um lugar encantado mesmo, minha filha também veio para a floresta e não voltou mais. Faz três anos. Vou ao encontro dela. – Disse Aristeu, continuando a conversa.

— E o que ela faz aqui?

— É pesquisadora. Trabalha para o Instituto de Pesquisas e desenvolve um trabalho para a equipe de um famoso pesquisador, que também está interessado nas plantas medicinais da Amazônia.

— Nossa, que maravilha! Uma cientista. Todo o arquipélago é uma área protegida. Um lugar lindíssimo, onde se desenvolvem pesquisas sobre a fauna e a flora. Muitos medicinais são estudados na floresta. Mas nessa época de “cheia”, quando há

tanta precipitação, o arquipélago está quase totalmente submerso.

— Arquipélago submerso? – Perguntaram Aristeu e Arnaldo ao mesmo tempo.

— Vejo que os senhores não conhecem a região... Anavilhanas é um arquipélago, um conjunto de 400 ilhas. Praias de água doce. Porém, nessa época do ano, o arquipélago está submerso e parte da floresta inundada, em razão do nível de água no leito dos rios e consequente transbordamento.

Os dois amigos se entreolharam, estavam começando a achar que ignoravam muitas coisas e não faziam a mínima ideia para onde estavam indo.

— Desculpe... mas como é isso de o arquipélago estar submerso e a floresta estar inundada?! Eu nunca ouvi falar que florestas inundavam, muito menos que ilhas ficavam submersas. – Estranhou Aristeu.

— Todo ano é assim... uma parte da floresta inunda, e só é possível transitar pelas matas alagadas de barco. E o arquipélago desaparece, fica debaixo d'água. Só voltará a aparecer na época da seca. São praias lindas de areia branca e águas negras, mas não muito propícias ao banho, pois suas águas são bastante ácidas.

O piloto terminou a explicação e lançou um olhar de interrogação para seus interlocutores, percebendo, divertido, que eles não estavam entendendo nada.

— Vejo que isso tudo é novidade para os senhores, mas vou tentar explicar. A floresta amazônica é composta basicamente por três tipos de matas: florestas de terra firme (a maior parte); florestas de várzea ou *mangues*; e florestas alagadas ou *igapós*. E cada tipo de floresta apresenta um tipo de solo e um tipo de vegetação específico. Os igapós permanecem a maior parte do tempo alagados, e só é possível transitar nesse tipo de floresta em canoas. As matas de igapó são banhadas por rios de águas negras e possuem solos arenosos. As matas de várzea ficam alagadas somente durante uma parte do ano,

e apresentam um solo rico em nutrientes e a vegetação é mais alta e diversificada. São geralmente banhadas por rios de águas barrentas, os rios de águas claras. Me acompanham?

— Mais ou menos. Continue, por favor. — Respondeu Arnaldo interessado, sendo acompanhado por um movimento de cabeça de Aristeu.

— Aqui existem apenas duas estações climáticas no ano: seca e cheia. E tudo na floresta depende disso, da quantidade de chuva. Durante a seca, de maio a setembro, as chuvas diminuem e as águas baixam. Durante a cheia, de outubro até abril, os igapós alagam e só é possível transitar em pequenas embarcações, através dos *igarapés*, um tipo de curso d'água, bastante raso, que apresenta uma fraca correnteza e serve de caminho entre a vegetação, que pode estar parcial ou completamente submersa.

— Esses igapós, as partes alagadas da floresta... não existe vida ali, não é? Quero dizer, não existem animais vivendo nessa parte da floresta, não é mesmo? — Perguntou Aristeu ao piloto.

— Muito pelo contrário. Existem animais que vivem nesse tipo de floresta, e pessoas também. Comunidades inteiras.

— Mas como assim?! As pessoas são obrigadas a se mudar todo ano, durante a estação de chuvas? — Questionou Arnaldo, espantado.

— Não, de jeito nenhum. Permanecem no mesmo lugar. Essas comunidades são flutuantes. As casas são adaptadas para flutuar durante o período de alagamento e ficam presas por cordas, como barcos no ancoradouro. Na Amazônia existem, inclusive, restaurantes flutuantes. É bastante comum. Também é comum transitar de barco de um lugar a outro, esse é o meio de transporte mais utilizado. E existem animais adaptados para viver em florestas como essas. Assim como em qualquer outro ecossistema.

— É sério isso? — Espantou-se Arnaldo.

— Muito sério. A Floresta Amazônica é algo impressio-

nante, que desafia a imaginação. Ninguém fica indiferente a esse lugar e ninguém volta para casa, depois de estar aqui, sendo a mesma pessoa. Acreditem, esse lugar é mágico e inesquecível.

— Mas e o calor? – Perguntou Aristeu. – Quando melhora?

— O clima é esse mesmo, o calor é sempre constante. O que muda é a umidade, por conta da precipitação. Dias frescos nessa região, não existem. Mas acreditem, é possível se acostumar.

— Nisso, eu não acredito. – Ponderou Aristeu, categórico.

— Talvez porque os senhores sejam de uma região muito fria. Eu sou de São Paulo, mas não da capital. Morava em uma cidade quase na fronteira com Minas Gerais. E lá faz muito calor também. – George fez uma pausa para atualizar a rota. – Estamos quase chegando. Devemos nos preparar para pousar. Espero que tenham gostado do passeio, e lembrem-se: podem contratar um voo panorâmico pela região, no momento que quiserem. Fiquem com meu contato, terei prazer em contar um pouco da história maravilhosa desse lugar e mostrar outras paisagens lindas.

O papo estava tão bom e a paisagem era tão fascinante, que o voo acabou rápido demais. E sem perceberem, logo já estavam pousando nas margens do Rio Negro.

— Será um grande prazer voarmos juntos novamente. Não é, Arnaldo? Nós faremos contato, sim. Ainda não sei quanto tempo ficaremos por aqui, mas certamente o chamaremos para nos buscar. Esse foi o melhor voo da minha vida. Obrigado.

Piloto e passageiros se despediram com um aperto de mão e o avião deslizou lentamente pela água, se preparando para levantar voo novamente. E enquanto acenavam para George, um funcionário do *resort* acompanhado de um indiozinho, de uns oito anos, chegou até eles para dar as boas-vindas e carregar suas bagagens. Mas o voo espetacular não era a única surpresa do dia.

O *resort* também era algo impressionante: inserida em meio a uma clareira, dentro do verde da mata, estava uma imensa construção rústica central, rodeada por uma piscina que serpenteava todo o local. Em volta da construção estavam dispostos bangalôs e chalés com sacadas que se encostavam nas árvores.

— Mas, afinal onde estamos? Que lugar incrível é esse?
— Indagou Aristeu para Arnaldo. — Nas fotos não era tão espetacular assim.

— Faço-me a mesma pergunta. Como é possível uma estrutura dessas, no meio da floresta?

— Bom, parece que minha filha não está tão mal instalada como eu pensava. Jamais imaginei que houvesse algo desse tipo por aqui. Vamos entrar e conhecer nossas acomodações.



Ao chegarem na recepção foram recebidos por Dayse, a dona do *resort*, uma loira baixinha, de uns 40 anos, que usava uniforme do hotel e era muito simpática. Ela apertou as mãos dos novos hóspedes e se colocou à disposição para ajudá-los no que eles precisassem.

— É um prazer recebê-los. Espero que tenham feito uma boa viagem.

— A viagem foi fantástica. Especialmente de Manaus até aqui. — Respondeu Aristeu.

— Que bom. Mas imagino que estejam um pouco cansados... agora terão a oportunidade de se refrescar e descansar. Vocês vieram de Curitiba, não é? Imagino que estejam passando por uma adaptação climática. — Dayse fez esse comentário depois de analisar a aparência deles, um tanto descomposta.

— Sim, viemos de Curitiba. Estamos com uma aparência muito ruim? Será que damos a impressão de estarmos derretendo? Porque estamos! — Concordou Arnaldo, achando graça da situação.

— Um pouco... essa transição climática pode ser bastante traumática. Mas é assim mesmo. Todo mundo que chega aqui, sofre no início. Para quem não está acostumado é bastante desconfortável, mesmo. — Disse Dayse.

— Confesso que estou cozinhando dentro dessas roupas. E não vejo a hora de entrar em um local gelado, com ar-condicionado. — Confirmou Aristeu.

— Fiquem tranquilos. O clima daqui não é fácil para ninguém, mas para os turistas é bem pior. Muita umidade e calor constante. Mas estarão confortáveis em seus bangalôs. Temos todas as comodidades oferecidas pelos melhores hotéis de luxo e, ao mesmo tempo, oferecemos contato direto com a natureza e passeios inesquecíveis pela beleza exuberante da floresta. Assim que preencherem a ficha com os dados pessoais, mostrarei suas acomodações. — Informou, entregando uma ficha para cada um.

— Estamos impressionados com esse local. É mais do que esperávamos. — Disse Arnaldo.

— Construimos esse hotel com material totalmente reciclado e seguimos todos os protocolos de sustentabilidade e preservação do meio ambiente. Também damos emprego para a população local, inclusive indígenas que moram em aldeias próximas. Aquele menino que os recebeu junto com meu funcionário, é neto de uma das nossas camareiras. Ele vem com ela, às vezes, para fazer companhia e ajudá-la a remar o barco. Trazer a população local para trabalhar aqui proporciona inclusão social e a possibilidade de oferecer passeios exóticos aos hóspedes, sem riscos. É muito importante para nós que nossos hóspedes estejam acompanhados de quem conhece muito bem a região. Eu espero que apreciem os passeios. Terão oportunidade de escolher entre muitas opções.

— Estamos impressionados. Desde que levantamos voo, não deixamos de nos surpreender. E permita que me apresente melhor: sou Aristeu, o pai de Luísa Maldonado. A bióloga que trabalha na equipe do Dr. Gustavo Rangel.

— Ahhh... é mesmo? Uma jovem muito agradável e inteligente. Ela está hospedada no edifício principal. Por ser uma hóspede fixa é mais cômodo para ela. Imagino que Luísa esteja ansiosa esperando pela chegada dos senhores.

— Na verdade ela não sabe da nossa chegada. É uma surpresa que estou fazendo para ela. Faz dois anos que não a vejo. A que horas ela chega?

— Entre 19h e 20h. Geralmente, está aqui para o jantar. Mandarei avisá-los assim que ela chegar ou se preferirem, podem esperar por ela na piscina ou no bar do hotel. Da piscina é possível avistar todas as embarcações que chegam na margem do rio.

— Faremos isso. Vamos nos refrescar, descansar um pouco e a esperaremos na piscina.

— Venham comigo, então. Irei acompanhá-los até suas acomodações. Os bangalôs são bastante espaçosos e totalmente equipados. Mas se sentirem falta de algo é só chamar pelo interfone, tudo bem? Também pode pedir pratos rápidos a hora que quiserem. Nosso restaurante abre para o café da manhã, almoço e jantar. Nos intervalos, podemos oferecer alguns pratos e lanches.

— Eu gostaria apenas de fazer mais uma pergunta.

— Pois não, senhor Arnaldo?

— Quanto ao telefone e à internet... é possível fazer contato daqui?

— Essa é a nossa maior dificuldade. Nos comunicamos principalmente por e-mail, pois aqui é tudo por satélite. A comunicação é básica, não é possível baixar arquivos muito sofisticados ou pesados. Mas o conselho a buscar um cantinho dentro do bangalô, onde talvez consiga se conectar. Tem uma operadora que funciona melhor... mas nossos hóspedes costumam conseguir mais contato a partir da recepção do hotel. Acho que é o local onde a internet funciona melhor também. E se quiser, temos telefone móvel para alugar, que funciona via satélite.

— Certo. Vou tentar mais tarde e, se não funcionar, alugarei um aparelho.

— Vamos, então? – Convida Dayse.



Logo após as 19h, enquanto Arnaldo e Aristeu bebiam cerveja ao redor da piscina, um grupo de pessoas desceu de um barco, nas margens do rio. Eles se vestiam com bermudas, camisetas e sapatos abotinados, como se estivessem em um safári. Dois homens e uma mulher. Conversavam entre si, e pareciam muito concentrados.

A jovem entre eles era magra, de estatura mediana, cabelos escuros presos num coque e pele muito bronzeada. Os homens eram altos e tinham idades entre 30 e 40 e poucos anos. O mais jovem deles apresentava uma beleza incomum para um homem. Tinha os cabelos claros como areia, e um perfil imponente. Mas quem chamava a atenção era o outro. O homem que aparentava pouco mais de 40 anos parecia concentrar a atenção de todos ao seu redor, e mantinha um ar fechado. Quando eles foram se aproximando mais, a jovem olhou na direção da piscina e colocou as mãos na boca, antes de sair correndo e se jogar nos braços de Aristeu:

— Mas o que é isso, papai? Como foi que o senhor veio parar aqui?

— Eu sabia onde você trabalhava e onde estava morando. Não foi difícil chegar... bisbilhotei por aí, e cheguei. Trouxe o Arnaldo. Lembra-se dele?

— E como não iria lembrar? Foi até na minha formatura! – Respondeu Luísa segurando as mãos de Arnaldo e dando dois beijos nele, um em cada face.

— Eu a segurei no colo, também. – Comentou Arnaldo. – Você não lembra, mas eu nunca esqueci. Era uma menininha linda, que andava sempre com um cachorro. Que bom que nós a achamos.

— Sim, me acharam... mas podiam ter me avisado! Vocês quase me mataram de susto! Deixem-me apresentar o Dr. Gustavo Rangel e o Dr. Gregório Navarro. Trabalhamos juntos no Centro de Pesquisas.

Os dois homens apertaram as mãos dos hóspedes recém-chegados e trocaram amabilidades. Mas declinaram do convite para beberem algo juntos, pois não podiam se demorar porque estavam terminando algo ali perto, num laboratório improvisado num trailer ou algo assim. Rangel dispensou Luísa de acompanhá-los e pediu licença para se retirar.

— Eu posso ir até o laboratório ver como estão aquelas culturas... terei tempo para conversar com papai depois. — Ela se oferece.

— De jeito nenhum! Eu mesmo cuido disso. Nos vemos no jantar, mais tarde. Não se preocupe com o laboratório. Pelo menos hoje, deixe que eu cuido de tudo. É uma ordem. — Determinou Rangel, se afastando.

Luísa ia protestar novamente, mas como ele já foi saindo, ela não insistiu. E começou a tagarelar com o pai e Arnaldo, esquecendo-se rapidamente do assunto.

— Muito atencioso o seu chefe. Já li muito sobre ele... é uma aposta da comunidade científica.

— Sim, o Dr. Rangel é um homem muito inteligente e está desenvolvendo um trabalho sobre metástase celular que irá revolucionar o tratamento sobre o câncer. Ele já vem trabalhando nessa pesquisa há muitos anos e agora chegou num ponto crucial. Ele pensa que logo poderá isolar a célula deficiente que dá início ao tumor e com isso chegar finalmente na cura. O Greg... — Luísa corrigiu-se rapidamente. — O Dr. Navarro é infectologista e está ajudando nessa etapa. O Dr. Rangel trabalha demais, além de supervisionar o desempenho de toda equipe no centro de pesquisas, também trabalha no laboratório que montaram para ele aqui, improvisado em um trailer.

— É mesmo? Tem um laboratório montado no *resort*?

— Sim, a pesquisa é financiada por um laboratório alemão.

Montaram um laboratório pra ele aqui perto, assim ele tem mais tempo de se dedicar ao desenvolvimento da tese dele... trabalhamos no laboratório de Novo Airão e no parque ambiental, mas ele sempre dedica muitas horas do dia para essa pesquisa. É um gênio. Um gênio exausto, não tem tempo para nada.

— Pois eu espero que ele consiga achar a cura. Pessoas demais sofrem com esse mal. — Disse Arnaldo.

— Eu não posso falar muito sobre isso, mas posso adiantar que dentro de pouco tempo teremos uma revolução nos tratamentos conhecidos até agora. Talvez ele não encontre a cura definitiva, mas o controle da doença sim. E a quimioterapia e outros procedimentos invasivos não seriam mais tão necessários.

— Nossa... mas isso seria maravilhoso demais. A humanidade está esperando por isso há muito tempo, eu espero que você tenha mesmo razão. E se isso se tornar realidade, ele será um homem muito rico e famoso no mundo inteiro. — Comentou Aristeu.

— E o laboratório que tiver a patente desta descoberta também ganhará rios de dinheiro, porque a indústria farmacêutica lucra muito com os tratamentos e remédios para combater o câncer. É uma indústria milionária. Se isso se concretizar, muitos irão à falência. — Ponderou Arnaldo.

— Sim, existe esse aspecto também. Mas não creio que o Dr. Rangel se importe com dinheiro, e nem passa pela cabeça dele que alguém vai se importar em deixar de lucrar com a desgraça alheia. Ele quer achar a cura, ou o bloqueio do processo. Não pensa em outra coisa. Dinheiro para ele é uma coisa abstrata e só serve para pagar outras pesquisas. E a patente já é do laboratório que está financiando a pesquisa dele. Não creio que ele vá ficar com os créditos ou rico... mas isso não importa. Não para ele.

— É um homem altruísta? — Perguntou Arnaldo.

— Acho que é um homem obcecado pelo trabalho e por novas descobertas, um cientista. Ele é totalmente mental, e enquanto não chegar aonde quer chegar, não vai se dar paz. Ele

sabe que tem algo grande nas mãos e precisa chegar até o final disso.

Luísa então olhou para o relógio e comentou:

— Temos um jantar temático, hoje. Um jantar seguido de karaokê. Dayse faz questão que os hóspedes compareçam. Vocês já a conheceram? O que vocês acham? Quais os planos de vocês para hoje?

— Sim, conhecemos. É uma mulher muito simpática e gentil. Sobre o jantar, nós não fizemos planos... – refletiu Aristeu – ...pensei que iríamos jantar mais reservadamente, no bangalô, mas se você quer comparecer não vejo problema. O que você acha, Arnaldo?

— Por mim, não há problema tampouco.

— Ótimo. Esses jantares são tradição aqui no *resort*. Sabem aqueles jantares nos navios? Onde temos que nos sentar na mesa do comandante? Aqui também. Dayse faz um sistema de rodízio para incluir todos os hóspedes e assim todos jantam com os anfitriões na mesa central, em sistema de rodízio. Não é sempre que estou disposta, mas acho que hoje seria descortês não aceitar. Aconselho que vocês coloquem seus melhores ternos. Eu farei o melhor que puder também, apesar de que me contentaria apenas com minha camisola velha, um sanduba, banho e cama.

— Nós também nos sentimos assim... e quando eu finalmente cair naquela cama, não me levantarei tão cedo. Mas vamos nos arrumar. Onde nos encontramos? – Perguntou Aristeu.

— Podem seguir diretamente para o restaurante. Eu os aguardarei na entrada. Tudo bem?



E assim fizeram. Quando os dois amigos entraram pela porta do restaurante, deram de cara com um local iluminado por velas e uma decoração em estilo tropical, com uma mesa enorme de frutas no centro do salão. O restaurante tinha uma

parte coberta e uma área externa, onde estavam dispostas várias mesas que ficavam debaixo da copa das árvores. Luísa os esperava sentada em uma cadeira de vime na entrada, tomando um coquetel. Ela estava muito bonita, com um vestido longo de crochê branco e sandálias rasteiras douradas, combinado com um par de brincos longo e exótico, feito de ouro e pedras coloridas faiscantes. O cabelo estava solto e caía sedoso sobre seus ombros. Usava pouca maquiagem, apenas os cílios e os lábios ganhavam destaque em sua pele marrom chocolate.

— Como vocês estão bonitos! Pedi para prepararem um coquetel de frutas da região com cachaça artesanal. Querem beber aqui, ou vamos nos sentar?

— A nossa mesa é onde? Debaixo daquelas árvores? – Perguntou Arnaldo.

— Podemos nos sentar onde quiserem. É lindo, não é?

— Muito, querida. Eu tinha uma outra ideia sobre alojamentos na floresta. Imaginava que você estivesse passando por todo tipo de privações. – Confessou Aristeu.

— Foi-se o tempo... hoje as instalações são muito boas por aqui. Claro que existem pessoas em situações precárias, como toda a população ribeirinha, que não recebe nenhum tipo de assistência médica e são muito pobres. Mas em geral, temos muita coisa moderna na Amazônia agora. Muitos empresários construíram locais como esse, e há uma variedade grande de opções. Esse não é o único hotel, existem muitos outros e com essas mesmas comodidades. Tem também um hotel flutuante. O turismo é muito forte por aqui. Vamos nos sentar?

Enquanto caminhavam em direção à mesa, encontraram Dayse pelo caminho. Ela estava muito alegre e bonita, vestida com uma espécie de túnica branca, que a fazia parecer uma nuvem.

— Que bom que vieram! Amanhã seria uma boa ocasião para que se sentassem conosco. O que acham? Já temos hóspedes agendados, mas podemos aumentar os lugares na mesa.

Foi Aristeu quem respondeu:

— Seria uma honra, naturalmente. Agradecemos o convite.

Assim que se afastaram um pouquinho, Luísa cochichou:

— Viu? Não disse? Amanhã estaremos todos no meio do salão. Então, aproveitem a noite de hoje porque amanhã sere-mos o centro das atenções.



A noite estava linda, e a decoração, encantadora. As mesas já estavam quase todas ocupadas e o jantar começava a ser servido, quando o Dr. Rangel entrou no salão acompanhado de uma mulher extraordinariamente bonita. Os olhares se dirigiram todos para ela, e o ambiente pareceu mudar sutilmente, como o tempo bom que começa a se fechar sobre o mar azul, em uma tarde ensolarada.

— Quem é aquela mulher? — Perguntou Aristeu para Luísa, baixinho.

— A esposa dele. Christine.

— Esposa? Não imaginei que ele fosse casado... ela mora aqui com ele?

— Ela mora em Paris. Mas está passando uma temporada aqui.

— E onde foi que ele arrumou essa mulher? É belíssima!

— Na Alemanha. Conheceu-a durante o doutorado, ou quando trabalhava numa universidade... algo assim.

— Ela trabalha na equipe?

— Christine?! Ah, não. Era só o que faltava! Ela é milionária. Herdeira de um laboratório farmacêutico alemão. O mesmo que financia a pesquisa na qual ele trabalha.

— Ahhh... entendo.

— Não, papai. Não é isso... na verdade ele a conheceu depois que o laboratório liberou o patrocínio para a pesquisa dele e já estava trabalhando no projeto. O patrocínio é mérito dele. E não teria nenhuma dificuldade em conseguir o financiamento para suas pesquisas com outras empresas.

— Então, ele uniu o útil ao agradável. É um homem de muita sorte. – Disse Aristeu, galante.

Luísa não respondeu a essa última colocação, mas para Arnaldo ficou claro que ela não concordava com a opinião do pai.

Enquanto esse diálogo se desenrolava na mesa, ele observava ao redor e notou que o casal formado por Gustavo e Christine se acomodou na mesa central, junto com Dayse e o marido Moa. Assim que eles se sentaram, o garçom foi chamado e as bebidas foram encomendadas. Mas mesmo de longe dava para perceber que Rangel mantinha-se taciturno e calado, não participando da conversa. A entrada deles foi um momento estranho, como se tivesse provocado o aparecimento de uma corrente subterrânea invisível que quebrou a descontração que reinava até então, tornando o clima tenso.

Clima que só mudou no final do jantar, quando os hóspedes se dirigiam ao buffet de sobremesas e Dayse anunciou que o karaokê estava começando e sorteou Gregório para cantar a primeira música da rodada. No mesmo instante explodiram risadas e assovios dos colegas, mas Greg não se deixou intimidar e aceitou o desafio pegando o microfone das mãos da anfitriã. Ele não se fez de rogado e para surpresa de todos, cantou lindamente uma canção do Legião Urbana. No final foi muito aplaudido, e sem que ninguém pedisse, cantou mais uma. Dessa vez a escolha era uma canção italiana muito amada e cantada pelos italianos, de autoria de Domenico Mondugno: *Nel Blu Dipinto di Blu*.

*Penso che un sogno così non ritorne mai più
Mi dipingevo le mani e la faccia di blu
Poi d'improvviso venivo dal vento rapito
E incominciavo a volare nel cielo infinito*

*Volare, oh, oh
Cantare, oh, oh*

Encontro das Águas

*Nel blu dipinto di blu
Felice di stare in lassù
E volavo, volavo felice più in alto del sole
Ed ancora più su
Mentre il mondo pian piano spariva lontano laggiù
Una musica dolce suonava soltanto per me*

*Volare, oh, oh
Cantare, oh, oh*

Uma canção lindíssima que Gregório, assim como os italianos, cantava com alegria sem saber que havia sido escrita em um momento triste. Um momento de adeus. Versos de despedida para um amor que tinha chegado ao fim. Ou talvez ele soubesse. Talvez também cantasse aqueles versos para esconder a dor de um coração partido. A mesma dor que podia ser escondida atrás de um sorriso. Talvez... o certo é que a música provocou reações na plateia, inclusive em Rangel que falou algo rapidamente para Christine, cumprimentou os anfitriões e se dirigiu até a mesa onde Luísa estava.

— Eu vim me despedir, tenho que voltar para o laboratório. Mas gostaria de dispensar Luísa do trabalho amanhã, para que possam aproveitar a noite e organizar algum passeio, sem preocupação com o horário ou afazeres.

— É muita gentileza, mas não é necessário. Temos todo o final de semana para passear. Amanhã trabalharei normalmente. — Respondeu ela.

— Eu insisto. Você está dispensada desde agora. Só voltará ao trabalho na segunda-feira. Se quiser ir até a aldeia que iríamos visitar, tudo bem. Assim pode levar seu pai e o senhor Arnaldo para conhecerem uma aldeia indígena de perto. Eu pretendo fazer outras atividades, não poderei ir até lá amanhã e seria interessante que você fosse.

— Eu também agradeço a sua preocupação conosco, mas não quero causar nenhum transtorno. Podemos ficar no

hotel amanhã e no final de semana faremos os passeios. Não gostaria de desviar Luísa das obrigações dela. – Interferiu Aristeu.

— Já está decidido. Luísa tem o dia livre. Aproveitem o tempo bom. Pode virar de uma hora para outra. Boa noite.

Rangel queria ter sua decisão acatada e não prolongou a conversa, apertou a mão de Aristeu e Arnaldo e se encaminhou para a saída. Arnaldo o acompanhou com o olhar enquanto ele atravessava o salão, e sem querer cruzou o olhar com Christine. E foi como se tivesse sido atravessado por um raio.

Os olhos felinos dela tinham um brilho cruel, que ela não tentou esconder. Isso deixou Arnaldo desconcertado e quando Luísa pediu licença e saiu rapidamente da mesa tentando alcançar Rangel, ele também pretextou ir ao banheiro e ao chegar perto dos sanitários desviou em direção da porta de saída.

Assim que ele olhou para fora do restaurante, avistou Luísa e Rangel conversando sob as árvores. Estavam parcialmente ocultos pela vegetação e pela luz fraca, mas era possível distingui-los. Arnaldo demorou-se um pouco por ali, então fez meia-volta e entrou no banheiro masculino, demorando vários minutos antes de voltar para a mesa. Quando retornou, Luísa já estava sentada e conversando com o pai.

— Eu tinha que conferir umas amostras no laboratório. – Explicou ela. – Estava preocupada com isso, mas já está resolvido. Amanhã teremos o dia todo para ficarmos juntos. Não se preocupem em levantar-se cedo, podem descansar até quando tiverem vontade, pois irei à aldeia indígena logo cedo. Eu gostaria de verificar alguns pacientes do Greg. Papai deve se lembrar... eu fiz um curso de auxiliar de enfermagem quando estava no cursinho ainda. Lembra, pai?

— Lembro sim, minha filha. Confesso que nunca entendi a razão daquele curso.

— Hoje esse curso é muito útil para mim... a população ri-beirinha não recebe assistência médica nenhuma. Nem primeiros socorros ou controle da pressão arterial. É uma vida bem dura.

— Nenhuma expedição médica chega até aqui? O governo não envia médicos para cá? – Estranhou Arnaldo.

— Existem editais abertos, mas é difícil que algum médico queira vir para a floresta. Mesmo os recém-formados.

— Filha, não queremos causar nenhum inconveniente. Você tem certeza de que o seu chefe não precisa de você amanhã? Lembre que temos todo o final de semana pela frente.

— Não estão causando, papai. Na verdade ele quer ficar no laboratório, cuidando da pesquisa dele. Greg vai até o parque cuidar das coisas por lá e eu fiquei encarregada de ir à aldeia indígena. Fazemos um trabalho com o pajé a respeito de plantas medicinais e prestamos assistência médica possível e primeiros socorros para eles. O Greg é médico infectologista e tenta dar vacinas e outros atendimentos. O trabalho foi dividido, só isso. E eu poderei ficar com vocês.

— Se é assim...

— Vamos dormir? Confesso que tive um dia longo e vocês também precisam descansar. – Convida ela.



Enquanto eles caminhavam de volta para os bangalôs, Aristeu comentou a impressão que havia tido sobre a filha:

— O que você achou? Precipitei-me, não é? Luísa está muito bem, não parece ter qualquer problema.

Arnaldo estava pensando com seus botões, e não respondeu nada. Mas o olhar de Christine não saía de sua cabeça. Aquela mulher estava com muita raiva. A pergunta era: do quê? Ou de quem?

— Talvez não seja necessário ficarmos muitos dias por aqui e você possa retornar para os seus processos. – Continuou Aristeu.

— É você quem decide, amigo. Quando achar que devemos partir, partiremos. Por falar nisso, preciso tentar comunicação com a Trude, até agora não consegui falar com ela.

— Esse é o grande inconveniente daqui... além do lugar ser uma fomalha, é claro.

Despediram-se na entrada do bangalô de Arnaldo e combinaram de se encontrar na manhã seguinte. O primeiro que acordasse interfonaria para o outro. Arnaldo havia deixado o celular carregando sobre um balcão quando saiu para jantar e ao tocá-lo percebeu que havia uma mensagem de WhatsApp. Era de Trude, que o informava que estava chegando no sábado de manhã. Ele levou um susto e enviou outra mensagem:

“Cara esposa, acho que nossa viagem já está quase acabando. Luísa está bem e pretendemos retornar em seguida para Curitiba. A comunicação aqui é ruim. Aguarde nova mensagem minha.”

Ele esperava que a mensagem chegasse a tempo, antes de ela embarcar, pois se ela viesse teriam que alongar a estadia e a ideia não o agradava muito.

Apesar da beleza do lugar, não gostava de ter as roupas grudadas no corpo o tempo todo e nem da ideia de ser picado por algum mosquito transmissor de alguma doença exótica. Na verdade ele era um homem urbano demais e aquela aventura na selva não era algo que quisesse prolongar. Tomou uma ducha rápida e foi dormir. Assim que encostou a cabeça no travesseiro, adormeceu.

Só foi acordar perto das nove horas da manhã seguinte, por causa dos raios de sol que se infiltravam pela janela e pelo ruído causado pelo canto dos pássaros. Levantou-se de um salto e abriu as cortinas. O bangalô possuía paredes de vidro que permitiam ver a mata. Estava dentro do verde, banhado pelo sol. Aquele foi o mais belo despertar de sua vida e pela primeira vez se sentiu integrado a algo. Foi apenas uma breve sensação que durou um rápido momento, mas compreendeu que fazia parte de algo, que era parte daquela natureza, e não uma peça isolada. Saiu para a varanda e ficou ainda mais admirado. Pássaros e saguis dividiam os galhos de árvores, que tocavam o bangalô. Ele voltou para dentro para buscar frutas, e ofereceu para eles.

O sagui, ao ver a banana, a arrancou de suas mãos sem cerimônia. Arnaldo se divertiu com o gesto e depositou as outras frutas por ali, para que os pássaros também pudessem se alimentar. O momento era mágico e ele queria fotografar, mas ao mesmo tempo não queria espantar seus novos amigos e ficou ali, apenas admirando-os. Quando entrou, foi ver o telefone e novamente havia uma mensagem da esposa:

“Caro marido, me agrada demais a ideia de uma lua de mel na floresta. Lembra-se? Dona Antônia está muito bem de saúde e me incentivou a ir. Estou embarcando, me aguarde aí. Trude.”

Arnaldo não acreditou no que lia... lua de mel?! A estadia seria mais longa do que ele imaginava. Enviou outra mensagem com o contato do taxista e do piloto. Trude era uma mulher decidida, se ela queria vir para a Amazônia então nada iria impedi-la. Tentou chamar Aristeu pelo interfone, mas ninguém respondeu. Achando que o amigo ainda dormia, vestiu uma bermuda e uma camisa de mangas curtas para tomar o desjejum na piscina. Já que estava ali, o jeito era aproveitar. Deixaria que Aristeu dormisse mais um pouco e descansasse bastante. Mas quando chegou na piscina e fez o pedido para o garçom, foi informado de que Aristeu estava aguardando sua chegada.

Olhou na direção em que o funcionário apontava e viu seu amigo sentado debaixo de um guarda sol, olhando para um ponto fixo na beira da piscina. Ele olhava para uma loura de maiô branco, que estava dentro da água com um copo na mão. Era Christine Hardt. A luz do sol ela era ainda mais bela. Seus olhos eram quase transparentes, da cor da água do mar, e refletiam o verde e o azul com a mesma intensidade. Seu cabelo, naturalmente loiro, estava cortado reto e chegava logo abaixo da nuca. A pele tinha um leve tom de dourado. Assim que Arnaldo a viu, percebeu que o amigo não era o único a olhar para ela. Christine estava falando algo em inglês para um dos funcionários, de uma forma muito ríspida, chamando a atenção dos demais hóspedes e causando constrangimento.

— Então, você levantou cedo e nem me chamou.

— Bom dia, Arnaldo. Nem vi você chegar.

— E como você iria me ver se estava olhando para aquela loura de olhos faiscantes, ali?

— Não são apenas os olhos que são faiscantes, meu amigo. O gênio dela também é.

— Mas o que está acontecendo?

— Não quero ser indiscreto, mas parece que ela está bebendo um pouquinho demais... bebe um copo e já pede outro. Os funcionários não sabem como lidar com a situação, e ela exige ser atendida.

— Faz tempo que ela chegou?

— Mais ou menos meia hora. E já estava bebendo um drink. Achei estranho... mas ela continuou a beber e se continuar assim, as coisas sairão do controle. Não gostaria de estar na pele dos funcionários.

Mas a situação acabou sendo controlada por Gregório, que, ao passar pela recepção, notou a cena que se desenrolava na piscina e convenceu Christine a sair da água, ofereceu uma toalha e a fez se sentar em uma cadeira. Em seguida, pediu um prato de petiscos e a fez tomar uma Coca-cola.

— Bom... parece que as coisas foram contornadas. E Luísa, onde está?

— Perguntei por ela e me disseram que saiu com o barco, mas voltaria antes do almoço.

— Então vamos aproveitar a manhã de sol enquanto ela não chega. Estou com vontade de dar um mergulho. Acho que para aguentar nesse lugar, é só dentro da água mesmo... e talvez minha estadia não seja tão breve quanto pretendia. Recebi uma mensagem da Trude essa manhã. Ela insiste em vir pra cá também, acredita?

— Por mim não há problema. A pressa é sua... e não tenho nada me esperando em casa, e dentro do bangalô é bem confortável e o ar-condicionado funciona maravilhosamente, então...

Encontro das Águas

— Ela acha a ideia da floresta encantadora... vai entender essas mulheres! Eu disse que não nos demoraríamos, mas ela disse que chega amanhã.

— Amanhã?

— Exato.

— Mulheres... mas deixe que ela venha. Passar uns dias a mais aqui, não vai fazer mal nenhum. Há muita coisa para visitar. Conforme-se. Já pediu o café? Eu tomei e achei maravilhoso. Comi um bolo de mandioca divino. Experimente para você ver.

— Sim, pedi. Já devem estar trazendo.

O café do hotel era realmente algo fora do comum: frutas, sucos, bolos, pão assado no forno de tijolo... manteiga caseira. Arnaldo se surpreendeu com o próprio apetite. Costumava apenas tomar uma xícara de café puro pelas manhãs, mas comeu bastante bem e ainda ficou querendo mais.

— Não disse? Aqui come-se muito bem. E esse pão é uma maravilha.

— Também achei. Tudo rústico e delicioso.



Eles passaram a manhã preguiçosamente ao ar livre. Enquanto Arnaldo nadava na piscina com vista para o rio, Aristeu lia um livro que emprestou do hotel. Pouco antes das 11h, Luísa chegou. Uma embarcação média, de dois andares, aportou no píer do hotel e ela desceu, carregando cestos e mais cestos de vime. Como sempre acontecia, um funcionário do hotel logo apareceu para ajudá-la e Aristeu também foi até ela.

— Bom dia, papai. Como passou a noite?

— Dormi bem, mas acordei no horário de sempre. Estou velho, não consigo dormir muito.

— O importante é que esteja descansado para passearmos. Pedi ao Argemiro para esperar, assim não tenho que chamar outro barqueiro. Onde está o Dr. Arnaldo?

— Na piscina. Vou ajudá-la com essas coisas e depois chamá-lo.

— Não precisa, já estou aqui. Deixem-me ajudá-los. Para onde levamos isso? – Perguntou Arnaldo, que chegava correndo naquele momento.

— Podem deixar na recepção que os funcionários levarão até meu apartamento, por favor. Eu acabei ganhando todas essas coisas lá na aldeia. Quis pagar, mas não deixaram de jeito nenhum. Não acho justo, mas também não quis ofendê-los. São peças de artesanato, inclusive de vestuário, belíssimas.

— Eu percebi que você usa peças muito diferentes... não imaginava que fossem encontradas aqui. – Observou Arnaldo, impressionado.

— São sim... têm muitas coisas lindas na aldeia e na galeria de Manaus. Podemos ir até lá se quiserem olhar mais de perto. Sabem de uma coisa? Preciso de algo para beber. E acho que devíamos levar algumas garrafas de água... também acho que vocês deveriam usar sapatos abotinados ou botas, para andarmos por aí. Se não trouxeram, podemos conseguir algo no hotel, talvez... tem uma boutique com esse tipo de itens para venda, aqui.

— Por que devemos usar botas com esse calor? – Questionou Aristeu.

— Porque estamos na mata e é bom se prevenir contra picadas de animais.

Arnaldo e Aristeu se entreolharam.

— Que tipo de animais poderiam nos picar? Mosquitos? – Perguntou Aristeu, desconfiado.

— Mosquitos? Não. Para isso usamos repelente, e os mosquitos não proliferam nessa região devido à acidez da água do rio. Refiro-me a outros tipos de animais. Estamos na mata... existe todo tipo de bicho. Temos que prevenir eventuais picadas de cobras.

— Cobra? Picada de cobra?! Luísa, eu acho melhor ficarmos no hotel.

— Parem com isso! Papai, todo mundo usa botas e uma proteção sobre elas. É normal por aqui. Mas nós vamos andar apenas de barco, não vamos entrar na mata hoje. Olha só... en-

quanto vocês se vestem com algo mais adequado, eu vou me sentar e beber algo, ok? Estou com muita sede. Mas passem antes na recepção e peçam para ir à boutique do hotel. Compre capas de chuva também, é mais garantido. Em qual mesa vocês estavam?

Sem saída, eles tiveram que acatar a sugestão dela e voltar ao bangalô para colocar as roupas sugeridas e os sapatos mais fechados que encontraram. Ao voltarem para a mesa, quase esbarraram em Christine que saía apressada e empurrando tudo pela frente, deixando Greg sozinho e embaraçado.

— O que foi que houve? – Perguntou Aristeu para a filha.

— Não sei... se levantou de repente e saiu.

— Ela sempre se comporta assim?

— Infelizmente. Vamos?

Antes de se retirarem, acenaram para Gregório, que respondeu ao aceno e sorriu.

— Esse rapaz está sempre bem-humorado e sorridente. É muito prestativo. Cheguei a ficar com pena dele, agora. – Comentou Aristeu.

— Ele tem paciência. Ainda bem que alguém tem! Vamos para o barco? – Convidou Luísa.

— Não me parece correto isso... essa mulher é tão bonita. Mas parece tão infeliz...

— Papai, papai... o que uma mulher bonita não faz, né? Já mexeu com o seu coração. Porém, ela não é obrigada a ficar aqui se não gosta do lugar e das acomodações... mas vamos deixar isso para lá e cuidar do nosso roteiro. Quero apresentá-los ao Argemiro, o barqueiro. Ele é um excelente guia turístico, nascido aqui na região e vai me corrigir caso eu fale alguma bobagem sobre a Amazônia. Né, Argemiro? – Disse ela na entrada do barco.

— Imagine... eu sou um barqueiro, a senhora é uma cientista.

— Eu sei algumas coisas porque estudei, você sabe por que nasceu aqui e conhece tudo como a palma da mão. E ago-

ra nós vamos contar para esses dois senhores, tudo que nós aprendemos nesses anos todos de luta. Me ajuda, Argemiro?

— A senhora não precisa de ajuda. Não tem nada que já não saiba. Já faz parte desse lugar, assim como eu.

— Bom, vamos começar falando do rio então. Esse rio onde vamos navegar... se chama Rio Negro e nasce na Colômbia, entrando no Brasil através de um pequeno município do Amazonas. Recebeu esse nome porque suas águas são escuras, devido à acidez. A região onde nós estamos se chama Anavilhanas, um arquipélago fluvial com mais de 400 ilhas. Desde 1981 se tornou uma área de preservação ambiental. Vamos lembrar das aulas do ensino básico? Qual a definição de ilha?

— Porções de terra rodeadas por água. — Foi a resposta rápida de Arnaldo.

— Muito bem. Resposta certa. E as ilhas dessa região são ilhas de água doce e estão rodeadas pelo Rio Negro e seus canais. Para que vocês entendam exatamente como as coisas são, peço que imaginem o nosso rio de águas turvas como uma avenida e seus canais como ruas e alamedas. Nós iremos transitar por essa avenida e por suas ramificações. Só que essa avenida é feita de água e na temporada de chuvas, como agora, o volume de água transborda pela margem do rio e inunda algumas porções de florestas e as próprias ilhas, que ficam submersas. Parcial ou completamente.

Luísa tomou um gole d'água e continuou:

— O rio transborda em consequência das chuvas e do degelo dos Andes. A Amazônia é controlada por esse fenômeno e tudo aqui gira em torno desse ciclo. As águas desse rio, tão importantes para o desenvolvimento de tantos biomas e ecossistemas. Estamos navegando em águas tranquilas, espelhadas e transparentes. É possível ver refletidos em sua superfície o céu azul e as árvores das florestas. O nascer do sol é um dos espetáculos mais incríveis, proporcionados por esse espelhamento.

— É maravilhoso tudo isso. Vimos do alto essa paisagem,

quando chegamos de avião. Eu não fazia a menor ideia disso tudo.

— A maioria das pessoas não faz, papai. Por isso quis fazer esse passeio com vocês, para poder explicar tudo em detalhes. Não quero que vão embora sem conhecer de verdade a Amazônia. Acreditem: é maravilhoso. Ninguém sai daqui indiferente. Hoje irei levá-los até o Flutuante dos Botos, que, juntamente com a Vitória Régia, é um dos símbolos da Amazônia. Sabem por quê?

— Eu não tenho ideia. – Respondeu Arnaldo.

— Nem eu. – Concordou Aristeu.

— São símbolos da Amazônia porque os botos são animais originários da bacia amazônica e só podem ser encontrados aqui. Eles são parentes dos golfinhos, mas ao contrário deles, são cetáceos de água doce. Não se desenvolvem em águas que apresentam salinidade. E as flores chamadas de Vitória Régia também são originárias da Amazônia e dependem do clima daqui para florescer. São flores noturnas, que só abrem à noite e dependem da temperatura da água para completarem seu ciclo de reprodução. Mas nós faremos esse passeio amanhã. Quero que conheçam essa flor ornamental raríssima, mas hoje ficaremos com os botos.

— Minha esposa chega amanhã, talvez ela possa nos acompanhar.

— Mas é claro que sim! Faremos um passeio noturno e prepararei um cenário romântico, para que seja inesquecível, eu prometo.

Luísa então continuou explicando:

— Nós estamos indo ao município de Novo Airão, onde está localizado o Flutuante dos Botos. Ali é possível vê-los de perto e se aproximar... mas nem tanto, pois esses animais ficam estressados com a presença constante de humanos e estão na lista de animais com risco de extinção. O flutuante hoje pertence ao Instituto Chico Mendes de Conservação Ambiental, mas já foi um restaurante particular. A dona deste restaurante

começou a alimentá-los e por isso eles aparecem ali, em horários determinados, em busca de alimento.

— E por que eles estão sob risco de extinção? – Perguntou Arnaldo.

— A principal razão é a caça. Por serem muito dóceis e sociáveis, acabavam sendo caçados e mantidos em cativeiro. Porém no cativeiro eles não se reproduzem, provavelmente devido ao estresse, e com isso a população de botos diminuiu muito. Em 1981 Anavilhanas se tornou uma Estação Ecológica Protegida, e a partir de 2008 se tornou Parque Nacional. A caça e a pesca foram definitivamente proibidas. Só é permitido caça e pesca de subsistência, praticada pelas comunidades ribeirinhas. O Instituto também proíbe todo tipo de exploração de madeira e de minérios na região. Hoje, Anavilhanas é um centro de pesquisa científica e um local de turismo sustentável.



O barco continuou deslizando pela água negra do rio por cerca de vinte minutos ainda e Luísa os convidou para subirem ao andar de cima para apreciarem a beleza da paisagem. Anavilhanas era um mundo feito de água. Água escura como Coca-cola, onde os raios de sol se derramavam em sua superfície criando um mosaico de cores fantásticas.

— Como é possível criar essas cores? São suaves e fortes ao mesmo tempo.

— Esse é um dos mistérios da Amazônia. Um de muitos. Aqui tudo é silêncio e água. Chegamos, vamos descer? Quer ir conosco até a plataforma ou vai ficar aqui nos esperando? – Perguntou Luísa para Argemiro, quando o barco parou.

— Fico por aqui, se a senhorinha não se importar. Vou tirar um cochilo. – Respondeu o barqueiro.

— Certo, então. Daqui a pouco voltamos. Quero levar meus convidados até um restaurante flutuante, comer uma comida bem típica.

— Iremos para onde a senhora quiser.

A sede do Parque Nacional de Anavilhanas estava localizada no município de Novo Airão, assim como o antigo restaurante frequentado pelos botos. O grupo desceu da embarcação no píer e se dirigiu até a plataforma do flutuante, sendo recebidos por funcionários do local, que, ao reconhecerem Luísa, quiseram liberá-la de assistir o vídeo sobre o local e os cuidados que os turistas deveriam ter com os botos, mas ela não aceitou. Ao entrar na casa de madeira flutuante, enfeitada com esculturas de botos, se dirigiu para a sala onde o vídeo estava sendo exibido num telão. Somente depois de assistirem às imagens é que foram até o local onde os botos estavam sendo alimentados com peixes. Ao atirar o peixe para cima, eles davam gritinhos de alegria e saltavam para alcançar o alimento.

— Qual a principal diferença entre os botos e os golfinhos? – Perguntou Aristeu ao ver a cena.

— Fisiológica e anatomicamente não apresentam diferenças, apenas na cor da pele: os golfinhos apresentam pele cinza e os botos são rosados ou avermelhados. Quanto ao *habitat*, os botos são de água doce e os golfinhos são marinhos. Apesar de que algumas espécies de golfinhos podem ser encontradas em rios de água doce, desde que apresentam uma certa salinidade. Só que os golfinhos estão distribuídos no mundo todo, enquanto os botos só podem ser encontrados na bacia amazônica. Por isso é tão importante a sua preservação.

— Eu já tive a oportunidade de interagir com golfinhos, bem de perto, em Cancún. São seres amáveis e muito inteligentes. Os botos fazem os mesmos ruídos e têm a mesma alegria. – Constatou Arnaldo.

— Mas em cativeiro essa alegria se transforma em depressão. Eles são animais solitários, mas livres.



Depois da experiência com os botos, o grupo voltou para o barco e Luísa pediu que Argemiro os levasse para um restaurante flutuante bem conhecido. Chegando lá, ela convidou o barqueiro para que os acompanhasse na refeição e teve muita dificuldade para convencê-lo, mas no final conseguiu. Sem graça no início, Argemiro se mostrou um grande conhecedor da culinária local e aconselhou alguns pratos exóticos, apimentados e deliciosos.

A culinária do norte do país tem origem indígena e pode ser considerada a verdadeira culinária brasileira, pois não tem influência de nenhuma outra culinária. Nem da africana e nem da europeia, como ocorre com o restante dos estados brasileiros. Na culinária da Amazônia são valorizados os peixes e as farinhas fabricadas a partir da mandioca, acompanhadas de pimentas da terra. A Amazônia produz vários tipos de pimentas, que são exportadas para o mundo todo. Com tantas opções de cardápio, eles ficaram indecisos e acabaram pedindo um pouco de cada coisa: peixe ao forno acompanhado de tucupi e uma caldeirada de pirarucu acompanhado de farinha de mandioca e pimenta da terra. Mas para beber, preferiram a tradicional cerveja. O gosto da comida era diferente de tudo que Aristeu e Arnaldo já haviam provado, mas delicioso. Enquanto comiam, Argemiro contava os “causos” da floresta e as inúmeras lendas sobre botos e outros animais, ao mesmo tempo que observavam a paisagem através das enormes janelas do restaurante. Uma paisagem bucólica, sensacional e indescritível. Terminaram o almoço com sorvete de cupuaçu e antes de partirem compraram licores, aguardentes e bombons na lojinha do restaurante.

O trajeto de volta foi feito sem pressa, para absorver toda aquela imensidão e beleza. Luísa vinha sentada ao lado do pai, com a cabeça em seu ombro. Ninguém falava nada, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Mas de repente o tempo fechou e caiu uma chuva torrencial, sem aviso prévio, fazendo com que eles buscassem proteção no interior do barco.



Enquanto eles passeavam pelo rio, Rangel e Gregório trabalhavam no laboratório improvisado no *resort*. E ao olhar pelo microscópio mais uma vez, Rangel sorriu. Ele raramente sorria. Na verdade ele estava exultante e chamou seu subordinado:

— Conseguimos. Deu certo. O tumor diminuiu mais de 80%!

— Tem certeza?

— Absoluta. Acabo de analisar a amostra pela milésima vez. Precisamos fabricar mais amostras dessa mesma fórmula, temos pouco no estoque, apenas quatro frascos. Faça isso agora mesmo!

— Claro. Imediatamente.

O bioquímico não era de expressar emoções e tinha um semblante quase sempre fechado, mas aquele era o momento pelo qual havia esperado a vida inteira. Ele sabia que havia uma resposta, e procurou essa resposta por anos e anos, reiniciando sua pesquisa do começo diversas vezes. O câncer tinha controle e, talvez, cura. E, finalmente, ele encontrara o caminho. Ou talvez jamais encontrasse a cura, mas se conseguisse o controle da metástase, sua vida já teria valido a pena. Ele sentia vontade de chorar e gritar, mas apenas se levantou de um salto e foi até a geladeira onde guardava os frascos de líquido amarelo. Havia quatro. Ele tirou um e transferiu o líquido para uma seringa. Guardou a seringa no bolso e saiu em direção à recepção do hotel. Chovia muito e ele teve que pegar uma capa antes de sair. Quando entrou na recepção, encontrou Dayse ao telefone.

— Posso ajudá-lo? – Perguntou ela.

— Onde está o Toby?

— No lugar de sempre... onde ele gosta de ficar.

— Leve-me até lá.

Dayse o fitou com uma interrogação no olhar, mas não fez perguntas. Desligou o telefone e seguiu para os fundos do

edifício central, onde morava com Moa e seu cachorro vira-latas, chamado Toby.

Encontraram o cão dormindo debaixo de uma área com cobertura transparente, que dava para um jardim. Rangel o olhou longamente.

— Preciso que você o distraia com algo para comer. De preferência com um pedaço de carne. Pode ser?

— Claro, vou providenciar. — Respondeu sem hesitar.

Nessa altura Toby já estava desperto e veio cheirar a visita, que o acariciou na cabeça. Poucos minutos depois, Dayse voltou com algumas almôndegas de carne e ofereceu para Toby, que aceitou de imediato.

— Acho que seria melhor que você o amarrasse antes de dar a comida. Tudo bem?

Dayse o encarou, mas não ousou perguntar o motivo daquilo tudo.

— Tudo bem. Vou buscar a guia. Volto já.

— Como ele tem passado?

— Um pouco sonolento... acho que a medicação o deixa assim... passa várias horas dormindo embaixo das árvores.

Rangel olhou com carinho para o lindo cachorro preto e branco e lembrou do dia que Dayse chegou chorando no *resort*, depois de buscar os exames clínicos do animal em Manaus. Ele estava com um tumor no rim e precisava ser operado com urgência. Apesar de o atendimento ter sido rápido e ela não ter economizado em nada para poder tratá-lo com tudo o que havia de melhor, depois de alguns meses apareceu outro pequeno tumor no estômago. Toby teria que voltar a fazer cirurgia e quimioterapia, e Dayse achava que não seria capaz de suportar vê-lo sofrendo novamente. Enquanto Rangel lembrava esses episódios, ela voltou com a guia e amarrou o cão numa pequena árvore ornamental, que ficava no jardim interno. Em seguida serviu as almôndegas para ele, enquanto o bioquímico injetava aquela substância amarela em seu corpo. Dayse continuou sem perguntar nada, apenas rezou para que

funcionasse. Rangel também não parecia disposto a dar maiores explicações, apenas disse antes de partir:

— Eu irei acompanhá-lo daqui para a frente. Farei tudo o que puder por ele. Daqui uns dias faremos exames laboratoriais, tenho que monitorá-lo.



Nesse meio tempo, o barco chegou ao píer do *resort* e desceram Luísa, Arnaldo e Aristeu carregados de embrulhos e garrafas, sendo ajudados pelo barqueiro. Logo em seguida, Tupã chegou correndo ao encontro deles, como sempre, e ganhou uns mimos de Luísa e afagos de todos.

— Você entende minha língua, Tupã? – Perguntou Arnaldo.

Foi Luísa quem respondeu por ele:

— Entende, sim. O idioma nativo dele é o tupi guarani, mas entende português também. Ele entende tudo o que falamos e, às vezes, responde.

— Tupã... eu comprei uns doces para você e trarei brinquedos quando for a Manaus. Tudo bem? Você gosta de doces? – Perguntou Arnaldo, entregando um embrulho ao menino indígena.

A resposta de Tupã foi um largo sorriso e as mãos estendidas para receber os pacotes. Logo em seguida, saiu correndo de novo, esquecendo que tinha vindo para ajudá-los.

— Parece que ele gostou. – Disse Aristeu.

— Crianças... – Comentou Arnaldo.

— Não é difícil agradá-los. Qual criança não gosta de um presente? Eu adorava! – Respondeu Luísa.

— Sim, você adorava... ganhar cachorrinhos e gatinhos. Esses eram os únicos presentes que lhe interessavam.

— Eu me lembro disso... – admite ela – ...tinha vários gatinhos e cachorrinhos em casa... adorava todos eles e não queria dar para adoção. A mamãe ficava doida, coitada. Mas

mudando de assunto... vocês estão preparados para o jantar dessa noite?

— Jantar?!

— Jantar?!

— Esqueceram-se, não foi? Somos convidados de honra.

— Nossa, eu tinha me esquecido. Confesso que gostaria de faltar a esse compromisso. Por que não jantam vocês dois com os anfitriões? – Sugeriu Aristeu.

— Porque seria descortesia, papai. A menos que o senhor não esteja se sentindo bem... está indisposto?

— Não... longe disso. Esse foi o dia mais feliz da minha vida, estou ótimo. Mas sou velho, o dia foi longo e preciso de descanso.

— Hummm... e quais seriam seus planos para essa noite? Seus planos de idoso?

— Ler, descansar na varanda... talvez comer uma saladinha mais tarde e dormir.

— São planos maravilhosos. – Concordou Arnaldo.

— Já vi que vou tomar um bolo. Sabem de uma coisa? Não seria mal descansar essa noite. Vou pedir a Dayse para transferir o jantar para amanhã. O que acham?

— Seria ótima ideia. E como amanhã teremos a companhia da esposa do Arnaldo, será ainda melhor. Por favor, faça isso por nós, minha filha. Transfira o compromisso para amanhã.

— Farei. Também quero me jogar na cama e tirar um longo cochilo. Se precisarem de mim, é só interfonar. Certo, senhores?

— Certo. Mas antes deixe-me agradecer por esse dia maravilhoso. – Falou Aristeu enquanto colocava os braços em volta dos ombros de Luísa. – Penso que foi o dia mais bonito da minha vida... quase não consigo acreditar que criei um ser humano tão encantador como você, minha doce filha.

— Ihhh... começou a ficar sentimental!

— Eu também quero agradecer por esse dia mágico passado em sua companhia. Esse é um dos motivos de querer me

recolher... para guardar mais tempo comigo essas imagens. — Falou Arnaldo.

— Está bem. Vocês me convenceram. Falarei com Dayse e sintam-se liberados para passar a noite livremente, sem fazer nada! Não precisam me bajular mais!

E assim, alegremente, o grupo acenou para Argemiro que se retirava com o barco e seguiu pelo caminho que levava ao *resort*.



Quando os velhos amigos chegaram na entrada do bangalô de Arnaldo, estavam nostálgicos e olhavam para a noite que começava a cair. Despediram-se com um aperto forte de mão e combinaram de se encontrar na manhã seguinte para tomarem juntos o café da manhã. Quem acordasse primeiro ligava para o outro. E Aristeu seguiu adiante pela trilha, enquanto Arnaldo se encaminhava para o interior de seu bangalô. Mas ao entrar se surpreendeu... atravessado no corredor de entrada, estava um carrinho de limpeza, desses usados pelas camareiras de hotéis. E sentada no sofá da saleta, estava uma mulher indígena de meia idade, aparentemente passando mal. Quando ela o viu, ficou muito nervosa e tentou se levantar, mas sem êxito. Estava com algum mal físico muito intenso, pois quase caiu de volta na poltrona.

— Por favor, não se levante. Está se sentindo bem? Quer que eu chame alguém, um médico?

— Não, não chame ninguém não, senhor. Moama já vai saindo... o senhor desculpe... Moama não senta na hora do serviço. Mas Moama não estava boa... desculpe, não fale nada pra Dona Dayse.

— Fique tranquila. Vou buscar um copo de água. Continue sentada.

Arnaldo voltou com um copo de água fresca e deu para ela beber. A pobre mulher o olhava com o canto do olho, visivelmente constrangida e assustada.

— O que foi que houve? Não seria melhor avisar a pro-

prietária? A senhora precisa de um atendimento médico, me parece.

— Não, Moama não precisa médico. Moama nunca foi no médico. Foi só um susto...

— Susto? Mas que susto foi esse, que a deixou nesse estado?

— Moama não pode falar... aquela mulher é muito malvada. Moama tem medo, não quer perder o serviço. Moama precisa do dinheiro que eles pagam.

— Do que a senhora está falando... quem foi que a assustou?

— Aquela mulher malvada... ela sempre grita com Moama, mas hoje...

— De qual mulher a senhora está falando? Quem gritou?

— Moama não pode falar. Moama já falou demais. Moama tem que limpar os outros bangalôs e precisa desse trabalho. O doutor não deve perguntar mais nada *pra* Moama.

— Precisa do trabalho, mas não é obrigada a aturar maus tratos. Como qualquer outro funcionário a senhora tem direitos e não deve tolerar abusos. Conte-me... o que foi que aconteceu?

Moama o olhou ressabiada, mas acabou falando:

— Aquela mulher malvada atirou um vaso em Moama e gritou muito forte. Moama não fez nada, só ia limpar o quarto.

— Mulher? De qual mulher a senhora está falando?

— Aquela mulher com olhos de serpente.

Arnaldo então lembrou do olhar de Christine no restaurante... aquele olhar cheio de ódio.

— Olhos de serpente? Christine? É dela que a senhora está falando?

— Essa. É dela sim. Mas não conte nada disso pra ninguém, foi só um susto. Ela grita com todo mundo. É uma mulher muito infeliz.

Era a segunda pessoa naquele dia que afirmava que Christine era infeliz. Confuso, Arnaldo perguntou:

— Ela é uma mulher muito rica e muito bonita, por que a senhora acha que ela é infeliz?

— Porque ela está sempre gritando, sempre nervosa.

Fazia sentido. Arnaldo não deixou de pensar que o raciocínio de Moama era muito lógico.

— Eu creio que dona Dayse deve saber o que se passou... imagino que ela não concorde que os hóspedes maltratem os funcionários. A senhora precisa contar para ela o que houve. E precisa ver um médico, parece estar com problema para respirar... o melhor seria chamar o Dr. Gregório. Talvez ele esteja no laboratório. Vou interfonar.

Mas assim que Moama ouviu aquelas palavras ficou com o rosto vermelho e começou a tremer. Sua situação pareceu se agravar e para não piorar as coisas, Arnaldo desligou o interfone e se sentou ao lado dela calmamente.

— Moama, eu não vou chamar ninguém se isso for deixá-la mais nervosa. Eu quero que a senhora se acalme, e fique aqui o tempo que precisar para melhorar. Não tenha pressa de ir embora. Eu não vou falar nada para ninguém sobre o acontecido, mas acho que sua patroa deveria saber, e penso que o melhor é que a senhora mesmo conte.

Mais aliviada, ela foi se levantando e agradecendo Arnaldo por se preocupar com ela.

— O senhor é homem bom. Moama já ficou melhor. Vai terminar o serviço e já vai *pra* casa, com Tupã. Tupã é menino bom, mas corre muito por aí, melhor levar *pra* casa. Com aquela mulher é melhor não mexer... ela tem olho ruim, olho de serpente. E uma serpente quando *tá* com raiva, pode picar. É melhor deixar ela quieta.

— Mas e o marido dela? O Dr. Rangel? Ele já maltratou a senhora?

— Não. O doutor é homem bom. Ele não maltrata Moama, e mede a pressão quando vai na aldeia. Ele e aquela moça tão boazinha. Muito diferente da outra.

— Por que a senhora tem tanta certeza que Christine é

infeliz? O que houve com ela? Aconteceu alguma coisa aqui, que a fez ficar assim?

— Moama só fala o que vê. Aquela mulher é muito infeliz... o marido não olha *pra* ela.

— Não olha para ela? Por que? Ela é lindíssima.

— Ele olha *pra* outra direção. Não é só ele. O moço bonito também.

— Moço bonito? De quem a senhora está falando?

— Moama tem que ir. Moama fala demais. Muito agradecida por tudo.

E saiu, deixando Arnaldo boquiaberto.



Na manhã seguinte, enquanto abria os olhos, Arnaldo foi se lembrando dos últimos acontecimentos... a beleza da paisagem, a inusitada conversa com Moama, os lindos olhos de Christine... e se lembrou que era... o dia da chegada de Trude!

Levantou-se de um salto e viu que já passava das nove. Abriu a porta de vidro e saiu para a varanda. O calor e a beleza tomaram conta de tudo e ele perdeu a pressa. Olhou para os galhos das árvores em busca de algum visitante e se encantou mais uma vez com o colorido das penas dos pássaros e com seu canto. Voltou para dentro buscar um pote com água e cortou uma banana, para deixar ali para eles. Gostava de vê-los se alimentando... era como um ritual, uma conexão entre eles. Naquele momento entendeu que sentiria saudades daquele lugar. E decidiu que queria voltar mais vezes. Então foi até o interfone e ligou para o bangalô de Aristeu, mas novamente ninguém atendeu. Se o amigo não estivesse dormindo, estaria na piscina... e decidiu que seria melhor tomar o café ao ar livre. Vestiu-se e foi pra lá. A piscina estava lotada, mas não demorou a localizar Aristeu.

— Madrugou de novo? Por que não me chamou?

— Bom dia, Arnaldo! Eu acordei antes das sete e não

aguentei ficar na cama, mas não quis perturbá-lo. Você merecia um descanso.

— Mas podia ter me chamado... eu me levantaria com prazer.

— Você precisa descansar. Eu, como tenho quase 10 anos a mais que você, adquiri hábitos de velho. Durmo e acordo cedo. Pediu o café?

— Pedi, sim. Acordo com fome nesse lugar. E Luísa?

— Eu ainda não a vi. Deve estar dormindo... daqui a pouco aparece.

— E Christine? Já apareceu?

— Chegou faz um tempo. Mas está muito comportada hoje, só tomando sucos e sol. Parece dedicada a se bronzear.

Arnaldo olhou em volta e a viu deitada numa espreguiçadeira. Vestia um biquíni verde.

— Ontem aconteceu uma coisa inusitada... quando voltei ao bangalô encontrei uma senhora indígena, que trabalha aqui como camareira, passando mal na minha sala. Parece que Christine a destratou e atirou algo sobre ela. Quis chamar a dona do *resort* ou um atendimento médico, mas ela não permitiu.

— Sério isso?

— Infelizmente, sim. Fiquei muito consternado, mas a pobre mulher tremia de medo e achava que perderia o emprego se reclamasse do episódio. Para não a deixar mais nervosa, tive que permitir que ela saísse daquele jeito... tremendo e com falta de ar.

— Nossa... mas então a coisa era grave. Acho que ela está se excedendo... destratar uma pessoa humilde e idosa. Isso não está certo. Não seria melhor ter avisado alguém ou chamado a Luísa?

— Fiquei com receio de criar problemas para ela... Moama é uma pessoa muito simplória e tinha medo de perder o sustento. Hoje vou tentar falar com ela de novo e verificar se está bem.



A manhã passou preguiçosa e, por volta das 10:30h, Luísa apareceu. Estava trabalhando no laboratório com Rangel. Parecia exultante e muito bem-humorada.

— E então? Dormiram bastante? Prontos para nosso passeio de hoje?

— Que horas você marcou com o barqueiro? Talvez eu não possa acompanhá-los... preciso esperar a chegada de Trude.

— E que horas ela chega? Eu marquei 16 horas com o Argemiro.

— Ela não me informou do horário. Nossa comunicação não tem sido muito boa.

— Telefonía por satélite é assim... mesmo em Manaus é ruim. Mas vamos aguardar e torcer para que ela chegue a tempo. Estou ansiosa para conhecê-la.

— Eu também. – Disse Aristeu, sorrindo. – Tenho curiosidade em conhecer a mulher que levou meu amigo solteirão ao altar!



Na metade do almoço, pouco antes das 14 horas, Trude chegou. O avião pousou na água e ela desceu dele. Arnaldo foi buscá-la no píer e a levou para junto de Luísa e Aristeu, enquanto funcionários do hotel recolhiam sua bagagem. A sintonia do grupo com ela foi imediata e eles comeram juntos e bateram papo durante um longo tempo. Ao contrário dos demais, Trude não parecia se incomodar com o clima abafado e quando Luísa perguntou se ela gostaria de descansar e deixar o passeio de barco para outro dia, ela negou. Disse que estava muito bem e queria fazer o passeio. Sonhava em conhecer a Amazônia há muito tempo e não perderia essa oportunidade.

Ela vestia um conjunto de calça e blusa de linho de cor clara, e Luísa recomendou que trocasse de roupa para a aventura na floresta. Perguntou se ela havia trazido roupas apropriadas e com a negativa dela, indicou a boutique do hotel.

— Que tipo de roupa eu devo usar?

— Algo que cubra as pernas... calça e botas, de preferência.

— Mas não é muito quente para usar botas?

— Infelizmente é necessário. Mas pode usar manga curta. A proteção mais importante é para as pernas.



Quando entraram no barco, Luísa começou a explicar o passeio, assim como fez da outra vez:

— Nós vamos até uma comunidade flutuante, que está inserida no Parque *Janauari*, uma reserva natural de 9 mil hectares, que reúne os três tipos de florestas no mesmo lugar: matas de terra firme, matas alagadas (igapós) e várzea (pântanos). Ali também encontraremos um lago repleto de vitórias-régias, e poderão vê-las de perto. Assim como diversas espécies animais.

Não demoraram mais do que 40 minutos para chegar ao destino e Luísa apontou para aquelas casas coloridas de madeira que flutuavam sobre toras: ela explicou que várias comunidades viviam assim, e no tempo de seca podiam até trocar suas moradias de lugar. Depois de Argemiro amarrar o barco no píer, eles desceram e foram até uma lojinha de artesanato que tinha todo tipo de objetos, desde cerâmica, até objetos feitos com sementes e cipó. Passaram um bom tempo olhando tudo e comprando algumas coisas, depois foram para a área de gastronomia. Ao lado das lojinhas e do restaurante, encontraram pontes de madeira que levavam até o interior do parque.

E foi nesse percurso que aconteceu um dos episódios mais engraçados... um macaquinho desceu do galho da árvore em que estava para roubar um pedaço de bolo de aipim, que

Trude acabara de comprar. Todos riram muito da situação e o convidaram para fazer uma foto, mas o bichinho não aceitou e atirou alguns frutos neles, como resposta. Depois avistaram uma árvore gigante chamada samaúma e se revezaram para fazer fotos ao lado dela. Quando finalmente chegaram ao lago da Vitória Régia, ficaram fascinados com a água serena coberta de flores aquáticas gigantes.

— Essa espécie vegetal é típica de áreas de várzea, mas também ocorrem nos igapós. Porém, a acidez da água encurta seu ciclo de vida. As flores ainda não se abriram totalmente porque a noite ainda não caiu, mas logo estarão totalmente abertas. Percebam a variedade na coloração: brancas e rosas. Ao desabrocharem apresentam coloração branca, no segundo dia, que é o dia da *polinização*, elas tornam-se rosas. Apesar da beleza, seu ciclo de vida é muito curto, apenas de 48 horas.

— Por que elas duram tão pouco? – Perguntou Arnaldo.

— Porque a flor é o órgão reprodutivo do vegetal, e a partir do momento que a fecundação ocorre, no caso a polinização, a flor já cumpriu sua função. Ela então volta para dentro do lago e se transforma, guardando as sementes dentro dela e dando continuidade ao processo reprodutivo. Esse processo metabólico as transforma em uma baga, com um tipo de casca mais resistente. Dentro desta baga estão as sementes comestíveis que servirão como alimento de várias aves, e que ao se alimentarem dispersarão suas sementes no entorno e darão origem a novas plantas.

— Por que elas só abrem à noite? São sensíveis à luz solar? – Perguntou Trude.

— Todas as plantas gostam e precisam da luz solar. Todas fazem fotossíntese. Mas as flores da *Victoria amazonica*, nome científico dessa espécie vegetal, só abrem depois que o sol se põe. Pois apesar de elas precisarem da temperatura desse tipo de ecossistema, para sobreviver e completar seu ciclo, nas florestas com esse tipo de clima não tem vento, e sendo assim acabam sem a principal ajuda para a fecundação, que

é transporte de grãos de pólen efetuado pelo vento. A ausência de vento também prejudica o transporte das sementes, que é essencial para o nascimento de novas flores aquáticas. Para garantir a sobrevivência das espécies vegetais é necessário que elas se reproduzam, e a reprodução ocorre com o auxílio de vários fatores e agentes: água; vento; alguns animais e insetos. Mas na floresta subtropical o vento não sopra e não ajuda a espalhar suas sementes, e por isso se adaptaram e desenvolveram essa flor tão grande e colorida que exala esse perfume tão gostoso, que é para atrair um besouro da espécie *Cyclocephalo casteneaea*, um ótimo agente polinizador, que, ao se atrair pelo delicioso perfume, termina prisioneiro dentro dela e só é liberado muitas horas depois, cheio de pólen grudado em seu corpo. Ao ser liberado, visita outras flores e acaba distribuindo o pólen por onde passa e proporcionando a fecundação. Esse besouro tem hábitos noturnos, por isso a flor só abre à noite.

Ao ouvir essa explicação, Arnaldo coçou a cabeça de forma teatral e trocou um olhar significativo com Aristeu. Ao reparar no gesto, Luísa explicou:

— Certo, vamos começar do começo. Os vegetais, assim como os animais, se reproduzem e estão divididos em dois sexos: masculino e feminino. A flor é o órgão reprodutor dos vegetais e para que a reprodução ocorra, dando origem a novas plantinhas, é necessário que as estruturas masculinas e femininas entrem em contato. Ou seja, o óvulo e o grão de pólen. Mas como os vegetais não possuem a capacidade de locomoção, e não podem ir ao encontro um do outro, o pólen, que é um pó amarelo muito fino, precisa ser levado até o *gineceu*, que é o ovário da planta, para então ocorrer a fecundação. Me acompanham?

— Mais ou menos. – Responderam Aristeu e Arnaldo em unísono.

— Eu compreendi... – comentou Trude – ...só não entendi o processo todo. Existem flores masculinas e flores femininas. É isso?

— Sim... existem flores femininas e flores masculinas, cada qual em uma planta diferente, ou na mesma planta. As duas opções são possíveis, depende da espécie. E também pode ocorrer que as duas estruturas reprodutivas, masculinas e femininas, se encontrem na mesma flor. Mas em qualquer desses casos, é necessário um agente polinizador.

— Que no caso da vitória régia é o besouro? – Questionou Aristeu.

— Exatamente, papai. Mas a água também proporciona esse transporte.

— Por que ela recebeu esse nome? – Perguntou Arnaldo.

— Em homenagem à rainha da Inglaterra. Foi um pesquisador inglês que descobriu essa espécie, no século XIX. *Régia* significa rainha, em latim. Ele se encantou com a beleza desse vegetal e levou algumas sementes para seu país, porém, em decorrência do frio, não vingou. A temperatura da água propícia para elas é acima de 15 graus. São encontradas apenas no Brasil, na Bolívia e nas Guianas, onde o clima é subtropical e equatorial.

— Elas gostam do calor... da água temperada. – Concluiu Trude.

— Exato. São plantas aquáticas tropicais, que precisam de um habitat bem preciso para se desenvolverem. Vejam que elas gostam de águas paradas e com pouca profundidade.

— Elas não se desenvolvem em rios de águas profundas?

— Não. As raízes e as folhas são ligadas por finos filamentos e de um determinado comprimento. Rios de muita profundidade fariam com que esses filamentos tivessem que ser muito mais longos, e o movimento intenso da água os arrebentaria, separando-os das raízes.

Eles estavam extasiados pela beleza do lugar e sem pressa nenhuma de voltar, mas Luísa os lembrou do jantar e prometeu que fariam outras excursões como aquela. Na volta de barco, uma surpresa: ela havia pedido ao barqueiro para enfeitar o barco com velas perfumadas e ofereceu aquele presente

aos recém-casados. Pai e filha deram as boas-vindas à Trude e desejaram um casamento feliz e duradouro ao casal. Trude ficou emocionada com aquilo tudo, e a viagem iluminada pela luz das velas foi um espetáculo lúdico, com o barco deslizando serenamente pelas águas escuras e espelhadas do rio. Algumas coisas eram inesquecíveis... aquela era uma delas.

Ao chegarem, foram diretamente para seus bangalôs e se vestiram rapidamente, para logo se reunirem novamente no restaurante. Arnaldo e Trude chegaram sozinhos, e encontraram Christine fumando um cigarro na entrada. Ela vestia um vestido azul fluído, que combinava com seus olhos cintilantes e lhe dava um ar quase sobrenatural.

— Ela é muito bonita. Já tinha reparado nela na piscina... está aqui sozinha? – Perguntou Trude a Arnaldo.

— Não. Ela é casada com um bioquímico que trabalha no centro de pesquisas da floresta. É bastante ocupado e ela não tem muito o que fazer aqui... é alemã. Mora em Paris. Deve se sentir entediada.

— Ela me parece mais furiosa do que entediada. E pelo horário, o marido já devia estar desocupado, não é? – Foi o comentário de Trude.



Luísa já havia entrado e os esperava na mesa central, acompanhada de Dayse e Moa, que queriam saber detalhes do passeio. Aristeu chegou logo depois. O local estava enfeitado e iluminado como sempre, e as mesas ainda não estavam totalmente ocupadas, apesar de já ter passado muito das 20 horas. Não havia nenhum evento especial aquela noite, apenas um jantar delicioso, com fundo musical dos anos 80/90, na voz de Cazusa:

*Que coincidência é o amor
Nossa música nunca mais tocou*

*Pra que usar de tanta educação
Pra destilar terceiras intenções
Desperdiçando o meu mel
Devagarinho, flor em flor
Entre os meus inimigos, beija flor*

O cheiro vindo dos pratos sobre o *buffet* os alertou que estavam com bastante fome, e Dayse os animou a se servirem. O clima era amistoso na mesa dos anfitriões e todos falavam entre si e riam de alguma anedota. Luísa usava um vestido em tapeçaria, com detalhes coloridos, que chamava a atenção pelo bom gosto, e gerou comentários quando ela se levantou para se servir. Usava o mesmo par de brincos que ela já tinha usado na outra noite, e chamou a atenção de Trude, que reparou no belíssimo acessório usado por ela e manifestou a vontade de adquirir algo parecido, se ela não se importasse:

— Não me importo, de jeito nenhum. Fico feliz em ajudar a divulgar esses acessórios, são peças maravilhosas mesmo. Eu ganhei de presente da comunidade indígena, mas eles produzem peças parecidas para venda. Podemos ir lá amanhã se quiser... eu tenho que voltar a aldeia e pode vir comigo, porém me levanto muito cedo, antes das 5 horas já estou em pé.

— Seria maravilhoso! – Respondeu Trude. – Posso ir mesmo? Jamais imaginei que teria a oportunidade de conhecer uma aldeia indígena!

— Claro, assim poderemos fazer compras e passear um pouco mais. Vou pedir ao barqueiro que faça uma atividade muito apreciada por aqui... quando saímos à noite ou de madrugada, os guias costumam procurar os olhos dos animais na escuridão, lançando feixes de luz aleatórios que terminam recaindo sobre eles. É maravilhoso... e assustador, ao mesmo tempo.

— Mas é claro que eu gostaria de ir. Que lugar mais exótico, sempre sonhei em vir... Arnaldo, você também vem?

Mas ele não precisou responder... pela expressão de seu rosto, Trude compreendeu que o marido não tinha intenção de

acompanhá-la em mais essa aventura pela floresta e a reação dele provocou nova onda de risadas na mesa.

— As mulheres do grupo são mais corajosas e aventureiras, deixe que se divirtam. Eu estou de acordo com você, amigo, vamos ficar na piscina do hotel. Não importa a opinião que fizerem sobre nós, ficaremos no conforto do hotel e do ar-condicionado, e isso é tudo do que precisamos. — Disse Aristeu em apoio ao amigo.

Foi a vez de Luísa e Trude trocarem um olhar divertido.

— Você se importa que eu vá com Luísa? — Perguntou Trude ao marido, baixinho.

— De forma alguma. Fique totalmente à vontade. Eu estarei à sua espera quando voltar. Só o fato de não precisar levantar de madrugada, já me deixa de excelente humor. Divirta-se, querida.



A noite continuou agradável. Christine retornou para a mesa, mas não causou nenhum problema, apenas pediu a sobremesa e se retirou sem falar com ninguém. Eles já estavam quase no final da refeição, quando Gregório e Rangel entraram no restaurante. Dayse, assim que os viu, chamou-os para se sentarem junto ao grupo. Luísa então começou uma conversa com o bioquímico, enquanto Gregório conversava com Trude e explicava sobre os muitos tipos de passeios que eram feitos na floresta. Ao saber que elas iam à aldeia, se ofereceu para acompanhá-las, mas Rangel, de uma forma meio seca, negou que pudesse dispensar Gregório do trabalho.

— Temos muito trabalho no laboratório, não posso permitir.

— Claro, fica para outro dia então. Quanto tempo pretendem ficar por aqui? — Perguntou Gregório, continuando a conversa com sua interlocutora, mas sem conseguir disfarçar o aborrecimento.



Quando ficaram sozinhos no bangalô, Trude comentou com o marido:

— Você acha que a pesquisa do Dr. Rangel realmente vai conseguir chegar aonde ele espera? Tenho a impressão de que aquele homem não dorme e não descansa, parece obcecado em chegar a um resultado. Até aquela mulher linda, ele ignora em nome dessa pesquisa.

— Creio que sim. Lembra quando as pessoas morriam de HIV? Hoje a doença é controlável, já não é mais uma sentença de morte. Rangel é um cientista, para ele não importa mais nada que não seja a ciência.

— Deve ser difícil ser casada com ele...



De madrugada, Trude partiu para a aldeia na companhia de Luísa. Por volta do meio dia, voltaram para o hotel. Estavam felizes e carregadas de cestos. A simpatia inicial havia se tornado algo mais profundo... um companheirismo feito de experiência divididas. Momentos especiais, únicos e que não se repetiriam. Trude sabia que jamais experimentaria tudo aquilo novamente e devia aqueles momentos indescritíveis a Luísa. Aquela jovem corajosa, que havia deixado uma vida confortável e sem preocupações para viver no meio da mata, cuidando de uma população desassistida e se dedicando a pesquisas que podiam mudar o rumo da humanidade. No fundo, ela era igual a Rangel e tão determinada quanto ele. Quase obcecada.



Mas o dia não estava destinado a ser um desses dias maravilhosos e tranquilos... quando desceram do barco, perceberam que algo havia mudado, havia uma estranha sensação estava no ar. A mudança se fazia sentir como uma tempestade que chega sem aviso, sobre as águas calmas do oceano. Uma mudança brusca, repentina, como só a natureza e a vida conseguem fazer... o ar estava pesado, e elas sentiram que havia algo errado. Havia uma movimentação anormal no *resort* e Luísa reconheceu o hidroavião da polícia, pousado na margem. Viu que havia pessoas estranhas e uniformizadas circulando por ali. Eram bombeiros. Quando se deu conta que eles carregavam uma maca coberta, suas pernas não aguentaram e ela caiu de joelhos, enquanto um grito escapava de sua garganta. Mas antes que Trude tivesse tempo de erguê-la, Arnaldo chegou correndo e a levantou, tentando acalmá-la.

— Vamos nos sentar, venham comigo. – Diz Arnaldo.

— Eu não quero sentar... quero saber onde está o meu pai!

— Seu pai está bem. Ele está acompanhando Dayse, que está muito nervosa. Foi ela quem encontrou o corpo. A polícia está fazendo perguntas. Venha, vamos nos sentar ali na piscina. Você precisa tomar algo.

— Encontrou o corpo?! Corpo de quem?!

Luísa continuava muito nervosa e era possível sentir o medo em sua voz.

— Christine. Ela foi encontrada morta nesta manhã.

— Christine?! – Perguntaram as duas mulheres ao mesmo tempo.

— Infelizmente, sim.

— Mas o que houve com ela? Estava ótima ontem à noite! – Perguntou Trude.

— Ninguém sabe ainda. Dayse foi quem a encontrou essa manhã porque a camareira queria limpar o bangalô e ela não respondia. Tentou pelo interfone várias vezes, bateu na porta e não obteve resposta, então pediu autorização ao Dr. Rangel para entrar com a chave. Ele permitiu e foi assim que a encontrou.

Luísa ouviu as explicações com um olhar atônito, completamente aturdida.

— Onde está o Dr. Rangel? Como ele está?

— Até poucos momentos atrás ele estava falando com a polícia, respondendo as perguntas de praxe. Imagino que estará tentando avisar os familiares.

— Sim... sim, é claro. Mas daqui não vai conseguir, terá que ir a Manaus.

— É o que eu imagino.

— Mas do que ela morreu? – Perguntou Trude.

— Não creio que a polícia saiba... imagino que farão uma autópsia para esclarecer a causa da morte.

— Mas como foi? Onde a encontraram? Foi um acidente? Um mal súbito? – Inquiriu Luísa.

— Infelizmente, não tenho as respostas. Quando Day-se apareceu apavorada na recepção, eu e seu pai fomos até o bangalô e constatamos que ela estava morta.

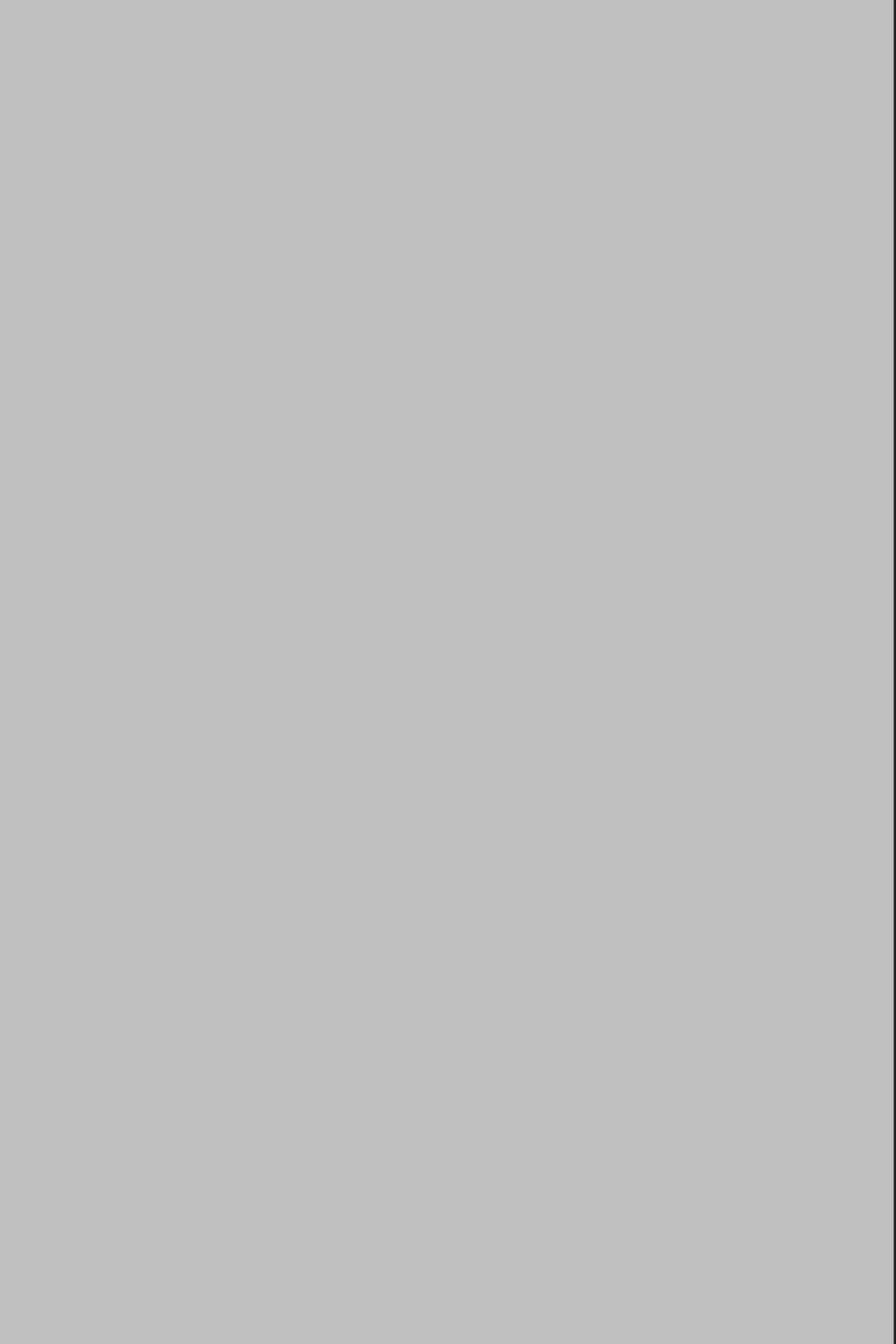
— Morta... mas como assim? Morreu durante o sono?

— Ela estava vestida com roupa de dormir, caída sobre a cama. Mas não me pareceu que tenha morrido no sono... ela estava meio que caída na ponta. O café da manhã estava servido... creio que ela se levantou, tomou o café e algo aconteceu.

Luísa ia continuar perguntando, mas, antes que ela continuasse, Rangel apareceu acompanhado de policiais, dirigindo-se ao helicóptero da PM. Antes de entrar na nave fez uma breve parada, acenou de longe para o grupo e partiu.

— Ele terá uma difícil tarefa pela frente. – Observou Trude.

— Sim... ela era filha única. – Concordou Luísa.



CAPÍTULO 3

Assim que a PM e o corpo de bombeiros deixaram o local, os hóspedes e funcionários voltaram a circular e a conversar entre si, buscando respostas para a situação que presenciaram.

Arnaldo, Trude e Luísa permaneceram na beira da piscina enquanto esperavam que Aristeu aparecesse. Ele veio acompanhado de Dayse, que estava muito pálida e assustada.

— Papai! Que susto! Eu cheguei a pensar...

Aristeu colocou o dedo indicador na boca e impediu que ela continuasse a frase, abraçando-a em seguida.

— Perdoe-me não estar aqui quando você chegou, filha. Infelizmente, aconteceu essa tragédia e eu estava às voltas com a polícia.

— Eu imagino a situação de vocês... não deve ter sido agradável. – Respondeu ela.

— Foi um susto, mas nossa situação ainda é muito menos delicada do que a situação da família de Christine... não deve estar sendo fácil para o Dr. Rangel administrar essa situação... ele terá que dar a notícia aos familiares dela. Talvez já tenha dado. – Disse Dayse.

— Também não gostaria de estar na pele dele. – Respondeu Luísa. – Ela era filha única. Mas afinal o que foi que aconteceu? Eu a vi ontem à noite e ela estava muito bem. Algum médico a examinou?

— Sim, antes mesmo da chegada da polícia e dos bombeiros o Dr. Navarro e o próprio Dr. Rangel a examinaram. Ela não respirava e não tinha pulso... tentaram reanimá-la, mas foi em vão. – Respondeu Aristeu.

— Infelizmente... – continuou Dayse – ...não puderam fazer outra coisa que constatar o óbito. Fizeram massagem cardíaca e respiração boca a boca. Tentaram por muito tempo porque ninguém conseguia acreditar que ela estivesse morta.

Até agora não acredito.

Todos estavam visivelmente consternados, sem ter o que dizer. Foi Dayse quem continuou:

— Vou pedir para a camareira limpar o bangalô. Não quero deixar tudo bagunçado como está, não sei se o Dr. Rangel volta hoje, mas não gostaria que ele encontrasse as coisas como viu pela última vez. Peço que me deem licença.

— A PM não isolou o local, não é? – Estranhou Arnaldo, franzindo a testa.

— Isolou? Não. Eles apenas pediram que nenhum hóspede saísse daqui por enquanto e também que eu não recebesse mais ninguém até segunda ordem. Sobre o bangalô não falaram nada...

Arnaldo continuou:

— Para que a dinâmica da morte seja esclarecida, talvez precisem examinar o local... seria mais conveniente que ninguém mais entrasse lá até que a polícia revele o resultado da autópsia. Apesar de que já entrou muita gente no bangalô e o local já está contaminado.

— O senhor acha que agimos errado ao entrar lá? Devíamos ter esperado a polícia chegar? – Preocupou-se Dayse.

— Ninguém sabia o que iria encontrar lá dentro... a senhora tentou socorrê-la, nós também. O ideal é isolar logo o local, porque o tráfego de pessoas causa contaminação e os vestígios e evidências que poderiam ajudar a elucidar a dinâmica do ocorrido, acabam sendo misturados com outros materiais biológicos e se perdem, mas ninguém imaginou que ela pudesse estar morta... e a polícia levou muito tempo para chegar. Mas agora, creio que seria conveniente manter o local fechado e deixar a limpeza para mais tarde. O Dr. Rangel poderá se acomodar em outro lugar, não é mesmo?

— Acho que o senhor tem razão... vamos aguardar um posicionamento da polícia. Também seria indelicado deixar que ele ficasse no mesmo local onde a esposa morreu. E o senhor é advogado, sabe como funcionam essas coisas. Vou fechar a

porta à chave e dar ordem para que ninguém entre lá. Vamos aguardar os próximos acontecimentos.



O dia seguiu com um clima sombrio e ninguém parecia com ânimo para fazer passeios ou qualquer outra atividade. As conversas giravam em torno do acontecido e até mesmo os funcionários pareciam um pouco abalados. Ninguém no grupo parecia ter disposição para nada, e quando a noite caiu decidiram pedir o jantar no bangalô de Arnaldo. Sentaram-se primeiramente na varanda e tomaram *margueritas*, tentando esquecer do assunto do dia. Mas quando entraram na saleta para se servirem, perceberam que a notícia da morte de Christine estava sendo dada pelo telejornal.

— Já está na imprensa? – Surpreendeu-se Aristeu.

— Uma rica herdeira... um dos laboratórios farmacêuticos mais importantes do mundo. A notícia vai rodar o globo terrestre. – Respondeu Arnaldo.

Arnaldo tinha razão. A morte de Christine ganhou o noticiário do mundo inteiro em poucas horas. Eles terminaram assistindo vários programas televisivos que falavam da morte dela. Uma mulher belíssima, rica, que encontrou a morte em um *resort* exótico, no meio da selva amazônica. O assunto era interessante demais.

Porém, o clima lúgubre não ajudava no apetite. Eles mal tocaram na comida e passaram grande parte da noite assistindo TV e mudando de canal, constatando que várias emissoras noticiavam o falecimento. A notícia do óbito vinha acompanhada de inúmeras fotos daquela mulher loira e sorridente em paisagens de sonho como a Sardenha, Capri e Monte Carlo.

— O que você acha que pode ter acontecido, Luísa? – Perguntou Trude.

— É difícil dizer antes do exame cadavérico. Pode ter sido tanta coisa... algum problema cardíaco não identificado; algum

medicamento que ela tomou e não reagiu bem misturado com álcool... ou algum problema de saúde que nem ela sabia que tinha. Eu apostaria em um mal súbito ou alguma dessas alternativas anteriores. Era jovem, parecia saudável... que eu saiba não tinha histórico de doenças e nem fazia tratamento médico. Mas somente a autópsia vai poder esclarecer a causa exata da morte.



Quando ficaram sozinhos e se preparavam para dormir, Trude perguntou para o marido:

— Por que você falou em isolar o bangalô essa tarde, Arnaldo? Você não acha que pode ter acontecido algo criminoso, não é? Diga-me que você só falou isso porque é advogado e é seu hábito desconfiar de tudo.

— Sossegue, mulher. Eu não vi nenhum indício de crime, mas a morte de Christine será tratada como suspeita. E nesse caso, é melhor preservar a cena em que ocorreram os fatos.

— Não consigo acreditar que isso está acontecendo. Ontem, ela parecia um sol radiante. Hoje está morta.

— Não gosto de nada disso. Você viu no noticiário? O pai já embarcou e vai chegar ao Brasil daqui algumas horas para acompanhar a autópsia.

— Quanto tempo leva para que saiam os resultados?

— Depende... se a responsabilidade fosse do Estado demoraria até uns três meses ou mais, mas como o pai de Christine tem muito dinheiro e pode contratar profissionais independentes, imagino que entre umas 72 horas teremos os resultados de alguns exames.

— O que você acha que aconteceu?

— Eu não sei... mas sinto que vai ter barulho. É difícil para um pai aceitar a morte de um filho... ainda mais assim. Única filha, morte totalmente inesperada.

— Não gosto das coisas que você fala... não gosto desse tom, parece mau agouro.

— Eu já vi muita coisa nessa vida, Trude... participei de muitos processos e julgamentos. Não gosto de nada disso, tampouco. A menos que a autópsia seja totalmente conclusiva e não deixe margem para dúvidas e especulações, teremos problemas.



Rangel voltou ao *resort* no final da tarde do dia seguinte, e estava mais taciturno do que o normal. Não fez nenhum comentário sobre a morte da esposa e pediu que todos de sua equipe voltassem ao trabalho. Os programas de TV continuavam falando sobre o falecimento, mas não acrescentavam nada de novo. E dois dias depois da volta dele, ainda não havia nenhuma notícia sobre a causa da morte ou qualquer pronunciamento do pai de Christine.

Mas no terceiro dia a polícia civil chegou no local. Arnaldo ficou sabendo disso porque Dayse o chamou pelo interfone nas primeiras horas da manhã, e pediu que ele fosse até a recepção imediatamente. Pelo tom de voz dela, ele sabia que algo havia acontecido. Algo ruim. Quando chegou na recepção a encontrou com um papel na mão. Assim que o viu, ela entregou o papel para ele:

— O que é isso?

— Um mandado.

— Mandado de quê?

— De prisão.

— Contra quem?!

Mas ela não precisou responder, pois em seguida dois policiais apareceram trazendo uma pessoa e seguiram com ela em direção ao píer: era Moama, a camareira.

— Mas do que se trata isso? Qual a razão dessa prisão?!

— Perguntou Arnaldo, incrédulo.

— Ela está sendo acusada de assassinato. — Respondeu Dayse.

— Assassinato?! Mas que assassinato?

— De Christine.

— Minha Nossa! Não há nada que eu possa fazer agora para impedir que a levem, mas irei para a delegacia em seguida e lá saberei do que se trata. Por favor, providencie um transporte para mim, vou me vestir e volto em seguida. E verifique para qual delegacia a estão levando, por favor.



Arnaldo chegou a Manaus mais de duas horas depois que Moama, e dos policiais que a levaram. Era a primeira vez que usava terno naquelas circunstâncias e teve que afrouxar a gravata e dar uma respirada, antes de entrar na delegacia. Imediatamente se apresentou e mostrou sua carteira da OAB, ao primeiro policial que encontrou.

— Pois não, senhor, o que deseja?

— Eu sou o advogado de Moama, da indígena que trouxeram para cá. Ela está sendo interrogada sobre o Caso Christine Hardt. Por favor, me levem até ela.

O policial olhou com desconfiança para o documento que Arnaldo apresentava e parecia surpreso... obviamente, a visita do advogado era totalmente inesperada.

— Ela foi trazida para cá, não foi?

— Vou falar com o delegado, aguarde um momento.

— Eu gostaria de ser levado até ela, imediatamente. É um direito de ela ter um advogado presente.

Contrariado e de mau humor, o policial pediu que o advogado o acompanhasse até uma sala nos fundos do corredor, onde foi entregue aos cuidados de outro policial que estava sentado em frente a uma mesa abarrotada de papéis e falava ao telefone.

— Pois não, do que se trata?

— Esse senhor é advogado, quer ver a cliente dele.

— E quem seria a cliente dele?

— É a senhora indígena.

O advogado não deixou de notar o olhar trocado entre os dois policiais. Parecia que ele havia contado uma piada, daquelas piadas contadas na hora errada e que ninguém podia rir. Quando finalmente conseguiu entrar na sala em que Moama estava sendo interrogada, teve vontade de esmurrar os dois policiais que a interrogavam. Eles tinham modos rudes, e a pobre mulher parecia aterrorizada.

— O que está acontecendo aqui? – Perguntou Arnaldo.

— Eu é que pergunto. Quem é o senhor? – Respondeu o delegado.

— Sou o advogado dela. O que está acontecendo? Os senhores leram os direitos da minha cliente?

— Quem faz as perguntas aqui sou eu! – Respondeu rispidamente o delegado Mendes. – Estamos trabalhando num caso de assassinato e o senhor está nos interrompendo.

— Assassinato? De quem? Eu também estou aqui para fazer o meu trabalho. O que minha cliente tem a ver com isso?

— Assassinato de Christine Hardt.

— Com base em quê o senhor faz essa afirmação?

— Com base na autópsia. Ela morreu em consequência de envenenamento.

— Envenenamento?! Mas por que minha cliente foi trazida até aqui? Do que se trata tudo isso?

— Ela foi envenenada por curare, um veneno usado pelos índios para caçar animais. E agora, se não se importa, vou continuar meu interrogatório.

— Por favor, saiam. Quero ficar a sós com ela. – Foi a resposta ríspida de Arnaldo.

— Ora essa, mas o que o senhor pensa...

— Saiam todos, por favor. Nada do que foi dito aqui, antes da minha chegada, tem qualquer valor legal. Eu os avisarei quando estivermos prontos para continuar.

Irritadíssimo, mas sem saída, o delegado saiu da sala acompanhado do outro policial.

— Mas de onde saiu esse idiota? Desde quando que índio tem advogado?! – Perguntou o delegado.

— Advogado bacana ainda por cima, dá um *google* no nome dele aí. – Comentou o investigador de polícia que recepcionou Arnaldo na sua chegada, ao escutar a conversa do delegado com o outro policial.

Mendes acatou a sugestão e foi olhar o computador. Não acreditou em seus olhos. Aquele advogado cobrava honorários a peso de ouro! Como assim, ele era defensor daquela índia?

— Me digam que tem algo errado, que ele errou de cliente! – Esbravejou o delegado.

— Penso que não... chegou aqui perguntando por ela.

— Esse advogado é famosíssimo! Um dos melhores criminalistas do país. Como veio parar aqui?



Enquanto isso, na sala abafada do interrogatório, Arnaldo tentava se comunicar com Moama.

— Moama... o que eles lhe perguntaram? Você assinou algo?

— Moama não fez nada... eles gritam com Moama. Dizem Moama assassina. Moama não sabe de nada, não fez nada.

— Eu sei, Moama... mas preste atenção: eu sou o seu defensor. Você não tem que falar nada sem a minha presença. Entendeu? Isso é muito importante. Não fale nada, fique calada. Eu falarei por você a partir de agora. Mantenha-se sempre em silêncio e não assine nada. Eu vou descobrir o que está acontecendo, certo?

— Moama quer ir pra casa.

— Vou fazer o possível pra resolver isso. Mas agora você precisa me dizer... você tem algo a ver com a morte de Christine? Tem alguma coisa que você precise me contar?

— Moama não é assassina. Moama não fez nada.

— Está certo, então. Vou chamá-los. Procure ficar tranquila.



O interrogatório seguiu. Arnaldo interrompeu o delegado Mendes várias vezes, e Moama parecia cada vez mais aterrorizada. A polícia acreditava que ela havia levado o veneno para envenenar Christine. Cada vez que Mendes a acusava, ela chorava.

— Alguém pagou a senhora para envenenar a turista? Ela lhe maltratava, não é? Se quiser melhorar sua situação, precisa cooperar com a polícia... nos dê um nome. Alguém a contratou?

— Já chega! – Disse Arnaldo. – Irei levá-la daqui agora.

— Ela não vai a lugar nenhum. Amanhã será levada para a audiência de custódia e no momento ela ficará aqui, detida para averiguação. – Responde o delegado.

— Essa prisão é um absurdo, não existe nenhuma prova contra ela, é tudo circunstancial. O local do crime, caso realmente tenha acontecido um crime, não foi isolado e muito menos analisado. Como podem decretar uma prisão sem analisar o local dos fatos? Em que século estamos?

— A sua cliente tem acesso ao veneno e tinha motivo para matar... ela discutiu com a vítima, dias antes do assassinato.

— Ela não discutiu com Christine, ela foi agredida pela Christine. Não fez nada contra ela e tampouco revidou a agressão. E essa é uma motivação muito fraca, o senhor não acha?

— Não revidou naquele momento... mas depois... deve ter planejado a vingança.

— Não se decreta uma prisão em base a uma suposição. Onde estão as provas? Os senhores já ouviram falar disso? Tudo o que foi dito aqui são meras suposições, enquanto as provas materiais do crime devem estar dentro do quarto da vítima. Ninguém teve a ideia de ir até lá examinar o local?

— Dr. Arnaldo Cerqueira, não queira nos ensinar a fazer nosso trabalho. Eu dou o interrogatório por encerrado. Ela ficará detida.

Arnaldo, exasperado, falou para Moama:

— Vou entrar com um pedido de *habeas corpus*... um pedido de soltura, fique tranquila. E farei com que chegue alguns itens de higiene e roupas para você. Procure ficar calma que irei providenciar tudo. Certo? Vou precisar dos seus documentos. Onde estão?

— Ela não tem documento nenhum... – respondeu o delegado – ...nós tiramos as impressões digitais dela.

— Como assim não tem documentos?!

— Ela nasceu numa tribo da floresta. Não foi registrada. Indígenas não possuem documentos.

Arnaldo não esperava por isso... como entrar com pedido de soltura em benefício de alguém que perante a lei não existe?

— Moama... escute: Deve ter algum tipo de registro do seu nascimento. Onde são registradas as crianças que nascem na aldeia?

— As crianças?

— Sim, os indiozinhos. Os bebês.

— Moama não sabe. O pajé que sabe.

Sem conseguir acreditar naquilo que estava acontecendo, Arnaldo pediu para conversar com o delegado:

— Eu gostaria de ler o inquérito.

— Pois não... vamos até minha sala.



Depois de alguns minutos, Arnaldo falou:

— É tudo muito precipitado... a investigação está desprezando o principal... o fato de ela ser indígena não significa que seja a única a ter acesso a esse tipo de veneno. E quem esteve naquele quarto deixou algum vestígio. Por que não chamaram a criminalística?

— Isso somos nós que decidimos, advogado. Tem mais alguma pergunta?

— No momento não. Vou pensar no que fazer. Nos vemos na sequência, obrigado.



Arnaldo saiu da delegacia, sem rumo. Ficou parado em frente por um tempo, e viu que alguns metros adiante tinha um bar. Dirigiu-se para lá, sentou-se e pediu uma cerveja. Não tinha a menor ideia de como agir. Moama não tinha documentos, e sem documento não podia entrar com nenhum pedido de soltura. Para piorar, o delegado parecia totalmente convencido de que ela era culpada. O que fazer num caso desses? Talvez fosse melhor que ele passasse a noite na cidade... voltar para o *resort* naquele momento não parecia uma boa ideia. Mas então teria que procurar um hotel para dormir e reservar um voo de hidroavião para o dia seguinte. Lembrou-se do taxista que os havia levado do aeroporto até o píer quando chegaram a Manaus... parecia que havia acontecido há tanto tempo! E pensar que ele tinha vindo para a região para passar dois ou três dias... nem permissão para sair dali ele tinha agora. Quanto tempo duraria aquela viagem?

Procurou pelo contato do taxista em sua agenda do celular e ligou para ele. Nelson atendeu depois de alguns toques e imediatamente se prontificou a ir buscá-lo. Ao chegar, Arnaldo insistiu que ele se sentasse e conversassem um pouco. Precisava de companhia. O advogado contou tudo o que tinha acontecido desde a chegada deles e Nelson indicou um bom hotel no centro para ele passar a noite. Ficou combinado que ele o levaria para onde fosse necessário, até que voltasse para o *resort*.

— Preciso comprar umas coisas para mim e para a senhora que está detida e se tornou minha cliente. Ela é indígena e não tem uma única peça de roupa com ela... nem material de higiene. Será que poderíamos comprar algo para ela e umas roupas para mim?

— Claro. Tem uma galeria na cidade com peças indígenas, inclusive vestuário. Se quiser podemos ir até lá ou numa loja normal.

Arnaldo pensou por um momento e achou melhor ir na galeria. Partiram e depois de comprarem algumas coisas pra ela, foram ao shopping.

— Preciso de uns ternos frescos... mas isso não existe. Não para esse calor que faz aqui. Creio que poderei vestir uma roupa informal para ir na delegacia amanhã. Você que é daqui, me diga uma coisa: como é isso de que os índios não tem documento? Você sabe se eles têm algum registro interno?

— Alguns índios vivem mais próximos da cidade, e adquirem hábitos mais civilizados, mas outros vivem no meio da floresta. Acho difícil que haja registro de nascimento. Eles têm vida e legislação própria, não interagem com os brancos.

— Eu também gostaria de não ter que interagir com os brancos, muitas vezes. Esse delegado por exemplo... decretou a prisão dessa pobre mulher, enquanto a cena do crime foi totalmente desprezada. Estou com uma péssima impressão... isso de arrumar um culpado a todo custo não é certo. Essa mulher virou isca de piranha... tudo muito conveniente. Também não sei como ela estava trabalhando no *resort* sem registro... isso é ilegal.

— É ilegal, mas é comum por aqui. O que o doutor pretende fazer?

— Boa pergunta. No momento creio que terei que descobrir como proceder em casos de indígenas presos. Essa questão nunca me ocorreu... quando estiver instalado no hotel ligarei para meu escritório e para alguns colegas. Alguém deve ter a resposta. A internet e telefonia funcionam melhor daqui, não é?

— Sim. O serviço não é excelente, mas funciona bem melhor aqui do que na floresta.

— Pelo menos isso... tudo que não posso é ficar incomunicável.

— O senhor não acredita que essa mulher indígena possa ter algo com o crime?

Arnaldo pensou um pouco antes de responder:

— Não se trata de acreditar ou não. Uma investigação criminal é feita a partir da análise da cena do crime e das evidências. Antes de analisar e conferir os resultados não existe nada, apenas achismos. A Justiça trabalha com provas, não com opiniões. Ou, pelo menos, deveria ser assim. Christine foi encontrada morta, mas ninguém pensou que se tratasse de um crime. E antes mesmo de sermos informados que ela tinha sido assassinada, vimos Moama ser levada pela polícia. Acho que ninguém conseguiu digerir isso ainda. Não tenho nenhuma opinião sobre o fato, mas me parece tudo muito precipitado. A polícia precisa apresentar alguma prova do que está dizendo.

— O senhor não entende... Moama é uma indígena. O povo branco não se importa com os índios. Eles sempre foram mortos e explorados pelos brancos. Se a polícia e o juiz decidirem que ela tem culpa, então ela tem.

Arnaldo ficou olhando para seu novo amigo por uns segundos, abriu a boca para argumentar, mas decidiu se calar. Dizer o quê? Nelson conhecia a História melhor do que ele. Os índios sempre foram explorados e massacrados. E como ele acabara de descobrir, não existiam perante a lei porque nem documentos tinham.

— Vejo que você é um homem sábio, Nelson. Mas não é porque as coisas estão erradas que elas precisam continuar erradas. Vamos para o hotel. Amanhã cedo estarei na delegacia e prometo que essa indígena terá todos os direitos assegurados. Ela não será condenada sem provas. Eu garanto.

— Eu desejo que o senhor tenha sorte.

Obviamente, o taxista achava que o advogado da cidade grande precisava de muita sorte.

Nelson então levou seu passageiro para se hospedar no Hotel Seringal, localizado no Largo São Sebastião, no Centro Histórico de Manaus. De arquitetura clássica, estava nas proximidades do Teatro Municipal e nas imediações do Porto.

— Gosta desse?

— Parece-me ótimo. Espero que tenham acomodações disponíveis.

— Quer que eu verifique para o senhor?

— Por favor faça isso, enquanto eu tento falar com alguém no *resort*. Preciso avisar minha esposa que dormirei aqui.

— Ok. Volto em seguida.

— Nelson...

— Pois não, senhor?

— Já ia me esquecendo... Você poderia deixar essas roupas e produtos de higiene, na delegacia? Em meu nome?

— É claro. Farei isso com muito gosto. Retorno em seguida.



Arnaldo ficou hospedado em uma suíte ampla e bem arejada do Hotel Seringal. Assim que entrou, já foi ligando o computador e mandou alguns e-mails, antes mesmo de ir para a ducha, tomar um longo banho. Mas quando retornou ainda não havia nenhuma resposta. Ligou a TV e procurou os canais de notícias. Logo encontrou uma reportagem sobre o crime. Ainda não conseguia acreditar que ela estivesse morta. Era absolutamente linda e transbordava vida e juventude. O que teria acontecido naquele bangalô? De onde saiu o veneno que a matou? Fez uma busca rápida por *curare* na internet, leu sobre o assunto e se apiedou dela. A pobre Christine havia sofrido muito. O efeito do veneno no organismo era devastador... ela teve uma morte de agonia. Foi perdendo o movimento dos músculos aos poucos e morreu sufocada, sem poder chamar por ajuda. Paralisada, esperando a morte, sem poder se mexer, sem poder respirar. Provavelmente, olhando para o rosto de seu assassino enquanto morria. Arnaldo sentiu uma profunda compaixão por aquela mulher. Qual era o grau de sua infelicidade? Por que se comportava de modo tão mesquinho com as pessoas à sua volta? E quem teria feito aquilo? Que ser tão cruel mataria alguém

daquele modo? Qual a motivação? O temperamento dela poderia ser o causador desse ato terrível? Nada justificava matar alguém daquele jeito. Christine havia sofrido muito... até que não conseguiu mais respirar, até que o veneno paralisasse seu aparelho respiratório. Arnaldo sentiu um arrepio, ao imaginar o tipo de morte que ela teve.

Mas então, sua atenção foi chamada para a TV... o pai de Christine dava uma declaração, na saída da delegacia. Hans Hardt estava acompanhado do advogado e percebia-se que estava devastado. Falou rapidamente com a imprensa e disse que nenhum esforço seria economizado para que sua filha tivesse justiça. Quando perguntado sobre a investigação, disse que as coisas seriam esclarecidas em breve.

Arnaldo então pensou em Moama e no comentário de Nelson. Uma mulher indígena com acesso ao veneno e maltratada pela vítima, era obviamente um excelente bode expiatório. Mas seria a verdade? Ele podia apostar que não. Perturbado pelos pensamentos, decidiu sair para dar uma volta. Não gostava do andamento das coisas, sabia que essa mistura de crime, beleza, dinheiro, glamour e mídia nunca dava certo. Vestiu-se e desceu.

O ar quente da noite o envolveu assim que deixou o saguão do hotel. Estava no Centro Histórico e havia muitas barracas de comida espalhadas pela praça. Quantas horas fazia que ele havia feito a última refeição? Parou em uma barraquinha de comida que vendia tacacá, um prato típico da Amazônia, feito de camarão e jambu, uma erva típica da região, e se sentou.

Comeu a refeição acompanhada por farinha e adorou o sabor. Conversou um pouco com a dona do quiosque e saiu em direção ao Porto, caminhando, para colocar as ideias em ordem.

Quem poderia querer Christine morta? Imaginar que uma indígena a mataria porque foi maltratada, não parecia crível. E não era. Mas ele sabia o quanto a polícia podia ser estúpida.



Na manhã seguinte acordou pouco antes das 8h, e quando abriu os olhos demorou para entender onde estava. Acordou cansado e sonolento e foi direto para a ducha, tentando melhorar a disposição física. A verdade é que aquele tipo de clima, abafado e úmido, fazia com que se sentisse mal a maior parte do tempo.

Saiu do chuveiro e foi diretamente para o computador. Suas mensagens ainda não haviam sido respondidas. Ou seja, ninguém parecia saber como fazer um pedido de soltura para um indígena que não tinha documentos. Enquanto pensava nisso ligou a TV, e não acreditou no que falava a repórter do telejornal matutino: a polícia esteve no *resort* novamente, e mais prisões estavam sendo efetuadas naquele momento.

Prisões?! Seu instinto foi levantar o fone e tentar uma chamada para o *resort*. Ele foi atendido na primeira tentativa, por um funcionário.

— É o Dr. Arnaldo. Estou vendo o telejornal. O que está acontecendo?

O atendente o cumprimentou, e imediatamente passou o fone para Dayse. Quando ela pegou o fone, sua voz denunciava seu estado de ânimo:

— Dr. Arnaldo! Ainda bem que o senhor está na cidade!

— Conte-me o que está acontecendo!

— Levaram o Dr. Rangel... e a Luísa.

— Quem levou o Rangel e a Luísa? A polícia?

— Sim.

— Mas por quê? Para onde?

— Lamento. Eu sei apenas isso... os levaram detidos.

— Detidos? Deve ter algum engano. Como assim, detidos? Foram algemados?

— Não. Dessa vez não usaram algemas, mas disseram que vieram buscá-los e eles tinham que acompanhar a polícia até a delegacia.

— Quem esteve no hotel? Tinham mandado de prisão?

— O delegado e dois policiais estiveram aqui... não sei

mais do que isso. O senhor quer falar com seu amigo ou com sua esposa?

— Não. Eu vou pra delegacia. Ligo mais tarde.

Arnaldo desligou o fone estupefato. Que diabos significava tudo aquilo? Pensou por um momento, se refez e marcou um número no aparelho fixo do hotel... dessa vez a chamada telefônica era pra Curitiba. Ligou para o escritório de perícias do amigo, Alexandre Lobo Neto. A secretária o informou de que Alexandre não estava, se encontrava viajando.

— Viagem de trabalho?

— Não. O Dr. Alexandre tirou uns dias de folga, ele está em Fernando de Noronha. Posso ajudá-lo, Dr. Arnaldo?

— De férias? Não sei se deveria incomodá-lo, então. Quando ele volta?

— O Dr. Alexandre me pediu para anotar todos os recados. Não será nenhum incômodo. Tampouco é uma viagem de muito tempo, ele tirou uma semana de descanso e já se passaram três dias.

— Bom, se é assim... gostaria de deixar um recado. Ele está visualizando as mensagens de WhatsApp?

— Visualiza, mas não com muita frequência. Acho que a internet não é muito boa lá.

— Entendo... aqui ocorre a mesma coisa. Eu estou em Manaus... vim a passeio, mas acabei me envolvendo num caso de homicídio. Refiro-me ao assassinato da turista alemã, no resort da Amazônia. Ouviu algo sobre isso?

— Claro! Em todos os telejornais só falam desse assunto. Christine, não é?

— Sim, isso mesmo. Infelizmente, eu fui envolvido na situação e ocorreram uns desdobramentos inesperados. Temo que a tendência seja piorar... Vou lhe passar o endereço do local onde estou hospedado e o telefone, caso o Alexandre não consiga fazer contato comigo pelo celular.

— Pois não, Dr. Arnaldo. Farei o possível para passar o seu recado, o mais breve possível.



Feito isso, Arnaldo se vestiu e chamou Nelson, pedindo à ele que o levasse direto para a delegacia.

Ao chegar lá, teve que abrir caminho entre os repórteres. O circo estava armado. Passou pela aglomeração com dificuldade e se apresentou ao escrivão. Pediu para falar com Luísa e Rangel, imediatamente.

— O senhor não é o advogado da indígena?

— Sou. E agora também represento o Dr. Rangel e a Luísa Maldonado. Gostaria de vê-los imediatamente.

O escrivão o olhou com deboche, e chamou o policial que fazia a segurança da porta, pedindo que levasse o advogado até uma sala de conferências. Ao entrar na pequena sala, encontrou Luísa sozinha e assustada. Seu belo rosto, bronzeado, tinha uma expressão estranha.

— Doutor Arnaldo! Meu pai o mandou aqui?

— Eu vi pela TV. Não cheguei a falar com seu pai. Liguei no *resort* e me contaram. Onde está Rangel?

— Eu não sei... nos separaram quando chegamos.

— Nenhum de vocês dois deve falar nada sem a presença de um advogado. Absolutamente, nada. Entendeu?

— Mas por que não poderíamos falar?! Do que se trata tudo isso? Eu não tenho nada a esconder.

— Eu sei, Luísa. Mas a polícia não pode conversar com você sem advogado presente. É o protocolo. Isso evita muitos problemas, acredite.

— Por que nos trouxeram para cá?

— Eu vou descobrir. Mas antes vou procurar o Dr. Rangel. Fique aqui e solicite minha presença se começarem a fazer qualquer tipo de pergunta. Entendido?



Arnaldo deixou Luísa na sala e caminhou em direção à sala de interrogatórios, onde havia encontrado Moama no dia anterior. Entrou sem bater, encontrando o Dr. Rangel sentado diante do delegado, com uma expressão irritada.

— Mas o que é isso? – Perguntou indignado o delegado.

— Meu cliente não pode ser interrogado sem a presença do advogado dele.

— Outra vez? Isso está se tornando um péssimo hábito. Ele não quis pedir um advogado, os direitos foram lidos.

— Bom, eu estou aqui.

O delegado o encarou com raiva.

— E quem o chamou?

— Isso não é importante. O que precisa ficar claro é que nada do que foi dito aqui antes da minha chegada, tem qualquer valor legal. – Continuou Arnaldo

— O protocolo foi seguido. – Respondeu o delegado. – E não basta se anunciar como advogado, é necessário que sua presença seja aceita pelo cliente.

Foi a vez de Rangel se manifestar:

— Tudo bem, Dr. Arnaldo. Eu agradeço que tenha vindo, e o assumo como meu representante legal. Agora vou continuar respondendo as perguntas do delegado, sem nenhum problema. Assim terminamos logo com isso. Tenho muito trabalho no Centro de Pesquisas, e não posso passar o dia todo aqui.

— Como eu disse, as perguntas terão que ser repetidas. Não há valor legal no que foi dito até aqui. O senhor delegado conhece o protocolo. Teremos que recomeçar. É a lei.

Sem outra saída, o delegado mandou que o escrivão desconsiderasse o depoimento dado até aquele momento e recomencesse a tomar nota. Rangel se arrumou na cadeira, e con-temporizou.

— Por mim, poderíamos continuar do ponto onde paramos. Quanto antes esclarecermos isso tudo, melhor.

Arnaldo não sabia se simpatizava com Rangel ou não, até aquele momento. Mas a atitude prepotente do delegado o

irritava. E passou a admirar a atitude de Rangel e seu autocontrole, que não permitia ser intimidado e nem parecia se incomodar com os modos nada amistosos e arrogantes do delegado. Ele parecia acreditar realmente que tudo ia se resolver... e aquilo tudo era completamente absurdo.

O delegado Mendes recomeçou:

— O senhor nega que tenha tido uma discussão com sua esposa na véspera do crime?

— Nego que tenha tido alguma discussão relevante... Christine se aborrecia com quase tudo. E costumava externar isso. Ela estava muito insatisfeita morando aqui. Mas, sinceramente, não lembro de nada fora do comum.

— O senhor nega que sua esposa estivesse muito zangada, um dia antes de ser encontrada morta?

— Se estava, eu não reparei.

— E como não iria reparar?

— Eu sou um homem muito ocupado, chefeio uma equipe no Centro de Pesquisas e outra no meu laboratório. Tenho muitos afazeres. E esse era um dos motivos de aborrecimento da minha falecida esposa. Outra coisa que a aborrecia era viver na floresta, em condições diferentes daquilo que ela estava acostumada. Eu, sinceramente, não prestava atenção nisso. Caso contrário teria que deixar minhas ocupações e buscar um emprego com jornada normal, num escritório da cidade.

— O senhor sabe por que está aqui?

— Imagino que a polícia acredite que eu tenha esclarecimentos para oferecer. Não me oponho. Pode perguntar o que quiser.

— O senhor trabalha para o pai de sua falecida esposa, e recebe um bom salário do pai dela. Na verdade sua renda aumentou muito com o casamento, não é?

— O senhor não precisa responder, Dr. Rangel. — Interrompeu o advogado.

— Mas eu gostaria de responder. — Disse Rangel. — Não é nenhum mistério que eu trabalho numa pesquisa financiada

pelo laboratório de propriedade da família de Christine. Mas a minha renda não mudou em razão do casamento, eu sempre trabalhei com pesquisas e tenho um salário. O Centro de Pesquisas paga meu salário. O aporte de recursos que eu recebo do Laboratório Hardt é direcionado para as despesas e custos referentes à pesquisa desenvolvida, e com minha equipe. O matrimônio não mudou minha situação financeira. Eu continuo trabalhando e recebendo por isso.

— O senhor recebia 20 mil euros da universidade alemã onde trabalhava, quando se casou com Christine Hardt. A sua situação econômica não melhorou? Barcos, apartamentos de luxo e iates à disposição não mostram que sua vida financeira deu um grande salto?

Dessa vez, Rangel olhou para o advogado. E havia impaciência nos olhos dele. Impaciência misturada com irritação.

— Minha falecida esposa tinha um nível de vida bastante alto. Ela possuía esse patrimônio, não eu. Casamos com separação total de bens. Os meus recursos são derivados do meu trabalho como pesquisador. E antes que o senhor pergunte... eu não comecei a trabalhar para o laboratório farmacêutico porque me casei com ela. Eu já trabalhava nessa pesquisa quando a conheci. E já havia convites de trabalho muitos antes de eu conhecê-la. Inclusive, havia recusado outros convites do pai dela para trabalhar diretamente com ele, anteriormente. E a remuneração oferecida era ótima.

— É mesmo? Um idealista, então?

— Não. Eu não sou idealista. Sou um homem muito prático, e sei que o dinheiro serve para muitas coisas, inclusive para pagar pesquisas que trarão um grande avanço para a humanidade. Foi por isso que aceitei esse aporte... porque acredito no potencial da minha pesquisa e precisava de recursos financeiros para desenvolvê-la. Mas não me casei para convencer meu sogro a me financiar, aliás eu nunca precisei me esforçar muito para convencer quem quer que seja, da relevância do meu trabalho.

Se até aquele momento o delegado não demonstrava hostilidade em relação ao depoente, a partir de então, sua postura mudou.

— Então, o senhor conheceu sua esposa depois que já estava trabalhando para a família Hardt?

— Eu não trabalho para a família Hardt. Eu trabalho para o Centro de Pesquisas da Amazônia, e desenvolvo um trabalho à parte sobre células cancerígenas, financiado pelo laboratório de propriedade de Hans Hardt. O Laboratório Hardt fabrica fármacos para pacientes oncológicos, entre outros, e demonstrou interesse em financiar meu trabalho. E a resposta para sua pergunta é: sim. Conheci Christine depois. Mas não trabalho para o pai de Christine... eu trabalho na minha pesquisa, de forma independente. Apenas recebo financiamento.

— Mas, naturalmente, o casamento trouxe benefícios para sua carreira.

— Minha carreira depende da minha competência. Exclusivamente. Mesmo que um tolo tivesse milhões à disposição para levar adiante uma pesquisa fraca, não chegaria a lugar nenhum. E Christine era uma mulher muito bonita, muito interessante, não precisaria fazer um casamento através de uma moeda de troca.

— Então, o senhor se casou por amor?

Rangel manteve a postura impassível... Arnaldo ficou aguardando...

— Eu me casei porque era o que eu achava que devia fazer naquele momento.

— Então, não foi por amor?

O advogado sabia que devia intervir, mas também ficou esperando a resposta de Rangel. Aquela era uma pergunta importante, que ele mesmo gostaria de saber a resposta.

— Casei-me com Christine porque ela era uma mulher muito atraente e demonstrava grande interesse por mim. Foi um casamento como outro qualquer. Interesse, namoro e casamento.

— E como foi o relacionamento conjugal? Havia algum tipo de problema entre o casal?

— Eu morava na Europa quando nos casamos. Quando aceitei esse emprego aqui na Amazônia, um convite para chefiar o Centro de Pesquisas e tive que me mudar para o Brasil, nossos problemas começaram. Ou se intensificaram.

— O senhor passava muito tempo fora, não é mesmo? Além do Centro de Pesquisas, também passava muito tempo em seu laboratório particular.

— Onde o senhor quer chegar?

— O senhor sabia que sua esposa tinha um amante?

Rangel trocou um olhar atônito com Arnaldo, e naquele momento uma atmosfera se formou. O horizonte se escureceu, e a tempestade caiu.

— Não admito que falem uma leviandade dessas sobre uma pessoa morta!... Christine não pode se defender e gostaria que não jogassem lama sobre o nome dela! – Esbravejou o bioquímico.

— O senhor diz que o casamento ia bem, que não tinham problemas, mas sua esposa tinha um amante. O que tem a dizer sobre isso?

— Eu não tenho nada a dizer sobre esse absurdo! E não disse que o casamento ia bem.

— Sabia que era traído?

Rangel se moveu na cadeira, irritado, e encarou o delegado.

— Não me agrada falar da minha vida particular. Não me agrada que falem coisas absurdas de uma pessoa que não pode se defender. Não tenho o hábito de discutir minha intimidade com ninguém. E não acho que meus problemas conjugais sejam relevantes. Também não me agrada expor Christine. Tínhamos alguns problemas. A conversa sobre divórcio já tinha acontecido. Mas isso não é importante. Ela morreu, nada pode ser mais importante do que isso.

— Quem decide a relevância dos fatos é a polícia. E a sua

intimidade se tornará pública em breve. A sua intimidade faz parte de um processo de homicídio. Não existe mais vida particular. Sugiro que nos conte tudo.

Arnaldo, então, interferiu de maneira firme:

— Vamos fazer uma pausa. Quero ficar a sós com meu cliente.

— Estamos no meio de um depoimento importante... não vejo por que devemos interromper! – Respondeu o delegado.

— Desejo ficar a sós com meu cliente. Por favor, respeitem os direitos dele.

O delegado se levantou, de má vontade, e foi seguido pelo escrivão. A sala ficou vazia. E estranhamente silenciosa.

— Dr. Rangel, não gosto disso. O senhor precisa me contar o que está acontecendo.

— Eu não faço a menor ideia.

— O senhor tinha conhecimento de que sua esposa poderia ter um amante? De onde saiu essa informação?

Rangel colocou as mãos na cabeça, num gesto de desespero, e respondeu:

— Eu jamais tive conhecimento de nada... não sei quem falou uma coisa dessas. E também não me importa. Qual a relevância disso? Preciso me preocupar em ajudar o pai dela a levar o corpo da filha de volta. Apenas isso. O que importa se ela tinha um amante? Ela está morta.

— É extremamente relevante! Uma acusação de homicídio pode ser construída em cima de um fato como esse.

— Acusação de homicídio?!

— É disso que estamos falando!

— Mas que palhaçada é essa?

— É hora de o senhor me falar tudo... se tiver algo a dizer, a hora é essa.

Rangel olhou o advogado nos olhos e revelou:

— Eu queria o divórcio. Meu casamento era ruim, foi um erro. Mas eu queria me separar, apenas isso. A suposição de que eu a mataria, em vez de pedir o divórcio, é um absurdo.

Não me importo se ela tinha um amante. Eu teria ficado contente em saber que ela tinha encontrado alguém, que estava feliz. Tudo isso é absurdo!

Enquanto Arnaldo argumentava com seu cliente, o delegado recebia um documento em sua sala. Assim que leu o que estava escrito, se dirigiu para a sala de interrogatórios novamente, e chamou o escrivão para ir junto.

— Podemos continuar nossa conversa? – Perguntou, assim que entrou, de forma abrupta.

Foi Arnaldo quem respondeu:

— Meu cliente já deu as informações que poderia dar. Caso as perguntas continuem nesse teor, sem agregar nada que possa contribuir para solucionar a morte da esposa, sugiro que o delegado encerre essa oitiva. Meu cliente não tem mais nada a declarar.

— Vamos encerrar sim. Mas antes, preciso fazer mais duas perguntas.

— Pois não, estou a sua inteira disposição. – Responde o bioquímico, demonstrando cansaço.

— O senhor fazia uma pesquisa sobre as propriedades do *curare*, em seu laboratório?

O advogado ia interferir, mas Rangel fez um sinal com a mão:

— Faça pesquisas sobre plantas medicinais da Amazônia. Entre elas, o *curare*.

— *Curare* é medicinal?

— É usado como anestésico. Gostaria que eu explicasse a ação dele no sistema nervoso?

— Não é necessário... diga-me: Luísa Maldonado é quem conduz essas pesquisas sobre plantas medicinais?

— Sim. Ela é bióloga, com especialização em botânica.

— E o senhor chefia e fiscaliza o trabalho dela?

Arnaldo sentiu o ar ficando mais rarefeito, dentro da sala. Sentiu que algo importante estava para ser dito:

— Sim. Eu acompanho o trabalho desenvolvido por ela.

É responsabilidade de ambos. Mas eu sou o chefe da equipe.

— É verdade que sua assistente, Luísa Maldonado, estava noiva de um colega de trabalho e rompeu recentemente o compromisso?

— O senhor não tem que responder. – Interferiu Arnaldo.

— Como disse meu advogado, não tenho que responder.

A vida privada da minha assistente não me diz respeito.

— Não diz respeito? Mas se ela rompeu o noivado porque havia um outro relacionamento em curso, isso não lhe diz respeito?

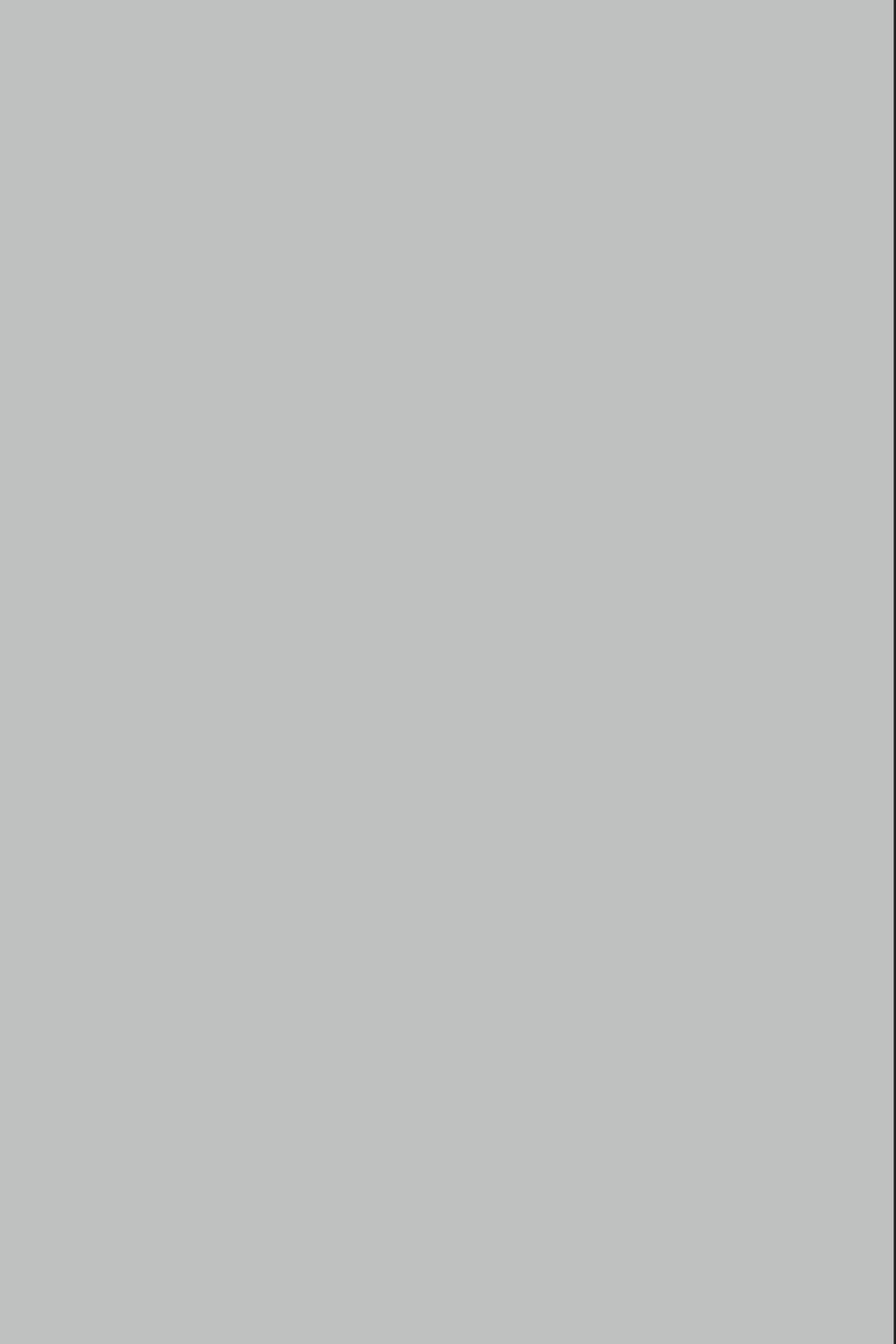
— É claro que não! E não sei onde o senhor quer chegar.

— As pessoas comentam... o senhor sabe. Havia alguns boatos de que o senhor e sua assistente estavam envolvidos... o senhor confirma?

— Basta! Estou dando essa reunião por encerrada e levando meu cliente embora! – Disse Arnaldo, se levantando.

— Infelizmente, não vai ser possível, caro Dr. Arnaldo. O juiz autorizou a prisão temporária do Dr. Rangel e de Luísa Maldonado. Pode conferir a ordem de prisão. Tenha um bom dia!





CAPÍTULO 4

Uma tempestade, em céu sereno. Era isso o que havia acontecido na delegacia. O tempo escureceu de repente, e a tempestade caiu. Arnaldo deixou a delegacia em completo estupor, e ainda teve que fugir das perguntas de jornalistas que faziam a festa em frente ao edifício. E ninguém podia culpá-los: um caso como aquele não passaria em branco na imprensa. A cobertura seria exaustiva, e a sede de holofotes atrapalharia mais uma vez o trabalho investigativo e da defesa. Mas quem se importa com a verdade, quando os holofotes se acendem?

O circo estava definitivamente armado. Ele precisaria de apoio para continuar no caso. Teria que trabalhar com sua equipe, o caso estava complicado demais e teria que fazer o trabalho que a polícia não fez: analisar a cena do crime e descobrir a verdade.

Entrou no táxi de Nelson e pediu para ser levado em algum bar ou café, onde tivesse internet e pudesse ficar tranquilo. Tinha que entrar com o *Habeas Corpus* naquele mesmo dia e iria pessoalmente ao Fórum, depois de tomar algo e redigir a petição.

— As coisas não foram boas, doutor?

— Não, Nelson. As coisas se complicam cada vez mais. Vou comer algo, escrever a petição e depois você poderá me levar ao Fórum. Quero entrar com o pedido de soltura, ainda hoje.



Depois de deixar o prédio do Fórum, Arnaldo pediu ao motorista para retornar ao hotel. Teria que falar com o pai de Luísa e encontrar um modo de explicar a situação. No final das contas, a intuição do amigo estava certa: ela estava em apuros.

Mas então Luísa estava apaixonada pelo chefe? O sisudo Rangel? E ele estava disposto a deixar a esposa, rica e linda, para ficar com ela? E antes disso Luísa estava noiva de outro homem?

Até que ponto esse divórcio comprometia a pesquisa de Rangel? Pesquisa financiada pelo pai de Christine? Tudo isso era verdade ou apenas suposição da polícia, que em vez de fazer um sério trabalho investigativo, preferia encurtar caminho e enveredar por uma linha subjetiva? Essas perguntas eram importantes e precisavam ser respondidas... havia muito em jogo.

A polícia tinha negligenciado provas importantes ao ignorar a cena do crime. Mais uma vez, a polícia deixava de isolar a cena de um crime e perdia provas. Mas apesar de o local ter sido contaminado com a presença de policiais e funcionários que por lá passaram, ainda poderiam encontrar evidências ou indícios dentro daquele bangalô. Traria peritos particulares para examinar o local e tentar encontrar provas. Provas que contassem a história do que acontecera ali. As cenas de crime falam, assim como um cadáver também fala e conta a sua própria história. A história por trás de sua morte. A história dos últimos instantes de vida. E os últimos instantes da vida de Christine eram muito importantes. Esses instantes poderiam salvar Rangel e Luísa da prisão. Não havia outra solução, teria que investigar tudo desde o início. E para isso, precisaria de ajuda.

Com essa resolução se encaminhou para o hotel. Já no saguão encontrou TV ligada, que mostrava uma repórter falando da frente da delegacia. Ela informava que o delegado daria uma coletiva de imprensa que mais duas prisões haviam sido efetuadas. Segundo a repórter, o delegado havia afirmado que muito em breve assassinato de Christine teria um desfecho e seu assassino, ou assassinos, seriam apresentados.

— *Madonna Mia!* – Foi a exclamação que escapou da boca do advogado ao ouvir aquilo. Ele então pegou suas chaves rapidamente, e subiu de elevador vencendo os nove andares que o separavam de seu apartamento. Nem bem entrou no

quarto e já foi fazendo uma chamada telefônica. Ligou primeiro para seu escritório e passou algumas ordens, depois ligou novamente para o escritório de perícias de Alexandre. A secretária o atendeu no segundo toque e tinha um recado pra ele:

— Bom dia, Dr. Arnaldo. Tenho um recado para o senhor... o Dr. Alexandre avisou que poderá encontrá-lo no Amazonas, caso deseje. Se for importante, ele irá amanhã, ou assim que conseguir marcar a passagem.

— Minha cara! Muito grato! Eu preciso que ele venha até mim e também disponibilize uma equipe de trabalho para cá, se possível. Preciso de todo o suporte que você puder me fornecer.

— Eu posso fazer as reservas do Dr. Alexandre, então, e dos profissionais que o senhor precisar... posso enviá-los imediatamente para aí. Diga-me tudo o que o senhor precisa. Devo marcar o voo para Manaus?



Alexandre Lobo Neto chegou na capital do Amazonas no final da tarde do dia seguinte. Bronzeado, vestido com camiseta, tênis e bermuda esportiva, entrou no saguão do hotel e perguntou por Arnaldo. Foi encaminhado ao bar, e recebido com um abraço.

— Então você veio? Estraguei suas férias?

— Não se preocupe... consegui descansar por quatro dias. E minha companheira de viagem já estava começando a fazer planos muito sérios para o futuro... já era hora de terminar o idílio. Fiquei feliz de voltar ao trabalho!

— Você não tem jeito! Precisa arrumar uma boa moça e se casar!

— Não tenho pressa... gosto da ideia de me casar aos 50, assim como você.

— Pilantra! Eu teria me casado mais cedo... sempre fui um homem de família, só demorei para achar a mulher certa pra mim.

— Eu também tenho essa dificuldade, confesso. Mas afinal, o que está acontecendo?

Arnaldo contou tudo, desde que havia começado sua aventura.

— Uau! Então as coisas estão complicadas, mesmo! Já mandei vir minha equipe, e começarei agora mesmo a investigar... quando poderei ir ao *resort*?

— Se o tempo estiver bom, sem chuva, e sua equipe já tiver chegado, poderão ir amanhã mesmo. Talvez eu também possa acompanhá-los. Já entrei com o *habeas corpus* e seria conveniente conversar com o pai de Luísa pessoalmente.

— E o que o seu amigo acha de tudo isso?

— Eu ainda não conversei com ele... o sinal telefônico é muito ruim por aqui, e pelo que minha esposa disse, ele passou mal, teve um pico de pressão e precisou ser medicado. Está em repouso. Por isso, gostaria de ir até lá conversar com ele.

— Imagino a situação... eu vi várias reportagens durante a viagem sobre o caso. A mídia está fervendo, igual urubu em cima da carniça. Essa coletiva com o delegado foi um horror... como podem apontar culpados sem examinar a cena do crime? É tudo na base do achismo? Não se preocupam com as vidas e reputações que estão destruindo? A investigação policial nesse país é uma vergonha.

— A carreira de duas pessoas brilhantes está em jogo... e a própria vida dessas pessoas pode vir a ser destruída. Pelo andar da carruagem, o delegado pretende criar um caso passional e resolver rapidamente. Não vai se importar em investigar e nem teve o trabalho de mandar isolar a cena do crime.

— E como eles pensam em descobrir o que houve, sem analisar a cena do crime? Pelo menos o horário do óbito conseguiram determinar?

— O laudo da autópsia ainda não foi anexado no inquérito. Não tenho ideia da hora da morte.

— O que você acha que aconteceu?

— Não sei... foi tudo tão absurdo! Ela estava tão cheia de vida, tão vibrante no dia anterior... e de repente estava morta.

— Eu preciso fazer uma pergunta... existe alguma base para a acusação? Existe algum fundamento?

— Você está me perguntando se existe alguma possibilidade de Luísa estar envolvida nisso?

— Você sabe como as coisas funcionam... gostaria de não precisar perguntar isso, mas... só posso me comprometer a descobrir a verdade. Gostaria que você tivesse consciência dos riscos.

— Eu sei, caro Alexandre! Como eu sei... sempre que investigamos algo, corremos o risco de descobrir uma verdade que não nos agrada.

— Exato. E eu não defenderei nenhum cliente, eu apenas posso ir atrás da verdade, e trazê-la à tona. A perícia não trabalha para o cliente, trabalha para esclarecer os fatos. E só aceito casos que eu esteja certo de que a pessoa acusada seja, de fato, inocente.

— Eu sei amigo, eu sei... comigo acontece o mesmo, até posso trabalhar na defesa de um cliente que não seja inocente, mas não irei mentir para apresentar uma defesa. Agimos da mesma forma, você e eu.

— Sim, eu conheço sua reputação, mas esse assunto é um pouco mais delicado... não sei o que irei encontrar... seria conveniente que antes de irmos para o *resort* eu pudesse conversar com eles. Gosto de fazer esse primeiro contato inicial, conhecer a personalidade das pessoas que estou investigando... porque, no final das contas, está no passado dos clientes o início de tudo...

— Podemos ir amanhã pela manhã na delegacia... e você os conhecerá. Quer subir para seu apartamento, agora? Deve estar cansado.

— Um pouco, mas não muito. Vou aproveitar para estudar o caso e ler o inquérito. Imagino que tenha feito uma cópia pra mim.

— Fiz, sim. Mais tarde nos encontramos para jantar. Avise-me quando estiver com fome.

— Combinado.



Na manhã seguinte, logo depois das 9 horas, entraram na delegacia. Arnaldo apresentou Alexandre como seu assistente e pediram para conversar com seus clientes. Era uma conversa rápida, pois tinham voo marcado para o *resort*, logo mais. Conseguiram falar primeiro com Luísa, que surgiu muito abatida. Ela não havia dormido e tampouco se alimentado até então, mas aceitou de bom grado o café levado por Arnaldo. Além de não ter conseguido se alimentar, ela tinha olheiras e parecia extremamente infeliz.

— Como você passou a noite?

— Muito mal. Não consegui dormir e nem deitar naquele colchão sujo e sem lençol. Passei a noite sentada... não consigo acreditar que isso realmente esteja acontecendo... estou junto com Moama, num lugar minúsculo. Nem preciso dizer que tudo o que eu preciso é sair daqui.

— Luísa, esse é o Dr. Alexandre. Ele é advogado, está trabalhando no seu caso, e também comanda uma empresa de perícias particular. Vamos atuar juntos a partir de agora. Eu já entrei com o pedido de soltura e estou aguardando um posicionamento do tribunal. A prisão é provisória e tem duração de cinco dias. Mas acredito que antes disso irei tirar vocês daqui. Agora o que você precisa fazer é ficar serena e tentar se alimentar.

— Serena? E minha carreira? E meu pai? Isso é um absurdo total, eu não tenho nada a dizer que possa esclarecer essa morte. Eu não a vi. Nunca entrei naquele bangalô! Não tinha amizade com ela... tenho trabalho e endereço fixo. Por que me prenderam?

— Nós iremos esclarecer tudo isso. Eu vim vê-la, saber como você está e lhe assegurar que tudo o que estiver ao meu alcance, eu farei. Estou preparando a sua defesa e acredito que o pedido de soltura será acatado. Mas você precisa aguentar firme.

— E o papai? Como ele está?

— Falarei com ele hoje ainda... procure se manter forte. Leia um livro, se alimente, e aguarde. Logo teremos boas notícias. Certo? Eu trouxe alguns livros pra você.

— Vou tentar não pensar... mas estou presa nesse pesadelo.

— Infelizmente, não podemos demorar muito... e precisamos falar com o Dr. Rangel agora, antes de seguirmos para o *resort*. Você vai receber itens de higiene e roupas. E vou providenciar que vocês recebam algum tipo de alimento de fora também. Vou pedir ao motorista que está me atendendo, para trazer refeições para vocês. Tente dormir e descansar.

Arnaldo tentou ser firme e animá-la, mas sentiu uma angústia profunda ao se despedir dela. Não queria deixá-la naquele lugar... ele a conhecia desde pequenininha, e sentiu um aperto no coração.



Depois que Luísa foi levada, trouxeram Rangel até a sala de conferências. Ele tinha o semblante duro, as roupas amassadas, e também parecia que não havia dormido.

A conversa com ele também foi rápida. Apertaram as mãos e Arnaldo avisou que estava fazendo todo o possível para tirá-lo dali o mais breve possível.

— Faça tudo o que for necessário, Dr. Arnaldo. Não economize nada. Pode contratar essa empresa de perícias... eu assumo os custos. Não matei Christine, quando saí daquele bangalô ela estava viva, e não imagino quem possa ter feito essa barbaridade com ela. Mas espero que vocês possam descobrir. Podem fazer todas as investigações que julgarem necessárias... e gostaria que Moama e Luísa recebessem o mesmo tratamento. Não quero que falte nada para Moama. Eu pretendo financiar a defesa dela.



Ao saírem da delegacia, Alexandre comentou:

— Um homem nobre. Uma dama em perigo.

— Do que você está falando? – Perguntou Arnaldo.

— Estou falando com os meus botões... vamos ao *resort*.

As respostas que precisamos devem estar lá.



A viagem de hidroavião atrasou um pouco, mas o voo foi tranquilo e George os manteve distraídos por todo o trajeto, mostrando a paisagem e contando sobre o local. E logo o grupo formado por Arnaldo, Alexandre e os dois peritos chegados de Curitiba pousou nas águas negras do rio, que pareciam ainda mais escuras e espelhadas naquele momento. Uma paisagem inesquecível, exótica... uma beleza que nada conseguia ofuscar, nem mesmo o clima sombrio que se apoderou daquele magnífico lugar, depois da morte de Christine.

A paisagem mantinha a mesma beleza de antes, mas as mudanças no *resort* podiam ser percebidas de imediato... já não havia mais o indiozinho esperando na margem a chegada de um novo hóspede, nem o clima festivo de boas vindas. Agora havia uma sensação estranha no ar, e preocupação nos semblantes das pessoas, que procuravam fingir normalidade. Inclusive os funcionários.

Arnaldo levou o grupo até a recepção do hotel e pediu para que avisassem Trude de sua chegada. Ela veio em seguida. E logo chegou Dayse, que procurou organizar as coisas para que os hóspedes estivessem à vontade, e imediatamente pediu para preparar uma mesa ao redor da piscina para todos eles, e distribuiu cardápios. Ela estava cordial e amigável como sempre, tentando seguir em frente com seu negócio. A primeira vista poderia parecer que ela estava bem, mas quem a conhecia

um pouco melhor, sabia que ela estava tensa e preocupada com a situação. Arnaldo, na primeira oportunidade, trocou algumas palavras com ela:

— Como estão as coisas por aqui?

— Estamos ilhados, sem poder receber novos hóspedes e tentando manter tranquilos aqueles que estão aqui. Não quero parecer insensível, mas essa publicidade é realmente péssima para meu negócio. Tive várias reservas canceladas, dificuldades de todo tipo. Minha camareira foi acusada de envenenar uma hóspede... o senhor pode imaginar o efeito disso sobre meu hotel? E ainda estão especulando que contrato trabalhadores ilegais, sem registro... Moama vem duas vezes na semana, ajuda na faxina, não é preciso registro.

— Eu imagino... ninguém gostaria de uma publicidade como essa... é realmente um duro golpe para o *resort*.

— Sim, e mesmo que fique tudo esclarecido, mesmo que ela seja inocentada, o dano já está feito. Mas o meu problema é muito menor do que o problema que a própria Moama está passando... infinitamente menor do que estão passando o Dr. Rangel e a Luísa. Então, não me sinto nem no direito de me queixar.

— Eu a entendo. Mas não está sendo egoísta... existem os danos colaterais. Infelizmente, nossa polícia não pensa nisso quando age de forma precipitada e irresponsável.

— Depois daquela coletiva, as reservas foram sendo canceladas uma por uma. Estou terrivelmente preocupada. Esse *resort* era o sonho da minha vida. E também estou preocupada com o efeito disso tudo na vida da Luísa e com a saúde da Moama, que é uma mulher idosa e com problemas decorrentes da idade... e a carreira do Dr. Rangel? Ele se dedicava ao trabalho 24 horas por dia, os 7 dias da semana. Como vai ficar a imagem dele? Acusado de mandar envenenar a esposa? Meus problemas são pequenos perto dos problemas deles.

— Eu contratei uma empresa de perícias para trabalhar no caso. Eles irão buscar a verdade e trazer luz sobre essa

terrível tragédia... e vou precisar da sua ajuda. A equipe de peritos precisa examinar o bangalô da Christine. A polícia não se deu ao trabalho de procurar nada, mas nós teremos que encontrar alguma pista que nos leve à verdade. Esse caso precisa ser esclarecido, e se dependermos da polícia pra isso, não será esclarecido nunca. Eles embarcaram numa suposição totalmente equivocada e desprezaram a cena do crime.

— Dr. Arnaldo... o senhor tem certeza que a polícia está equivocada, não é?

— Minha cara Dayse... somente as provas podem trazer certezas! E as provas se buscam no local do crime, antes de mais nada. Não é possível negligenciar a cena do delito e sair apontando culpados. Esse modo de trabalhar da nossa polícia é muito arcaico. Se Christine foi envenenada dentro daquele bangalô, então o assassino esteve lá. E se esteve, deixou algum rastro. Entende? Não posso afirmar que Moama, Luísa e Rangel sejam inocentes, mas posso questionar onde estão as provas da culpa deles. Não são as pessoas que precisam provar que são inocentes, é a polícia que precisa provar a culpa dos acusados. *In dubio pro reo*¹. Esses são os pilares da Justiça. É inaceitável como estão conduzindo o caso.

— E o senhor acha que depois de todo esse tempo ainda é possível achar alguma prova, dentro daquele bangalô?

— Tenho certeza que sim! Tenho certeza que a perícia irá encontrar algo. Imagino que o bangalô ficou fechado desde aquele dia, não?

— Ninguém entrou lá. Está tudo exatamente como estava... mas depois de todos esses dias o que poderiam encontrar?

— Evidências. Índícios. Provas. Pistas. Fique tranquila, e deixe a perícia trabalhar.

— Assim espero. Quando pretendem ir até lá?

— Assim que terminarem de almoçar. Precisamos correr.

— Vou pedir que sejam servidos, então.

¹ Na dúvida, a favor do réu. Este conceito é central para a justiça criminal e assegura que, em casos de incerteza, o benefício da dúvida recaia sobre o acusado, impedindo que alguém seja condenado sem provas conclusivas.



O trabalho no bangalô foi meticuloso, cada palmo foi analisado e revirado. Christine era uma mulher sofisticada e seus pertences indicavam isso: roupas, sapatos e acessórios grifados, que enchiam o closet e transbordavam luxo. Inúmeros vestidos, joias e perfumes. Centenas de fotos de viagens em lugares paradisíacos. Ao contrário da exuberância dela, os pertences de Rangel ocupavam pouco espaço e consistiam apenas em algumas peças de roupas de cores sóbrias, de corte simples e muito discretas. Os sapatos eram na maioria abotinados, próprios para andar na mata. Mais de um *notebook*, câmera fotográfica digital e muitos livros: em português, inglês e alemão. O contraste entre eles era gritante. A exuberante Christine, convivendo com a sobriedade e intelectualidade do marido. Não era difícil de entender que o casamento deles estivesse passando por uma profunda crise. Pelo menos, essa era a história que aquele ambiente contava... de um casamento sem afinidade, provavelmente infeliz. Talvez por isso, tanto ele quanto ela, estivessem procurando outras emoções. Emoções perigosas, que poderiam ter sido o estopim para aquele crime.

Enquanto os peritos fotografavam o local e vasculhavam cada canto do bangalô, Alexandre observava a cena do crime, também fazia fotos e tentava entender a história que aquele local contava... no quarto onde ela havia sido encontrada morta havia desordem. Alguns móveis estavam fora de posição e algumas gavetas estavam mal fechadas. Alexandre pegou o interfone e ligou para a recepção, pedindo para falar com Dayse. Quando ela atendeu, ele pediu para que ela viesse até o bangalô.

Ele então a esperou na porta, com a câmera fotográfica na mão.

— Desculpe fazê-la vir até aqui, mas fiz umas fotos do bangalô, e gostaria de saber se quando a senhora entrou no quarto as coisas estavam assim mesmo, ou se algo foi mexido.

— Não há problema em me chamar... eu quero ajudar. —
Falou, enquanto olhava para as fotografias que Alexandre mostrava para ela no visor. — E foi então que ele percebeu algo no olhar dela.

— Há muita desordem no local... a senhora lembra se encontrou o lugar assim, no momento em que acharam o corpo?

Dayse gaguejou um pouco, na resposta.

— Acho que as coisas estavam assim mesmo... não lembro direito, mas parece que havia uma certa desordem... parecia que tudo estava desarrumado. Quando ela foi retirada daqui pelo IML, provavelmente os móveis devem ter sido empurrados... tirados do lugar. Mas eu penso que já encontrei o ambiente bagunçado, só não lembro direito.

— Então a senhora reparou na desordem?

— Sim, sim... foi. Acho que as coisas estavam assim mesmo. Estava tudo em completo silêncio. Até então eu não achava que havia acontecido algo realmente... Mas quando abri a porta do bangalô, eu senti que havia alguma coisa muito errada.

— Por quê?

— Parecia que tudo estava fora de lugar... remexido.

— Como agora?

— Bem... acho que agora existe mais desordem porque muitas pessoas entraram... veio a polícia, o IML.

— Christine era uma mulher organizada?

— Não era. Deixava tudo jogado, inclusive as roupas. As camareiras tinham que arrumar o bangalô várias vezes ao dia. Ela perdia as coisas e depois as acusava de roubo. Era uma mulher que deixava muita bagunça, até pelo chão. Ela nunca sabia onde havia deixado suas joias, relógios... nada.

— Então essa desordem não poderia ter sido causada por ela mesma?

— Não... era hábito dela deixar roupas e joias espalhadas pelo chão e o banheiro em completa desordem, mas não se tratava disso... e o bangalô havia sido arrumado na noite anterior, quando ela saiu para jantar... a desordem era de outra natureza dentro do quarto.

— Pode se explicar melhor?

— Parecia que o quarto havia sido revirado.

— Só o quarto? O restante dos cômodos, não?

— Eu não saberia dizer exatamente... eu levei um susto.

Eu me deparei com ela morta, não consigo lembrar com exatidão.

— A mesa do café estava posta... quem serviu?

— Um dos garçons. Dr. Rangel pedia o café bastante cedo. Mas nem sempre pedia pra servir na saleta do quarto ou na varanda, muitas vezes ia tomar o desjejum na piscina ou no salão do hotel. No entanto, naquela manhã pediu o café pra tomar aqui.

— Consegue lembrar se as duas xícaras foram usadas? Lembra de como encontrou a mesa?

— Eu não lembro desses detalhes... mas se ela tomou o café, foi depois. Ela dormia até bem tarde, e nunca tomava café com o marido. Ele saía muito cedo.

— O casal tinha hábitos diferentes?

— Muito diferentes.

— Eles se davam bem?

Dayse ficou calada, ele estava entrando num terreno pessoal.

— Desculpe... mas eu preciso perguntar... sei que parece invasivo, mas é necessário traçar um perfil. Preciso saber... eles se davam bem?

— Não muito... *Pra* ser sincera, eles eram um casal bastante improvável.

— O que a senhora quer dizer com improvável?

— Eles não combinavam. Eram de mundos diferentes.

— Mas ela era muito bonita.

— Muito. E talvez a beleza dela o tenha atraído no início, mas casamentos são difíceis... viver junto exige empenho. E afinidades. Acho que o interesse inicial, se esgotou rapidamente. Dr. Rangel é um homem extremamente inteligente... brilhante. Creio que eles não tinham muito assunto... e ele não parecia ser o

tipo de homem que se contentasse com uma mulher de enfeite. E ela precisava de diversão, festas... creio que ele não fosse capaz de proporcionar isso pra ela. Assim como ela não tinha nada que pudesse prender seu interesse. Eles eram incompatíveis.

— Entendo... eles pareciam distantes? Havia histórico de brigas? A senhora achava que eles eram um casal em crise?

— Eu procuro não me intrometer e nem saber muito sobre a vida privada dos meus hóspedes. É bastante inconveniente ficar sabendo de assuntos íntimos das pessoas. Então, não presto atenção nesse tipo de coisa.

— Eu entendo. Mas também acho que a senhora é uma mulher muito observadora e sabe que nós estamos falando de um assassinato. E estamos falando de uma prestadora de serviços acusada de envenenar essa hóspede. Acho que a senhora precisa falar tudo o que sabe.

Dayse suspirou. Estava cansada daquele assunto. Contrariada e triste. E queria que aquilo acabasse logo, para que a vida voltasse a ser como antes...

— O Dr. Rangel chegou sozinho aqui no *resort*, quando foi contratado pelo Centro de Pesquisas em Anavilhanas. Apesar de ser muito quieto e introspectivo, estava tranquilo. Parecia realizado e contente. Ela veio mais tarde... passava algum tempo, depois ia embora. Quando ela estava aqui, as coisas mudavam. Ele ficava tenso, parecia sempre contrariado e infeliz. Antes passava muitas horas no laboratório, mas depois que Christine chegou, ele simplesmente passou a viver no laboratório. Jantava tarde e depois voltava pra lá. Parecia não querer entrar no bangalô.

— E ela? Como reagia?

— Muito mal. Estava sempre de péssimo humor, gritando com os funcionários e fazendo mil exigências. Nada a contentava. Eu gostaria que ela tivesse ido embora... estaria viva agora e nós não estaríamos às voltas com a polícia.

Alexandre ia continuar com as perguntas, mas ouviu Orlando o chamando de dentro do bangalô. O perito anunciava

que havia encontrado algo. Dayse aproveitou a deixa e perguntou se poderia voltar ao trabalho.

— Pode, mas antes me responda mais duas perguntas: quem era o namorado de Luísa? A senhora acha que entre o Dr. Rangel e Luísa existe algum envolvimento?

— Lamento. Não tenho resposta para nenhuma dessas perguntas. Jamais vi ou ouvi qualquer coisa a esse respeito. Preciso ir agora, se precisar de mim é só me chamar. Com licença.

— Mais uma última coisa... quem a senhora acha que matou Christine?

Alexandre, então, notou que os olhos azuis dela ganharam outra tonalidade, mais escura.

— Eu não posso nem imaginar. E não acredito que qualquer pessoa que eu conheça tenha feito uma coisa dessas.

— Mas alguém fez. E esse alguém deve estar aqui, convivendo normalmente com todos. Entende? O assassino de Christine é alguém daqui. Estamos no meio da floresta, isolados do mundo. O assassino chegou aqui e se instalou. Um gato entre os pombos.

— Eu preciso ir. Me desculpe, eu tenho que ir agora.

Alexandre ficou olhando enquanto ela se afastava... Dayse sabia a resposta para muitas daquelas perguntas, ele tinha certeza. Então entrou e falou com o perito:

— O que foi que você achou, Orlando?

— Veja você mesmo... encontrei no lixo.

— Um extrato bancário? Explique-me a relevância.

— Olha isso... tem uma transferência de um valor altíssimo no dia 15.

— Bem... ela era uma mulher muito rica. As transações bancárias dela, deviam ser diferentes da maioria dos mortais. Até aí não vejo nada de mais... nossa! Transferiu um milhão de reais?! Você acha que devemos investigar?

— Meu faro diz que sim, chefe. Um milhão de reais é muito dinheiro!

— Tudo bem. Vamos descobrir pra quem ela fez essa transferência... e quem sabe pescamos um peixe.

— Você pretende descobrir o beneficiário dessa transferência pelo modo demorado ou pelo modo rápido?

— Rápido, naturalmente.

— Um serviço para o Marcel, então?

— É claro.

— Tem alguma coisa que ele não descubra?

— Nada. Ele é o cara.

E foi então que o outro perito, que estava fuçando debaixo da janela que dava pra varanda, os chamou:

— Alexandre, venha ver isso!

Os dois homens foram ao seu encontro:

— O que você achou de interessante, Clóvis?

— Essa janela foi forçada... e consegui encontrar uma marca de sapato de homem, uma digital palmar completa. Alguém entrou por aqui.

— Sério? Então você acha que o assassino pode ter entrado por aqui?! Sempre achei que ela tivesse aberto a porta... que o assassino era um conhecido.

— Isso eu não sei... só posso garantir que alguém entrou por aqui. E esse alguém é do sexo masculino. A marca de sapato é nítida em alguns pontos... esse homem entrou e saiu pela janela. Eu analisei a parede externa, que dá para a varanda, e confirmei minha suspeita... tem marcas ali também.

Alexandre e Orlando assoviaram, surpresos. Aquela descoberta não era o que esperavam.

— Mas quem poderia ter entrado por essa janela? Alguém do externo, que não estivesse hospedado no hotel? Acho muito difícil... o acesso aqui é restrito, se alguém tivesse chegado aqui, teria que ser de hidroavião ou de barco. Ou teria que estar escondido na floresta ou no rio, então é muito improvável. Vou pedir a lista das pessoas que chegaram no *resort* no dia do crime e no dia anterior. Também vou checar quem se hospedou nos bangalôs próximos. Teremos que aumentar nossa lista de suspeitos além do círculo mais íntimo.

— E vamos ver quem calça sapatos desse tamanho, por aqui. É um número grande, tamanho 43. Não deve ter muitos hóspedes que calcem esse número de sapato.



Enquanto Alexandre e os peritos especulavam sobre a descoberta, Arnaldo tinha uma conversa difícil com Aristeu, há poucos metros dali:

— Meu amigo, que tristeza vê-lo acamado. Vim o mais rápido que pude.

— Eu sei, Arnaldo. Não se preocupe comigo, foi só uma indisposição. A polícia levou minha filha, como se ela fosse uma criminosa. Meu coração não aguentou. Que notícias você me traz dela?

— Luísa está bem, dentro do possível. Um pouco assustada e preocupada com você. Eu já entrei com o pedido de soltura e estou aguardando o juiz se pronunciar, assim como aguardo que seja disponibilizada a conclusão da autópsia.

— Que absurdo, tudo isso! Como foi que isso aconteceu conosco?

— A polícia se inclinou numa linha investigativa baseada numa suposição, e acho que a pressão está sendo grande. Optaram por prender alguém rápido e demonstrar serviço. O pai de Christine é uma pessoa muito influente e a polícia brasileira é extremamente despreparada. Não temos uma polícia científica independente, o local do crime nunca é isolado, e assim temos 30% da população carcerária composta por inocentes, enquanto somente uma média de 6% dos homicídios são solucionados. Temos um sistema defasado, e gastamos em Segurança Pública quase dois bilhões ao ano.

— Meu Deus, Arnaldo! 30% é uma porcentagem inadmissível para qualquer Sistema de Justiça!

— Mas é a nossa realidade. No caso em questão farei todo o possível para que Luísa, Rangel e Moama tenham uma defesa justa, baseada em provas técnicas. Já trouxe uma equipe

de peritos particulares, e nesse momento já estão trabalhando no caso.

— Você acha que minha filha está envolvida com Rangel? Acha isso possível? Por que se estiver, o movimento passional vai ganhar força.

— Eu conversarei com Luísa sobre isso, assim que conseguir a soltura dela. A prisão é válida por cinco dias e pretendo tirá-la de lá nas próximas horas. Essa prisão não se justifica, foi apenas espetáculo para a imprensa. Ela, como qualquer outra pessoa, tem direito a um julgamento justo, caso seja acusada formalmente pela Justiça. Por enquanto é apenas especulação e espetáculo para as câmeras.

— E o que você acha do Dr. Rangel? Não imagino minha filha interessada num homem como ele.

— As razões do coração são mistérios insondáveis, caro amigo. Mas um relacionamento entre ambos, ou mesmo interesse mútuo, não os torna assassinos. Vamos focar nas provas técnicas. Naquele bangalô haverá respostas. Assim como a quebra do sigilo telefônico da vítima, trará respostas.

— Mas a defesa pediu a quebra do sigilo telefônico? E a Justiça autorizou?

— A perícia tem os meios para conseguir essas informações, Aristeu. Não se preocupe, e deixe aqueles homens trabalhar. Eles são experientes e ousados. O que tiver pra descobrir, será descoberto. Mas eu só posso lhe prometer a verdade, nada além disso.

— Bem, desde que não burlem nenhuma lei... o que você quer dizer com isso, de só me prometer a verdade?

— Quero dizer que advogados trabalham para seus clientes. A perícia, não. Peritos trabalham para descobrir a verdade. Eu conversei com Rangel e expliquei a situação... perguntei se ele estava seguro de querer a perícia no caso. Ele respondeu que não tinha nada a esconder e pagaria os custos, pois queria a verdade.

— É claro. Eu também quero a verdade.

- Seja ela qual for?
- Seja ela qual for.
- Muito bem. E agora que já conversamos, vou falar com Alexandre.



Dayse deixou o bangalô de Christine, depois da conversa com Alexandre, e se dirigiu ao prédio principal, onde tinha um apartamento no andar térreo. Sentia-se depressiva e cansada. Ela foi diretamente ao dormitório e se sentou na poltrona macia do quarto. Poltrona que ela havia escolhido para os momentos de leitura, em frente da enorme janela, com vista para aquela deslumbrante paisagem verde. Uma paisagem que trazia relaxamento e paz. Mas agora já não havia mais paz. Pelo menos, não em sua alma. E nem naquele mundo verde, que ela tinha escolhido para viver. Agora havia sombras, desconfiança e dúvidas. Foi então que ela percebeu que não estava sozinha. Moa estava no chuveiro naquele momento... Moa. Quanto tempo faziam que estavam juntos? Desde o dia que se encontraram numa praia do Recife, há dez anos atrás. Ele era um jovem surfista na época, sem nenhum centavo no bolso e muito charme. E ela, uma assistente contábil, de uma cidade do interior, sedentária e acima do peso, que se encantou pela vida despreocupada e livre que o jovem surfista levava. A amizade começou com conversas no quiosque, onde ele servia os turistas, e evoluiu para passeios na praia sob o luar. E assim descobriram que tinham sonhos parecidos: viver ao ar livre e em contato com a natureza. O projeto do *resort* na Amazônia, nasceu naquelas areias. E logo veio o pedido de namoro. Ela custou a acreditar que ele estivesse realmente interessado nela, mas foi assim. Ela não se importava que ele não tivesse um tostão furado ou um emprego fixo. Simplesmente se encantou com aquele jeito dele, meio selvagem, cabelos longos... servindo as mesas dos restaurantes, cada semana num lugar, e explorando aquele paraíso feito de água, em cima da prancha.

Conheceram-se durante as férias. As primeiras férias da vida dela. Dias ensolarados e felizes, que contrastavam com o frio da sua existência. Existência passada em uma cidadezinha do interior, no sul do país, onde além da rotina puxada no escritório contábil, suas únicas outras atividades eram cuidar da mãe e da tia adoentada, além de ir à igreja. Aqueles dias que ela passava olhando para as águas azul-turquesa e a areia branca, eram uma fuga. Uma desesperada fuga de sua vida insípida.

Mas ela não podia fugir para sempre e teve que voltar para sua realidade. Infelizmente os dias felizes voaram, e logo sua vida monótona a chamou de volta. Mas a distância não foi capaz de apagar as lembranças belas, ao contrário, intensificou a vontade de viver mais daquilo... sentir novamente a brisa no rosto e a água morna nos pés. Caminhar de mãos dadas e fazer planos para o futuro. Ela não podia desistir do que tinha vivido e nem de Moa. Eles então continuaram se falando por telefone e mensagens, até que sua mãe faleceu inesperadamente e ela ficou sozinha no mundo, apenas com sua velha tia para cuidar. A morte da mãe a tornou herdeira de uma pequena quantia em dinheiro e de uma casa. Não era muita coisa, mas com a venda da residência conseguiu o dinheiro para abrir um negócio sustentável no meio da Floresta Amazônica, e pagar uma clínica para sua tia Neide morar. E apesar das críticas que recebeu, decidiu que era o melhor que podia fazer por ela. Não podia se sacrificar mais... também precisava ser feliz. Ela chamou Moa e o convidou para viverem aquela aventura juntos... quando se reencontraram, viveram alguns dias de puro romance. E também fizeram planos e cálculos. E decidiram começar uma nova vida na Amazônia. Mas antes de inaugurarem o *resort*, eles se casariam. Moa fez questão de oficializar o compromisso. E ela nunca se arrependeu de ter aceitado, nem nunca duvidou que tivesse feito a escolha certa... até que chegou Christine.

Quando ela soube? É provável que tenha sido imediatamente. Sentiu o interesse de Moa na mulher sofisticada e linda que chegou ali. E algo dentro dela desmoronou. Moa ficou diferente de um momento ao outro... parecia sempre distante e

irritado, depois da chegada dela. Já não era mais gentil como antes e parecia estar sempre com o pensamento em outro lugar... não se concentrava em nada e começou a sumir sem explicação, dando respostas ríspidas quando ela queria saber onde ele tinha estado.

Enquanto ela relembrava essas coisas, Moa saiu do chuveiro, enrolado numa toalha branca. Quando a viu, levou um susto:

— Você aqui?

— Eu sempre estou trabalhando, não é? Deve ser estranho me ver parada. Aliás, a gente quase não se vê mais. Sempre há tantas coisas pra fazer, pra organizar... não dá nem tempo para termos uma vida ou nos dar conta da vida que estamos levando.

— Temos muito trabalho com os hóspedes... é normal que seja assim, que não tenhamos tempo. Montamos esse negócio para que estivesse sempre cheio. Lembra? Era nosso sonho vermos isso aqui lotado.

— Tínhamos outros sonhos também... você não lembra? Sonhos que se perderam...

— Do que você está falando?

— Da nossa vida... da vida que sonhamos...

— Dayse... eu...

— Não importa. Nada disso mais importa. Agora as coisas mudaram... as reservas estão sendo canceladas, estamos com sérios problemas. Não sei se teremos trabalho daqui pra frente. Não sei se teremos como honrar nossos compromissos com os funcionários e com os credores. Estou muito preocupada com o rumo dos acontecimentos.

— Continuam cancelando?

— Continuam. Uma das faxineiras do hotel foi presa, acusada de ter envenenado uma cliente. Quem vai querer vir para cá? Hospedar-se num lugar desses?

Moa ficou em silêncio.

— E se eu tiver que fechar o hotel, o que você vai fazer?

— Como assim?

— Eu estou perguntando se você vai me acompanhar, ou se você vai embora de vez.

— Dayse...

— Você achou que eu não soubesse?

— Soubesse do quê?

— Eu soube desde o primeiro dia. E acho que nosso casamento vai acabar junto com esse hotel. O sonho acabou para nós. Ou melhor, para mim.

Ela ficou esperando que ele falasse alguma coisa, negasse que o casamento estava acabado, esperou que ele rebatesse suas palavras, mas isso não aconteceu. Moa ficou parado no mesmo lugar em que estava, imóvel. E quem cala consente.

— Eu sempre soube. Soube no mesmo instante. Mas achei que podia ser algo passageiro... e agora a vida está desmoronando. Você nos colocou nessa situação.

— Você não sabe de nada. E é você que está ajudando a fazer tudo desmoronar... aquelas pessoas não deveriam estar aqui bisbilhotando. Você podia ter evitado que isso acontecesse. Nós temos que seguir em frente... por que você recebeu aquelas pessoas aqui? Por que permite que vasculhem tudo? Isso só vai trazer mais publicidade negativa para o hotel.

— Do que você tem medo? Que eles descubram que você esteve lá? Que você entrou lá depois, pela janela? Que você revirou aquele bangalô em busca de algo? Me diz: o que você estava procurando?

— Ficou maluca? Você não disse isso pra eles, não é?

— Ficou com medo?

— Você também deveria ter. Esse negócio foi construído por nós, e está indo ladeira abaixo. Cada dia uma manchete nova nos jornais. Cairemos juntos no mesmo buraco, Dayse! Você não percebe?

— Não se atreva a falar assim comigo.

— Estou sendo realista. Foi você quem encontrou o corpo, não foi? Se a polícia começar a perguntar por aí, pode achar que você teria motivos para não querer ela viva. Eu mesmo tenho minhas dúvidas sobre o que de fato aconteceu naquela manhã.

— Já disse! Não se atreva a falar assim comigo.

Chorando, Dayse saiu do quarto, desceu as escadas correndo e lavou o rosto no vestíbulo. Finalmente, as palavras de sua mãe faziam sentido: “Para ser feliz é preciso ter sorte”. E ela não tinha.



Alexandre ficou até tarde da noite lendo suas anotações sobre o caso, mas acordou cedo na manhã seguinte. Estava inquieto e não conseguiu dormir direito. Ele tinha pressa em tirar conclusões, e precisava do apoio de seu escritório. Havia mandado as informações para Marcel, o expert em informática de sua equipe, e aguardava ansiosamente um posicionamento dele, que não demorou a chegar. Marcel mandou um e-mail de madrugada, o que demonstrava que havia passado a noite toda trabalhando, esclarecendo que Christine havia feito vários repasses de dinheiro, para a mesma conta corrente, nos últimos meses. O início dos repasses tinha começado há oito meses atrás, num período em que ela estava no Brasil, e continuaram até um dia antes de sua morte. Ele ainda não tinha o nome do beneficiário, mas estava trabalhando nisso e esperava conseguir dentro de algumas horas o acesso a essa informação. Na mensagem, Marcel também sugeria que talvez Christine estivesse sendo chantageada.

Chantageada?! Essa palavra acionou um botão de alarme dentro da cabeça de Alexandre, que imediatamente interfonou para Orlando e Clóvis, e pediu que se reunissem para o café da manhã, na piscina do hotel.

Então se vestiu rapidamente, e saiu. O dia estava lindo e alguns hóspedes nadavam na piscina quando ele chegou, apesar de ainda ser muito cedo. Entre eles estava o assistente de Rangel, Dr. Gregório Navarro. Alexandre logo avistou também Arnaldo e Trude, que conversavam animadamente em uma mesa, e assim que o viram acenaram e o chamaram para sentar com eles.

— Que lindo dia, não? – Disse Alexandre ao cumprimentá-los.

— Dia maravilhoso. Como você passou a noite? Conseguiu dormir bem? – Perguntou Arnaldo.

— Mais ou menos... estudei o caso até tarde, mas acabei acordando cedo. Não consegui relaxar... e essa manhã chegou uma mensagem de Marcel, com uma informação valiosa. Agora, preciso alinhar com o que descobrimos ontem.

— O que foi que vocês descobriram?

— Achamos um extrato bancário jogado no lixo, onde havia uma transferência para uma conta. A transferência chamou a atenção por causa do valor. Enviei a informação para Marcel, que analisou os dados bancários de Christine e descobriu outros repasses vultuosos nos últimos meses. Esses depósitos começaram durante a estada dela no Brasil. E Marcel levantou a hipótese de que ela pudesse estar sendo chantageada.

— Chantageada?! – Perguntou Arnaldo, surpreso.

— Eram depósitos e transferências regulares. Valores altos. Um desses depósitos era de um milhão de reais.

— Um milhão?! Vários depósitos para a mesma conta?

— Sim. Talvez não tenham nada que ver com o caso, mas achei estranho. Um valor muito alto. E repetido.

— Fez bem em mandar analisar esses dados. Precisamos saber pra quem eram os pagamentos.

— Sim. Temos que agir rápido... nosso tempo é curto. Clóvis e Orlando terminarão de analisar o bangalô hoje e voltam para Curitiba, levando as amostras para análise. Imagino que será fácil colher amostra de DNA dos hóspedes e funcionários, não é? Basta que Dayse nos autorize a entrar na cozinha... se pudermos tirar amostras dos copos e talheres teremos material para comparação.

— Mas afinal, o que mais que vocês descobriram no bangalô?

— Os peritos descobriram algumas digitais e pequenas amostras de material biológico. Também descobriram que uma

janela foi forçada, e alguém entrou por ali. Não sabemos quando e nem se foi o assassino. Quanto à digital palmar, é de um sapato masculino tamanho 43.

— Seria uma surpresa para mim se o assassino tivesse entrado pela janela... jamais me ocorreu essa hipótese. E a digital palmar? Onde estava? – Perguntou Arnaldo.

— Próxima à janela. E no peitoril e no trinco também foram encontradas digitais parciais. Agora é ter paciência e colher impressões de todos os hóspedes e conversar com as camareiras para saber quem usa calçado 43 neste hotel.

— Você acha possível que o assassino seja um estranho? Não consigo deixar de pensar que seria um alívio. Alguém que tenha vindo de fora, um ladrão, alguém fora do convívio deste hotel. – Disse Trude.

— Não sei o significado dessa informação, na verdade. Não podemos afirmar que o assassino entrou por ali, e nem quando a janela foi forçada. É uma hipótese, mas não sabemos o que houve de fato. E nem em quais circunstâncias isso aconteceu, mesmo porque estamos no meio da floresta. De onde esse estranho teria vindo? Da mata? Teremos que descobrir muitas coisas ainda, antes de formularmos uma teoria. A janela pode ter sido forçada em outro momento e por motivos bem diferentes.

Eles continuaram conversando, até que foram interrompidos por Moa, que surgiu com uma bandeja trazendo o café. Solícito, informou que o restante do pedido já estava sendo providenciado.

— Esse rapaz é muito prestativo... sempre tranquilo e sorridente. Mas hoje parece nervoso. Suas mãos estavam trêmulas. Vocês repararam? – Observou Trude.

— Trêmulas? Imagino que seja o estresse. Infelizmente, a publicidade para o hotel foi muito negativa. – Respondeu Arnaldo.

— Verdade... – falou Alexandre – ...Dayse comentou que eles passam por um momento difícil, com muitas reservas canceladas.

— É uma pena... – lamenta Trude – ...esse lugar é maravilhoso. Imagino que eles tenham tido muito trabalho pra montar tudo isso e fazer as coisas funcionarem.

— Ele é o marido da Dayse, não é?

— Sim, formam um casal muito simpático... – respondeu Trude – ...espero que eles consigam dar a volta por cima.

— Eles não têm filhos? – Perguntou Alexandre.

— Não. Pelo menos, eu nunca ouvi ninguém mencionar que eles tivessem filhos. E se tivessem teriam que ser pequenos, não é?

— Se ainda não tiveram, dificilmente terão agora. Quantos anos ele deve ter? Pouco mais de 30? E ela? – Murmurou Alexandre, com seus botões.

— Ele parece ser bem mais jovem do que a esposa. Mas são muito devotados um ao outro. – Respondeu Trude.

— O que foi, Alexandre? No que está pensando? – Perguntou Arnaldo.

— Nada. Por enquanto, nada. Foi só um pensamento que me surgiu...

— Conte-me sobre esse pensamento.

— Nada mesmo... é só que foi ela quem encontrou o corpo.

— Sim... nas circunstâncias que lhe contei. Na verdade foi a camareira que desconfiou e a chamou para conferir o interior do bangalô.

— Ela encontrou o corpo e também mentiu pra mim hoje de manhã.

— Mentiu? Sobre o quê?

— Ela não quis me dizer que quando ela entrou no bangalô, ele não estava na completa desordem que o encontramos hoje. Ela omitiu isso. Eu fiz a pergunta e fiquei olhando pra ela, tenho certeza que mentiu.

— Você não está falando sério... que motivo ela teria? Mal se conheciam... e a morte de Christine só trouxe prejuízos pra ela... corre o risco inclusive de falir.

Alexandre não respondeu, e Arnaldo não entendeu o

raciocínio dele, mas sentiu uma inflexão diferente em sua voz. No que ele estaria pensando? Mas em seguida o próprio Alexandre mudou abruptamente de assunto:

— O delegado afirmou na coletiva de imprensa que Luísa tinha um namorado, mas não deu nenhum nome. Gostaria de descobrir quem era o namorado dela... vocês tem alguma ideia? Perguntei para a Dayse, mas ela não quis me dizer. — Disse Alexandre.

— Não creio que essa informação proceda... provavelmente, seja apenas especulação. — Respondeu Arnaldo.

— Ora, mas é muito simples. — Comentou Trude. — Basta deduzir.

— Como assim? Então você acha que esse namorado existe? Sabe algo sobre isso? — Perguntou Arnaldo, incrédulo.

— Bem... é claro que eu sei. Pensei que todos soubessem. Arnaldo e Alexandre ficaram esperando ela continuar.

— Trude, o que você acha que todos soubessem? Por que nunca falou nada antes? Essa informação é importante.

— Ninguém me perguntou. Por que eu iria falar?

— Diga-me... — continuou Alexandre — ...na sua opinião, quem Luísa namorava?

— Naturalmente, ela namorava o Dr. Navarro.

— Trude! Quem lhe falou isso? — Perguntou Arnaldo escandalizado.

— Ninguém precisou me falar, Arnaldo. Eu vi como ele olhava pra ela... e também vi como o Dr. Rangel se zangou com ele, quando o querido Greg quis nos acompanhar até a Comunidade Indígena. Você não lembra? Eu o achei um tanto rude naquele dia, mas é claro que ele estava com ciúmes. Luísa é uma jovem muito inteligente, e também muito bonita.

— Céus! De onde as mulheres tiram essas coisas? — Reclamou Arnaldo — Você não deve levar isso a sério, Alexandre. Trude não tem nenhuma prova do que está dizendo.

— Bom... eu não me preocupo que pensem que estou inventando, o tempo vai dar a resposta. Tenho certeza que vocês

irão descobrir que eu tinha razão. É uma coisa tão óbvia... homens apaixonados ficam todos com a mesma cara.

O assunto não prosseguiu porque Clóvis e Orlando chegaram, e a presença deles colocou um fim nos mexericos. Alexandre foi então se sentar com eles em outra mesa, enquanto Arnaldo chamava carinhosamente a atenção de Trude, que protestava. Mas o efeito das palavras dela surtiram efeito em Alexandre, que passou a observar Navarro dentro da piscina, e ficou se perguntando se Trude teria razão. E foi por estar observando Navarro que ele percebeu quando o médico recebeu um bilhete, na bandeja, junto com a bebida que havia pedido... e reparou quando Greg leu o pedaço de papel e chamou o camareiro para perguntar alguma coisa. Não conseguiu fazer a leitura labial, mas parecia que Gregório estava perguntando quem tinha enviado aquele pedaço de papel. Mas o camareiro parecia não entender e apenas balançava a cabeça negativamente. Alexandre então percebeu que o semblante do médico estava conturbado e ele saiu em seguida dali, caminhando rápido.

— Adoraria saber o que está escrito naquele pedaço de papel...

— Que papel? – Perguntou Orlando.

— Um bilhete que o Dr. Navarro acabou de receber... mas deixem isso para lá... preciso que vocês descubram quem calça 43 nesse *resort*. Conversem com as camareiras e me tragam a resposta. Certo?

— E se não tivermos sucesso com as camareiras? – Perguntou Clóvis.

— Encontrem outra forma de descobrir. Preciso dessa resposta hoje ainda. Ahhh... antes que me esqueça: conversem com os funcionários, batam um papo de compadres, tornem-se amigos de infância de todos e procurem saber das fofocas, ok? Eu preciso saber dos mexericos locais.



Moa terminou de servir o café da manhã para os hóspedes na piscina e se dirigiu para o apartamento que ocupava com a esposa, no prédio principal. Estava pálido e agitado. A situação estava piorando, e ele já não sabia o que fazer. Havia escutado boa parte da conversa entre Arnaldo, Alexandre e Trude enquanto servia as mesas próximas à mesa deles... O trio não havia reparado nele, mas Moa conseguiu ouvir o suficiente. E foi então que ele entendeu que não poderia continuar parado, esperando a bomba explodir. Quando descobrissem sua ligação com Christine ele ficaria sem saída. Não tinha dinheiro próprio, não tinha como contratar um advogado, não tinha como se sustentar fora dali... e o hotel estava indo de mal a pior. E mesmo que o hotel não estivesse com problemas, havia Dayse... não poderia contar com a ajuda dela. Teria que arrumar um jeito de solucionar o problema antes que fosse tarde. A única conclusão que chegou, foi que só restava uma coisa a fazer... ele tinha um trunfo. Uma carta guardada na manga. E essa carta era o mesmo que ter uma bomba atômica. E ele iria usar. Era sua única chance. Do limão faria uma limonada. Só precisava organizar bem as coisas e ousar.



No final da tarde, enquanto Arnaldo verificava pelo computador mais uma vez se o *habeas corpus* tinha sido concedido para Rangel e Luísa, Alexandre interfonou e pediu uma reunião de emergência. Ele não quis marcar no restaurante e nem ir até onde Arnaldo estava, mas pediu que o amigo se dirigisse ao seu bangalô o mais rápido possível, e quando atendeu a porta sua fisionomia mostrava que havia acontecido algo grave.

— Você está me assustando. O que houve? As notícias não são boas?

— Preferi conversar primeiro com você, em privado.

— É melhor você falar logo.

— Então vamos lá... os peritos estiveram andando por aí

e conversando... estiveram com as camareiras... bom, apenas um hóspede calça sapatos tamanho 43. Mas esse hóspede é um senhor de 63 anos, um executivo aposentado de um grande banco, que não parece ser alguém capaz de entrar pela janela de um bangalô, seja pelo motivo que for. Além do fato de não conhecer Christine e nem ter trocado jamais uma palavra com ela.

— Continue.

— Entre os funcionários tampouco encontraram ninguém... mas então descobriram que o marido da dona do hotel usa 43.

— Moa?

— Exato.

— Mas isso pode ser apenas uma simples coincidência, não?

— Pode, é claro. Mas aqui chegamos no ponto em que a dona do hotel, esposa de um homem que calça sapatos número 43, encontra o corpo da vítima.

— Não é possível... você não está pensando que Dayse e Moa possam ter algo a ver com o assassinato, não é? Não consigo achar um motivo. E um assassinato precisa ter um motivo. Qual a razão de causar a falência do próprio negócio?

— Teremos que falar com eles... temos apenas esses elementos para nos basear, e eles são fracos. Você sabe... só podemos ir até a polícia se tivermos provas. Seria interessante conseguir uma confissão... quer tentar?

— Alexandre! Que situação é essa que nos metemos? Mas se Dayse tivesse algo a ver com o crime, não teria deixado que a perícia entrasse no bangalô.

— Não sei... você pediu para isolar o local, mas ela ficou com a chave. Pode ter removido de lá todas as pistas que pudessem incriminá-la... pistas que poderiam incriminar ela e o marido... ou pelo menos pensou que tivesse removido. E por essa razão o bangalô foi remexido. Vamos? Temos que falar com ela.

Arnaldo se sentia embaraçado, mas não teve outra opção a não ser seguir Alexandre. Encontraram Dayse na recepção,

falando ao telefone. Ela tinha os olhos vermelhos de quem havia chorado e a maquiagem estava um pouco borrada. Perguntaram se podiam conversar com ela em particular, e foram levados para a sala de trabalho dela. Sentaram-se e a anfitriã ofereceu uma bebida, que foi recusada por eles.

— Do que se trata? Em que posso ajudá-los?

Foi Alexandre quem começou a conversa:

— É sobre algo que encontramos no bangalô. Precisamos conversar sobre isso com a senhora...

— Sim... podem falar.

— Primeiramente gostaríamos de informar que a janela do bangalô foi forçada... alguém entrou por ali recentemente.

— Pela janela?! Acha que o assassino entrou por ali?

— Não sabemos se foi o assassino. Sabemos que alguém entrou.

— Mas isso é muito vago...

— Nem tanto. Também descobrimos que havia uma marca de sapato tamanho 43, em vários lugares dentro do bangalô, no parapeito da janela e na varanda. Essa digital é bem nítida.

Se até então ela tinha se comportado de forma tranquila, ao ouvir isso seu rosto ficou vermelho e ela não conseguiu mais disfarçar o nervosismo.

— Sapato 43? Imagino que várias pessoas usem esse tamanho, não?

— Nem tanto. Encontramos duas pessoas nesse hotel que calçam esse número. Um deles é um hóspede já idoso, que nunca teve nenhum contato com Christine, e outro... é o seu marido.

— Moa?!

— A senhora saberia nos dizer por que ele entraria pela janela do bangalô?

Dayse procurou justificar:

— Eu só posso imaginar que seja um engano... outra pessoa deve ter deixado essa marca de sapatos lá. Ele não teria nenhum motivo pra entrar pela janela... ou só se tivesse sido chamado para resolver alguma emergência... isso já aconteceu

antes... Christine pode ter tido algum contratempo, não sei... ele faz a manutenção dos bangalôs, pode ter acontecido algo que o obrigou a entrar pela janela.

— Também encontramos uma pequena mancha de sangue... parece ser que ao entrar pela janela, essa pessoa se machucou. Como a senhora pode imaginar as implicações disso são muito grandes, e três pessoas estão presas. Precisamos conversar com ele e esclarecer. Poderia chamá-lo?

Contra a vontade, ela teve que concordar. Primeiro tentou chamar Moa pelo interfone, mas não teve sucesso. E assim, sucessivamente. Mas ele não estava em lugar algum e ninguém sabia informar onde ele estava.

— Eu vou até o nosso apartamento dar uma olhada... talvez ele esteja por lá ou tenha deixado algum bilhete. Querem me acompanhar ou esperam aqui?

Os dois homens decidiram acompanhá-la, mas preferiram ficar na varanda esperando até que ela entrasse e conversasse com o marido. Porém, depois de alguns minutos ela voltou sozinha e com expressão atônita.

— Nem sinal dele... aqui também não está.

— Para onde ele pode ter ido? Será que não saiu de barco? – Perguntou Arnaldo.

— Não tenho a menor ideia. – Respondeu ela.

E de repente ela desatou a chorar copiosamente. Os dois advogados ficaram surpresos com a reação e se aproximaram para oferecer apoio.

— O que houve, *cara mia*? – Perguntou Arnaldo, oferecendo um lenço. – Ele deve estar por aí, arrumando alguma coisa... não é ele que faz a manutenção? Sente-se aqui nessa cadeira, enquanto Alexandre vai buscar um copo de água.

— Eu acho que ele pode ter ido embora.

— Embora? Mas por quê?

— Eu preciso contar isso para alguém... não posso mais guardar isso só pra mim: Moa e Christine se encontravam às escondidas. Ele frequentava o bangalô dela, na ausência do

marido. Não que Rangel se importasse... se ele se importasse ao menos um pouco, Moa não teria tanta facilidade para trapacear e enganar... eu acho que talvez ele tenha usado aquela janela inúmeras vezes.

Agora foi a vez de Arnaldo ficar chocado.

— Eu... eu sinto muito. Mas a senhora tem certeza disso ou é apenas uma suspeita? – Perguntou Arnaldo.

Antes que ela respondesse, Alexandre chegou com o copo de água. Dayse continuou:

— Eles se encontravam. Eu sabia disso há muito tempo.

— Eles, quem? – Perguntou Alexandre.

— Ela me contou que Moa e Christine se encontravam às escondidas.

— Moa e Christine?! Estavam tendo um caso? A senhora compreende o que nos está contando? Sabe que isso trará implicações jurídicas? – Perguntou Alexandre.

— Eu não estou dizendo que meu marido tem algo a ver com o crime... nada disso. Eu apenas disse que ele e Christine tinham um... um caso. Um estúpido caso. Ou os senhores acham que não era apenas mais um capricho dela? Era apenas isso: um capricho! E Moa... foi um tolo.

E foi então que eles ouviram um estampido. Não sabiam de onde tinha vindo aquele barulho, mas colocou a todos em alerta. E não demorou muito para que Clóvis chegasse correndo a procura de Alexandre:

— Alexandre, venha comigo.

— O que foi que houve?

— Você já vai saber... venha.

Alexandre seguiu Clóvis, e disse para Arnaldo que o esperasse ali. Ele voltaria em seguida.

— O que está havendo, Clóvis? Para onde estamos indo?

Clóvis caminhava rápido e Alexandre o seguia por entre os bangalôs, até entrarem num deles. Quando Alexandre viu que havia um homem caído no chão e sangrando, soltou uma exclamação. Ele tinha um grande machucado na coxa e estava

perdendo muito sangue. Era Moa. Ao lado dele, Orlando tentava em vão estancar o sangue que saía em profusão do ferimento. Ele estava muito pálido e gemia de dor. O advogado então se agachou na frente dele e pediu que trouxessem uma toalha limpa para fazer mais pressão sobre o local.

— Precisamos estancar essa hemorragia. Ele está sangrando demais. Temos que levá-lo a um hospital. É melhor um de vocês ir pedir ajuda.

— Claro, eu vou. — Respondeu Orlando.

Depois que ele saiu, Moa ainda tentou falar algumas palavras:

— Não fui eu... não fui eu...

Antes que Alexandre tivesse tempo de perguntar alguma coisa, ele desmaiou.

— Mas o que foi que houve aqui? Você pode me explicar? — Perguntou Alexandre ao seu subordinado.

— Nós fizemos o que o senhor mandou, chefe. Ficamos de olho em Moa e o seguimos para todos os lados.

— E como ele veio parar aqui? Como ele se feriu?

Clóvis parecia meio confuso, mas respondeu:

— Nós o estávamos seguindo e vimos quando ele saiu de casa com uma mochila e entrou na mata. Tentamos segui-lo, mas o perdemos. Então ficamos parados esperando... depois de um tempo ele voltou pelo mesmo caminho e seguiu até esse bangalô. Nós continuamos atrás dele e vimos quando ele entrou. Então ficamos de campana, enquanto ele permanecia lá dentro. Foi quando ouvimos o tiro e os gritos... entramos correndo pra ver o que tinha acontecido, e o encontramos desse jeito.

— Então você sabe o que aconteceu... me conta.

— Nós não sabemos quem atirou... Quando entramos no bangalô, o atirador tinha escapado pela janela... só o vimos de costas e muito rapidamente.

— Eu não acredito!

— Infelizmente, foi isso que aconteceu. Alguém devia estar esperando por ele lá dentro. Escutamos o tiro e corremos

na direção do barulho, mas a pessoa tinha fugido, só vimos um vulto correndo. Mais nada. Eu sinto muito.

— Aiiii!... eu não posso acreditar numa coisa dessas! E como era esse vulto? Homem? Mulher?

— Homem. Era um homem.

— Vocês não podiam ter deixado que ele escapasse! Não podiam!

— Mas encontramos a arma. É essa aqui. Talvez possamos descobrir algo a partir dela.

Alexandre analisou a pequena pistola que ele tinha em mãos, envolta em uma toalha. Era uma pistola 9 mm, com numeração raspada.

— Onde vocês acharam essa arma?

— No chão. Eu acho que eles entraram em luta corporal, e a pistola caiu. O atirador fugiu, e não deu tempo de levar a arma junto, pois entramos no bangalô em seguida do tiro.

— Que confusão! Mas quem poderia ter atirado nele? A esposa dele não foi, porque está com Arnaldo. E ela é a única pessoa que eu imagino ter motivos pra dar um tiro nele...

— Eu não sei quem foi... é tudo muito estranho.

Enquanto conversavam e tentavam prestar ajuda para Moa, Orlando voltou. Ele estava acompanhado por Arnaldo e um funcionário do hotel, com uma caixa de primeiros socorros.

— Como ele está? – Pergunta Arnaldo.

— Ele desmaiou. – Respondeu Alexandre. – Perdeu muito sangue. Precisamos removê-lo para um hospital, o mais rápido possível.

— Dayse ficou acertando essas coisas... ela chamou o hidroavião e também está tentando uma ambulância aérea.

— E o médico? Não iam trazer um médico? A situação aqui é grave.

— Não encontramos o Navarro no laboratório e nem em parte alguma. Dayse ficou de procurá-lo e mandar que venha pra cá.

— Teremos que avisar a polícia. Ela já devia ter chamado. Foi ferimento por arma de fogo, a polícia precisa ser avisada.

— Quem atirou?

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Quando meus peritos entraram aqui, o atirador escapou. Moa desmaiou antes de conseguir responder a qualquer pergunta e não sabemos o que houve.

Todos então olharam para Moa... ele começou a se agitar... gemia e parecia delirar. E constataram que ele estava com febre e com baixa pulsação.

— Precisamos achar o Dr. Navarro. Vou em busca dele, se não tiverem objeção. — Disse o funcionário do hotel, olhando apavorado para Moa, muito pálido e abatido.

— É uma boa ideia. Pode ir. Traga-o o mais rápido que puder. — Respondeu Arnaldo.

Nessa hora, Alexandre chamou Arnaldo para um canto e falou:

— Essa história está muito confusa... muito mal contada. Alguém atirou no nosso suspeito. Por quê?

— E quem poderia atirar nele?

— Suspeito que ele estivesse indo embora... fugindo. Ele preparou uma mochila de roupas e um barco. Mas antes de partir, veio se encontrar com alguém. Você entende as implicações de tudo isso? Moa deixou uma impressão digital palmar na cena do crime. Ele tinha um envolvimento amoroso com a vítima, um caso clandestino. Isso gera não apenas um triângulo, mas dois. Aqui entram Rangel e Dayse como suspeitos, além de Moa.

— O Marcel conseguiu descobrir o beneficiário dos depósitos?

— Ainda não. É muito estranho tudo isso... Moa está implicado até os cabelos nessa história. Digitais na cena do crime não faltam... e Dayse encontrou o corpo. Você sabe o que isso significa.

Arnaldo sabia.



Algum tempo depois, Moa foi finalmente removido para um hospital em Manaus. Suas condições não eram boas e Dayse o acompanhou no avião. Arnaldo e Alexandre decidiram pedir que o piloto voltasse ao *resort* para seguirem no próximo voo, junto com Orlando e Clóvis, que iriam para Curitiba. Arnaldo e Alexandre aguardariam as respostas da perícia, em Manaus. E estariam em campo, quando as provas técnicas chegassem.

Durante o voo, Alexandre permaneceu pensativo e quase não falou... Arnaldo então, perguntou:

— No que você está pensando? Qual o problema?

— Você não acha que estamos deixando algo pra trás?

— Como assim?

— Não acha que deixamos de enxergar alguma coisa?

Porque eu tenho essa sensação.

— Agora já não há nada que possamos fazer. Teremos que esperar os resultados da perícia, e deixar que a polícia converse com Moa e descubra o que houve... descubra quem atirou nele, e o motivo. Talvez a polícia consiga que Dayse fale alguma coisa a mais... mas eles estão muito encrencados, você sabe. — Sentenciou Arnaldo.



Chegando na pista de pouso em Manaus, o grupo se separou. Os dois peritos seguiram para o aeroporto, e os advogados seguiram com Nelson, de táxi, até o hotel Seringal.

— Quer sair para jantar, mais tarde? A comida aqui é boa.
— Convidou Arnaldo.

— Eu gostaria, sim. Mas acho que prefiro sair para caminhar um pouco, fazer um longo passeio e depois parar para comer em algum lugar aleatório. Quem sabe assim surja alguma luz, alguma ideia...

— Quer companhia, ou quer caminhar sozinho?

— Aceito a companhia.

— Então podemos caminhar pelo cais do Porto... eu fiz esse trajeto esses dias e gostei muito... no caminho comi algo exótico e apimentado, como você quer.



A noite estava agradável e o ar do Porto, mais fresco. Mas Alexandre parecia não perceber nada a seu redor, permanecendo concentrado em seus pensamentos.

— Vai me dizer o que está acontecendo?

— Eu acho que esquecemos de algo importante. Estou repassando o caso na minha mente e as imagens do bangalô. Tem algo que não nos demos conta. Vamos supor que Christine realmente tivesse um caso com Moa. Você que a conheceu, acha que isso era algo sério?

— Sinceramente? Acho que não. Ela parecia muito apaixonada pelo marido.

— E se ela era apaixonada pelo marido, enquanto ele estava apaixonado por outra mulher, que ainda por cima trabalhava com ele, qual seria a reação dela? Quais seriam os sentimentos dela em relação a isso?

— Vou ser bem franco... Christine era uma mulher lindíssima. Acho que teria sido um duro golpe na autoestima dela. Mas não acredito que ela soubesse ou desconfiasse de outra mulher... Christine era dessas pessoas que acham que o mundo gira em torno do próprio umbigo. Ela jamais imaginaria que o marido teria interesse por outra. Moa deve ter sido uma distração. E a frustração que ela estava vivendo, sem a atenção do marido, faziam com que ela estivesse de mau-humor e tratasse tão mal todo mundo. Realmente, ela era péssima no trato com os empregados.

— Então, na sua opinião, Moa estava sendo feito de bobo? Era um brinquedo dela?

— Mais ou menos por aí.

— E ele poderia ter ficado violento, ao descobrir que ela não queria levar aquilo adiante?

— Acho possível. Não excludo.

— Mas Christine não foi morta num ataque de fúria, ela foi morta por uma dose de *curare*, um tipo de substância usada como anestésico, que paralisa os músculos, inclusive os músculos da respiração. E isso indica planejamento. Foi um homicídio premeditado. Digamos que Moa tivesse a intenção de matar... ele teria como encontrar essa substância?

— Eles moram há muitos anos na floresta, têm contato com as Comunidades Indígenas, inclusive empregam alguns indígenas... só não sei se ele tinha esse conhecimento. Se ele sabia dos efeitos da substância no corpo humano.

— Ele deveria saber que os índios usam na caça.

— Acho que é possível... bem provável que soubesse.

— E ele mataria essa mulher, somente porque foi rejeitado? Ele é esse tipo de homem? Que perde a cabeça?

— Não saberia dizer. Mas o que eu sei é que as pessoas reagem muito mal à rejeição. Já vimos tantos homens ditos equilibrados e gentis, assassinares as mulheres que dizem amar.

— É... talvez. Mas seria mais fácil de acreditar, se tivesse sido outro tipo de morte... no auge de uma discussão, ou algo do tipo. Não foi assim, foi planejado. – Concluiu Alexandre.



Enquanto conversavam, chegaram no quiosque onde Arnaldo havia provado uma comida típica da outra vez. Sentaram-se, fizeram o pedido e continuaram conversando:

— Outra coisa que me incomoda é o papel de Dayse nessa história. Ela é apaixonada pelo marido. Aguentou a traição debaixo do mesmo teto praticamente... aguentou calada. Pode ter explodido, não acha?

— Você acha que ela pode ter planejado a morte da rival, conseguido o veneno e depois feito a encenação toda? – Perguntou Arnaldo.

— Já vimos isso acontecer outras vezes... não seria a primeira. Existem milhares de casos como esse.

— É... motivo ela tinha.

— Por falar em motivo... quem se beneficiaria com a morte de Christine?

— O Dr. Rangel me disse que eles se casaram com separação total de bens. Não sei quem se beneficia, mas ele não é.

— E não existe nenhum tipo de seguro? Nada que o beneficie? Eu mandei investigar todos esses detalhes, mas ainda não recebi o relatório.

— Pelo que eu saiba, não. Ele tem um salário do Centro de Pesquisas, e um fundo para ser usado na pesquisa dele, não possui outra fonte de renda e não tem direito a mais nada. Além do mais, ele podia simplesmente pedir o divórcio e se casar com quem quisesse.

— Mas nesse caso ele perderia o fundo que paga o desenvolvimento de sua pesquisa.

— Acho o motivo fraco. Ele não teria dificuldade em ser contratado por outra universidade ou laboratório, caso o pai de Christine decidisse rompesse com o aporte financeiro. Rangel não me parece alguém que se importe muito com dinheiro. Ele se importa com a pesquisa, mas não a tal ponto... não a ponto de matar alguém.

— Quem mais tinha motivo? A faxineira, que foi maltratada e agredida por Christine? Luísa, que estava supostamente apaixonada por Rangel, e que o queria livre?





CAPÍTULO 5

Alexandre voltou para seu quarto no hotel e começou a andar de um lado para outro. Revisou todas as anotações do caso, não encontrou nenhuma lacuna, mas a sensação de ter deixado algo passar persistia. Cansado, tentou conciliar o sono... mas foi em vão. Ficou se virando na cama até madrugada, quando desistiu de tentar dormir e levantou. Pegou o celular para conferir as mensagens, e encontrou uma nova de Marcel, pedindo que Alexandre entrasse em contato com ele, assim que acordasse. Fazia 20 minutos que tinha chegado aquela mensagem.

Imediatamente, ele fez uma chamada telefônica:

— Alexandre! Que bom que você ligou, *véio!* Não ia aguentar até amanhã *pra* lhe contar isso!

— Você não dorme, Marcel?

— Durmo a manhã inteira, de madrugada eu gosto de trabalhar. Como estão as coisas aí?

— Eu acho que nós encontramos o assassino.

— Mesmo? E quem seria?

— O marido da dona do hotel. Parece que ele tinha um caso com a vítima. Encontramos material biológico na cena do crime, que deve ser compatível com o dele, e também temos uma digital palmar bem nítida, que confere com o tamanho dos sapatos que ele usa, deixada no peitoril da janela e no chão do quarto. Só não sabemos como encontrou o veneno, mas deve ter sido com os índios.

— Mesmo antes de saírem todos os resultados da perícia, você se convenceu que ele é o assassino?

— Não... tem mais coisa... ele tentou fugir essa tarde... para resumir: levou um tiro e está no hospital.

— Nossa! Aconteceu tudo isso? Fugir pra onde? E quem atirou nele?

— Não sabemos. O encontramos muito ferido, perdendo

bastante sangue. Logo ele desmaiou e não falou mais nada. Vamos esperar que ele acorde para saber alguma coisa. No momento, deve estar passando por cirurgia.

— Interessante... muito interessante. Mas não é ele o beneficiário dos depósitos.

— O quê?? Você descobriu?! E esperou todo esse tempo para dizer que sabe quem é o beneficiário?

— Bom... você disse que tinha encontrado o assassino. Eu queria ouvir a sua história primeiro.

— Fale logo, Marcel! Quem é o beneficiário dos depósitos?

— Você não vai acreditar...

— Fale!

— O médico.

— Médico? Qual?

— O bonitão. Gregório Navarro.

— Você não está falando sério...

— Estou sim, por que não estaria? Os depósitos foram para a conta dele.

— Mas qual o sentido disso?

— Como eu lhe disse, ela poderia estar sendo chantageada...

— Chantageada por quê? Essa é a pergunta. Por qual motivo Christine poderia ser chantageada? E pior ainda... chantageada pelo Navarro?

— Eu acho que você vai ter que descobrir algumas respostas por aí, enquanto eu vou continuar procurando outras respostas por aqui. Nos falamos. Tchau.



Por essa Alexandre não esperava... como assim, Christine fazia depósitos para Navarro? Qual o papel do médico bonitão naquela história? Ele decidiu então que tinha que conversar com Moa, o mais rápido possível, antes da polícia. Decidido,

vestiu um roupão e foi tocar a campainha de Arnaldo, que estava alojado no mesmo corredor. O advogado abriu a porta assustado, com cara de sono:

— Mas o que é isso? Onde é o incêndio?

— Precisamos falar com Moa.

— Você bebeu, Alexandre?

— Desculpe acordá-lo, mas é muito importante. Eu não conseguia dormir e falei com Marcel...

— Que horas são?

— Quatro da manhã.

— Quatro da manhã? Vocês são malucos?

— Marcel não dorme de madrugada... ele sempre fica trabalhando.

— Temos um fuso horário diferente, então... porque eu durmo. Entre! Entre logo.

— Desculpa. Desculpa mesmo, mas é importante... Marcel descobriu o beneficiário da conta onde Christine fez os depósitos.

— Descobriu?! E quem é?

— Você não vai acreditar... É o Navarro.

— Navarro? Que trabalha com Rangel?

— Sim. Esse mesmo.

— E por que raios de motivo Christine depositaria todo aquele dinheiro para ele?

— Isso é o que Marcel está tentando descobrir, quebrando o sigilo telefônico dela e das contas de e-mail.

— Você sabe que tudo isso é ilegal, não é?

— Claro que eu sei... mas não vamos usar essas provas no tribunal, só vamos descobrir por onde começar a procurar.

— Preciso dormir, Alexandre... e durma você também. Amanhã conversamos.

— Temos que ir ao hospital. Direto para lá. Precisamos falar com Moa. Por favor, não vá na delegacia antes de irmos ao hospital.

— Está certo. Eu o chamo quando acordar. Agora, pretendo dormir o resto da noite... se você deixar.



Alexandre voltou para o quarto, mas o sono havia evaporado. Ele abriu o computador e digitou no *google* o nome Gustavo Rangel. Muitas informações surgiram na tela. O bioquímico era um pesquisador, extremamente bem conceituado, com uma carreira sólida, dedicada a pesquisas médicas. No momento ele se dedicava a um estudo que isolava algumas células, e com isso supostamente seria possível conter a evolução dos tumores cancerígenos, inibindo a metástase. Alexandre não compreendia bem as questões técnicas, mas em síntese era isso. Após isolar algumas células, o paciente recebia tratamentos e/ou medicamentos específicos, que inibiam o crescimento do tumor e a metástase celular. Era alguma coisa assim... e parecia maravilhoso, milhares de vidas poderiam ser salvas com um tratamento focado, bem menos agressivo do que as inúmeras sessões de quimioterapia e radioterapia, que os pacientes eram obrigados a fazer e que terminavam por minar sua resistência e debilitar ainda mais seu organismo.

Rangel não trabalhava sozinho, era assessorado por uma bióloga, com especialização em botânica, e por um médico infectologista...

Alexandre então pensou um pouco... o laboratório que financiava essas pesquisas, fabricava inúmeros medicamentos oncológicos. Se tivesse a patente de algo assim, revolucionário, seria algo extraordinário para o mundo, e seria o único a ter o monopólio de uma fonte inesgotável de dinheiro. E faturaria milhões. A herdeira desse laboratório, Christine, depositava quantias milionárias na conta do médico que fazia parte da equipe que estava trabalhando nisso. Equipe chefiada por seu marido. A resposta, tinha que estar ali. Ou, pelo menos, parte da resposta.

Depois de clarear as ideias, finalmente conseguiu dormir, mas foi despertado logo depois das nove pelo interfone. Era Ar-

naldo, perguntando se ele queria tomar café. Alexandre pediu que ele o esperasse no restaurante do hotel, e depois seguiriam para o hospital. Lá descobriram que Moa havia sido operado de emergência e já estava acordado, mas com muita dor. Dayse estava no corredor quando eles chegaram e muito abatida.

— Que bom que vocês vieram.

— Como ele está?

— Com muita dor, mas já acordou. Foi operado de emergência. Perdeu muito sangue e quase morreu. O ferimento lesionou uma artéria importante, se não tivesse sido trazido de avião não teria resistido.

— Não quero parecer insensível... – disse Alexandre – ... mas precisamos falar com ele. É muito importante. Imagino que a polícia esteve aqui. O que a senhora contou para eles? Temos que ir lá depois.

— O hospital chamou os policiais... é o protocolo em ferimentos com arma de fogo, me disseram. Eles estiveram aqui, e eu disse apenas que ele se feriu num acidente com uma arma. Eu não tinha cabeça para conversar com a polícia, e gostaria de contratar um advogado antes de falar com eles.

— Claro. É seu direito. Depois terá que prestar declarações. Todos teremos.

— Querem ver se Moa pode conversar um pouquinho?

— Sim. Nós gostaríamos de falar com ele a sós, se nos permite.

— Claro, entrem. Afinal, foram vocês que salvaram a vida dele.



Ao entrarem no quarto, encontraram Moa com a perna imobilizada. Ele estava acordado, mas muito fraco e abatido. Parecia extremamente cansado.

— Moa, como você está? – Começou Arnaldo. – Ficamos contentes de saber que a cirurgia deu certo.

— Sim. Mas quase não dava tempo. Acho que devo agra-

decer a vocês. Por pouco não morri.

— Nós viemos aqui antes de ir na delegacia... sabe que teremos que relatar o que aconteceu. E por isso, viemos para tentar conversar... sabemos de algumas coisas e temos que esclarecer outras. Pensamos que devíamos lhe dar a oportunidade de nos explicar o que aconteceu no *resort*, quando foi baleado. – Esclareceu Alexandre.

Moa ficou calado. Parecia que não ia dizer nada, depois falou com a voz baixa:

— Acho que não tenho escolha.

— Não tem... sabe que corre risco. Se contar a verdade, talvez possa se proteger. Se mentir, a situação pode ficar fora de controle. – Argumentou Arnaldo.

— Ninguém iria acreditar em mim...

— Tente nos contar. Quem sabe possamos ajudar... a polícia irá voltar.

Moa olhou para o teto e respirou fundo.

— Eu me encontrava com Christine no bangalô, por isso havia impressões minhas lá dentro. Eu não a matei. Eu não fiz nada de mal para ela.

— Se você não fez nada de mal, por que estava fugindo? Para onde você ia? O barco estava pronto para a fuga, nós encontramos uma mochila de roupas dentro do barco. – Protestou Alexandre.

— Eu estava fugindo porque sabia que a culpa iria cair sobre mim. E eu não tinha como me defender, não tinha como provar que não fui eu que a matei. Eu escutei a conversa de vocês na piscina... sabia que ia sobrar tudo pra mim. Porque aquelas digitais são minhas e eu me machuquei quando pulei a janela, aquele sangue é meu.

Alexandre trocou um olhar com Arnaldo, e perguntou:

— Você tinha um caso com a vítima e tem digitais suas no local do crime. Por que entrou pela janela? Suas impressões digitais e material biológico estão por todos os lados naquele bangalô... mas diz que não a matou. Como vamos acreditar? Ela rompeu o romance? Foi isso? Você perdeu a cabeça?

— Eu não tenho nada com a morte dela. E ela não terminou romance nenhum... Christine era difícil, mas ela não rompeu comigo.

— Quanto tempo fazia que vocês se encontravam escondido?

— Uns seis meses... logo depois que ela chegou dessa última vez, começamos a nos encontrar.

— E o marido desconfiava?

— Acho que ele não ligava. Passava o dia em Anavilhanas e depois se enfiava naquele laboratório, e só saía tarde da noite. Apenas dormia no bangalô. Muitas vezes passava dois, três dias na floresta. Christine se sentia muito sozinha.

— Então, vocês não brigaram no dia do assassinato?

— Muito pelo contrário. Eu nem cheguei a falar com ela, e um dia antes ela me convidou pra viajar... Christine não aguentava mais ficar na floresta, e nós íamos para a Costa Azul.

Os dois advogados trocaram um novo olhar, cheio de significado.

— Você está nos dizendo que na ocasião da morte dela, vocês estavam planejando ir embora juntos? – Perguntou Arnaldo.

— Não diria embora... mas ela me convidou para viajar com ela... tirar férias num lugar maravilhoso.

— Então, se vocês não brigaram, se você não perdeu a cabeça, se o marido dela não se importava com nada... quem a matou? E por quê? – Continuou Arnaldo. – Não faz sentido. Alguém a matou... e quem matou tinha um motivo.

— E por quê você entrou pela janela? Se vocês tivessem intimidade então poderia entrar pela porta, não é? – Acrescentou Alexandre.

— Vocês não entendem... eu fui ao encontro dela, mas alguém entrou antes de mim. – Respondeu Moa.

— Alguém entrou antes de você no bangalô? Quem? – Perguntou Alexandre, já sem paciência. – Escute, Moa... nós viemos porque precisamos que você diga a verdade. A sua situação

vai se complicar muito, e da Dayse também. Nós ainda não levamos todas essas informações para a polícia, mas teremos que levar. Então se você sabe algo que nós não sabemos, seria bom que nos contasse. Podemos orientá-lo, lhe indicar um caminho jurídico. Nós podemos ajudá-lo. Mas é preciso que você fale...

— Vocês não entendem...

— Nós queremos entender... por isso estamos aqui. Por isso não fomos diretamente à polícia. – Falou Arnaldo em tom paternal. – Sabemos que se você levou um tiro, se isso aconteceu é porque você está envolvido em algo sério... muito sério. Algo maior do que você imaginou... e nós podemos providenciar para que você tenha proteção. Se nos contar a verdade, poderemos oferecer ajuda.

Moa se decidiu:

— Eu estava indo pra lá, para o bangalô, me encontrar com ela... mas antes de bater na porta dei uma disfarçada, olhei para os lados pra ver se não tinha ninguém por perto, alguma das camareiras ou minha mulher... mas então outra pessoa chegou antes de mim e entrou. Eu fiquei muito cismado e dei a volta... fiquei escondido na varanda, tentando olhar pela janela e descobrir o que estava acontecendo... e foi aí que eu vi tudo.

— Viu o quê? Que horas eram?

— Vi quando ela foi atacada. Por volta de 10:40h. Foi no pescoço, por trás. Ela foi segurada pelo pescoço, e atacada com uma seringa ou algo assim... em seguida ela já foi caindo na cama, com os olhos abertos e uma expressão aterrorizada.

Os dois advogados ficaram estupefatos com a narrativa contada por Moa. Foi Alexandre quem se recobrou primeiro:

— Quem? Quem foi que a atacou?

— Isso eu não vou dizer. Eu sou testemunha ocular de um crime. Se quiserem saber quem a matou, terão que me oferecer algumas garantias.

— Que tipo de garantia?

— Preciso de proteção, e da garantia de que depois que eu falar com a polícia, terei condições de ir embora daqui e começar uma vida em outro lugar. É pegar ou largar.

— Você sabe que não podemos prometer isso... não temos autoridade para liberá-lo ou não. Será que você entende que se isso tudo for verdade, você está escondendo informação da polícia, e pode responder criminalmente? E que nós temos a obrigação de relatar esses fatos?

— Eu compreendo tudo isso, mas não vou contar nada se não me ajudarem.

— Então você estará colocando a sua vida em risco.



Os advogados saíram do hospital chocados.

— E agora, Alexandre? O que você acha? – Falou Arnaldo.

— Acho que aquele pedaço de canalha está falando a verdade.

— Como podemos ter certeza que ele não mentiu?

— Ele sabe que o veneno foi injetado. – Ponderou Alexandre. – O horário do óbito foi estabelecido pela autópsia entre 9 e 12 horas, e da janela da varanda ele teria condições de enxergar dentro do quarto. Faz sentido.

— Mas ele saberia que o veneno foi injetado também, se fosse ele o assassino.

— Ele levou um tiro. É bem provável que o assassino tenha atirado nele. Você não acha?

— É plausível. Mas então, quem é o assassino? E se atirou, sabe que ele viu o crime. Esse jogo está ficando cada vez mais perigoso... Moa corre perigo. É melhor que ele fale logo, pelo menos terá proteção policial.

— Moa sabe que está em perigo. E desconfio que ele estivesse chantageando o assassino.

— Você fala como se soubesse quem é...

— É, eu sei. Só não tenho provas.

Arnaldo coçou a cabeça.

— Ele colocou condições para falar... é um canalha. E não percebe o tamanho do risco que corre, guardando para si o nome do assassino.

— Temos as provas técnicas para comparação. E como eu disse: eu sei quem é o assassino. Só não sei o motivo. É a motivação que não consigo compreender. Vamos falar com Rangel... talvez seja melhor nem falar com o pai de Luísa. Vamos para a delegacia.



Na delegacia, Rangel os recebeu com expressão aliviada:

— Que bom que vocês vieram. O alvará de soltura saiu?

— Na verdade, não. Mas com os novos elementos que apareceram, creio que conseguiremos a liberdade de vocês. — Respondeu Arnaldo.

— Quais elementos?

— É uma história longa, mas você precisa saber como estão as coisas e decidir.

— Decidir sobre o quê?

— Dr. Rangel... — começou Alexandre — ...a perícia apurou alguns fatos, e talvez tenhamos uma testemunha ocular do crime. Ocorre que essa testemunha levou um tiro, está no hospital se recuperando de uma cirurgia no momento, e sabe que terá que depor, mas não estamos seguros de que irá repetir para a polícia o que falou pra nós.

— Testemunha ocular?

— Essa provável testemunha se sente ameaçada, não possui recursos e gostaria de sumir de circulação.

Rangel não disse nada. Ficou esperando que eles continuassem.

— Nós temos elementos da perícia que colaboram com as informações que essa pessoa nos deu, mas ainda não temos os laudos técnicos. Porém, por questões que não podemos detalhar ainda, temos urgência em conseguir que essa pessoa fale com a polícia.

— Entendo. Vocês acham que essa suposta testemunha pode mudar de ideia, caso não conte imediatamente o que

sabe? Ou que ela pode ser calada?

— O senhor é muito perspicaz, Dr. Rangel. – Respondeu Alexandre. – Nós aguardamos as conclusões da perícia para nos posicionar definitivamente... no entanto, precisamos acelerar esse processo. Não temos mais tempo a perder. E gostaríamos que soubesse como estão as coisas.

— Façam o que tiverem que fazer. Providenciem seguranças para o hospital, se acharem necessário.

— Dr. Gustavo... – continuou Alexandre – ...eu andei pesquisando sobre o seu trabalho na internet. Gostaria que me esclarecesse alguns pontos, se possível... essa sua pesquisa, sobre células cancerígenas, caso seja concluída com sucesso, irá gerar uma revolução nos tratamentos usados até agora na oncologia, não é? Qual o impacto disso na indústria farmacêutica?

Rangel analisou a pergunta de Alexandre, antes de responder:

— Eu vou tentar fugir de uma explicação técnica, para que vocês possam compreender melhor do que se trata... como os senhores devem saber, qualquer fármaco usado por uma pessoa atinge o organismo inteiro, não somente aquilo que ele deseja tratar. A quimioterapia ataca o tumor, mas também as outras células saudáveis do corpo. E isso enfraquece o paciente, que muitas vezes vai a óbito em decorrência do tratamento que o fragiliza, e não da doença. Eu estou tentando isolar as células cancerígenas e propor outro tipo de abordagem, que as impeça de se reproduzirem. E, na sequência, entrar com um protocolo menos agressivo, e mais localizado. Isso não é fácil de ser desenvolvido e leva anos. Temos que ir testando, excluindo o que não funciona, testando novamente...

— E de quem seria a patente desse protocolo, caso o resultado seja positivo?

— Eu gostaria que não fosse patenteado, permitindo que qualquer laboratório e qualquer médico tivesse acesso, mas eu não tenho como custear esse trabalho sozinho, então aceitei o financiamento de um grande laboratório, que já co-

nhecia minha tese e tinha interesse em me financiar. Esse laboratório terá a patente, caso eu consiga chegar a um resultado satisfatório.

— Em que fase está essa pesquisa?

— Na fase de testes. Estou testando em animais. Animais com tumores estão recebendo doses de alguns fármacos. Dependendo do resultado, passamos para a outra fase do tratamento.

— E digamos que funcione, isso fará com que os demais medicamentos, que geram bilhões de reais para os laboratórios que o produzem, se tornem descartáveis?

Rangel ponderou, novamente.

— Seria uma revolução nos tratamentos oncológicos, sim. No entanto, um protocolo não funciona da mesma forma para todos os indivíduos. Existem muitas coisas a serem levadas em consideração: metabolismo, tipo sanguíneo, genética, sistema imunológico, e o agente que causou o tumor. Então, não posso afirmar que a abordagem que estou pesquisando e testando, pode ser boa ou tenha resultado igual para todos os pacientes. Olhando pelo ângulo dos bilhões que os medicamentos geram, pode haver uma queda drástica no faturamento de quem os fabrica... mas isso é apenas uma suposição, não existe nada concreto até o momento. Uma pesquisa leva anos para poder ser utilizada ou descartada pela medicina. Onde vocês querem chegar?

— Eu queria chegar a uma conclusão. E preciso fazer uma última pergunta, depois já podemos encerrar nossa reunião. — Disse Alexandre.

— Pois não?

— Por que o senhor contratou um médico infectologista, para fazer parte da sua equipe?

— Porque muitos tipos de tumores são causados por vírus. E eu estou interessado, particularmente, nesse tipo de tumor.

A reunião então foi encerrada, mas antes de saírem da delegacia, encontraram com o delegado Mendes, que os chamou para uma conversa:

— O que houve no *resort*? Os senhores sabem que devem prestar esclarecimentos de tudo o que ocorreu para a polícia não é?

— Tudo o que sabemos é que houve um acidente com uma arma de fogo. — Respondeu Arnaldo. — Não presenciamos o fato e nem estamos ocultando informações, apenas ajudamos a socorrer a vítima.

Desconfiado, o delegado vociferou:

— Assim, espero. Soube que estiveram no hospital essa manhã... não gostaria que estivessem escondendo algo.

— Não, senhor delegado. Apenas fizemos uma visita de cortesia. — Respondeu Alexandre.



Entrando no táxi, Arnaldo perguntou:

— E agora?

— Vamos para o hotel. Preciso falar com o Marcel. Depois voltamos ao hospital.

— Pensei que você quisesse falar com Rangel sobre Moa, não esperava aquelas perguntas. No que você está pensando?

— Eu acho que sei o que aconteceu naquele *resort*. Vou resolver esse caso ainda hoje. E foi a Trude quem me colocou na pista certa. Sem ela, eu não entenderia a dinâmica desse crime.

Arnaldo olhou espantado para amigo:

— Alexandre! Trude não entende nada de investigação criminal! Ela apenas tira conclusões sem base nenhuma... não vou nem perguntar o que ela lhe disse, mas lhe dou um conselho: continue baseando suas conclusões nas provas técnicas! Esqueça as coisas que Trude falou.

Alexandre riu do comentário.



Chegando no hotel, pegou as chaves e foi direto para seu quarto. Era hora de falar novamente com Marcel. Depois da

conversa com o técnico em informática, ele escreveu algo no computador e encaminhou para a recepção do hotel imprimir. Em seguida recebeu uma chamada telefônica do hospital, Moa pedia uma reunião com urgência.

Acompanhado de Arnaldo, eles se encaminharam para lá sem demora. Mas ao chegarem, encontraram Dayse no corredor falando com o médico, e tiveram uma surpresa: Moa havia piorado, e talvez tivesse que passar por nova cirurgia.

— Não sei se é um bom momento para fazer visita. — Disse Dayse, ao cumprimentá-los. — O médico me disse que ele contraiu uma bactéria e está com infecção. É bem provável que volte para a sala de cirurgia, mas Moa insistiu que eu os chamasse.

— Dayse... nós ajudaremos no que for possível. Entraremos somente por alguns minutos. Essa conversa é importante. — Disse Arnaldo.

Dayse ficou em dúvida, mas disse que ia avisar Moa da chegada deles, que ficaram do lado de fora esperando, até que ela voltou e pediu que eles entrassem. No interior do quarto encontraram Moa com a perna suspensa. No rosto havia uma expressão de dor.

— *Match Point*. O jogo acabou. — Declarou Moa. — Acabou para mim.

— Acabou. — Concordou Alexandre. — Mas você não precisa perder tudo.

— Eu acho que já perdi.

— Está enganado. Ainda não perdeu a liberdade, e sua saúde pode ser recuperada. — Respondeu o jovem advogado.

— Sempre é possível recomeçar, Moa. Essa é a graça da vida. — Disse Arnaldo, em tom confortador.

— Eu tenho a impressão que vocês sabem quem matou Christine. Então, por que estão aqui? Por quê precisam que eu confirme aquilo que vocês já sabem?

— Porque, apesar de sabermos o nome do assassino, não sabemos o motivo. E isso deixa uma lacuna importante. Assim

como não sabemos por que você voltou ao bangalô e entrou pela janela, depois que o corpo dela foi retirado. Precisamos apresentar todas as respostas, fundamentar nossa tese. O que você foi buscar lá dentro? – Perguntou Alexandre.

Moa ficou calado.

— Precisamos dessas respostas para concluir o caso e conseguir a liberdade de três pessoas inocentes. – Continuou Alexandre. – Existem lacunas que não conseguimos preencher e você pode nos ajudar.

— Eu não a matei. As coisas se passaram da forma como contei.

— Mas você ia fugir. Levou um tiro. Estava chantageando o assassino, não é?

— Como vocês descobriram?!

— Descobrimos mais coisas... eu redigi essa declaração que será anexada ao processo e entregue às autoridades. Leia e assine, se estiver de acordo. Fiz o melhor que pude.

Moa leu, pediu uma caneta e assinou.

— Eu voltei ao bangalô para verificar se havia algo que pudesse me ligar a Christine, não ao crime. Eu temia que minha mulher descobrisse o nosso envolvimento. Por isso fui até lá, e entrei pela janela. Não imaginava que Dayse já soubesse... eu remexi nas gavetas e armários dela, e encontrei algumas coisas interessantes... e levei comigo.

— São essas coisas que você encontrou, que nos interessam. Onde estão? Onde está o telefone celular dela, que sumiu? – Perguntou Alexandre.

— Eu escondi. Peguei o fone, uma agenda e alguns papéis. Vou indicar o local onde estão. Acho que vocês conseguirão encaixar as peças que faltam...

— Você sabia que Christine pagava ao médico que trabalhava na equipe de Rangel? Que ela fazia pagamentos ao Navarro?

Alexandre desconfiava que não havia sido a primeira vez que Moa espiava pela janela do bangalô, e por isso perguntou:

— Eles costumavam conversar muito... eu ouvi algo a respeito. Ouvi umas coisas. — Respondeu Moa.

— Que coisas? Eu não entendo a razão desses pagamentos. Qual o motivo de Christine pagar Navarro? Você sabe? — Pressionou Alexandre.

— Eu acho que ela queria boicotar o trabalho do laboratório...

— Boicotar a pesquisa?! Por quê?! — Chocou-se Arnaldo.

— Porque não interessava para ela... o laboratório do pai dela fatura milhares de milhões por ano. O sucesso da pesquisa atrapalharia os negócios da família.

— Você tem certeza disso? — Perguntou Arnaldo.

— Eu ouvi várias conversas. Tenho certeza, sim.

Neste momento, foram interrompidos pela enfermeira que veio coletar sangue de Moa, para enviar ao laboratório do hospital.

— Desculpem-me... terei que preparar o paciente. — Disse a enfermeira, encerrando a visita.

— É claro, já estamos de saída.

— Por favor, cumpram com nosso combinado. Já estou bastante encrocado, não preciso de problemas extras... com a polícia. — Pediu Moa.

Quando saíram do quarto, eles estavam completamente estupefatos:

— O que você acha, Alexandre? Podemos confiar nele? É muita canalhice!

— Confiar, não sei. Mas Moa diz a verdade. As provas técnicas estão de acordo com o que ele disse e não encontro outra explicação para os pagamentos na conta de Navarro. Ele estava sendo pago para sabotar o trabalho de Rangel.

— E você acha que ele conseguiu?

— Teve bastante tempo pra isso... com Rangel e Luísa presos, ele teve livre acesso ao laboratório todo esse tempo.

— A própria Christine, boicotando o trabalho do marido...

— Eu estava na pista errada... achava que Navarro estava

sendo pago por outros laboratórios, que não tinham interesse que a pesquisa chegasse a um bom fim, e quando descobri que ela fazia pagamentos pra ele, fiquei sem entender... mas não deixa de fazer sentido.

— O que não faz sentido é por que ele a matou. Se é que foi ele.

— Moa flagrou o crime. Não tenho dúvidas sobre a autoria.

— Confesso que eu tenho. Por que Navarro mataria Christine? A galinha dos ovos de ouro?

— Porque ele precisava eliminar a ameaça. Christine poderia chantageá-lo no futuro, se é que já não estava chantageando... o assassinato foi para proteger sua carreira. Ele é vaidoso, não permitiria que ela destruísse sua reputação, assim como estava fazendo com o próprio marido dela.

— Temos que avisar a polícia. Navarro precisa ser detido.
— Decidiu Arnaldo.

— Não o encontraremos mais... Navarro fugiu naquela mesma noite em que atirou em Moa. Estou em contato com o *resort*, ele não está por lá.

— Mas então...

— Por isso precisávamos do testemunho de Moa... com a declaração dele, juntada as provas técnicas, poderemos apresentar uma defesa plausível e com provas robustas.



CAPÍTULO 6

Alexandre tinha razão. Não foi possível encontrar nem vestígio de Navarro no *resort*. Ele só deixou rastro de suas ações. Quando Rangel voltou ao laboratório, depois do alvará de soltura ser concedido, ele descobriu que a maior parte de sua pesquisa havia sido destruída, apagada dos computadores. Suas anotações também. Somente uma parte do trabalho foi possível salvar. Um trabalho de anos, reduzido a quase nada. As únicas anotações que não se perderam estavam arquivadas em outros lugares. Mas a maior parte do trabalho era irrecuperável, Navarro tinha destruído a placa dos computadores do laboratório, para que os dados se perdessem para sempre. Luísa também só recuperou uma parte de seu trabalho, apenas os dados que estavam em seu *notebook*. E ambos estavam arrasados.

O assassino de Christine talvez nunca fosse encontrado, mas o caso estava encerrado. E o momento de partir havia chegado... o grupo formado por Aristeu, Alexandre, Trude e Arnaldo decidiu se reunir na piscina para tomar uma bebida e almoçar, antes de partir. Assim que se sentaram, avistaram Rangel e o chamaram para se juntar a eles. Tentaram animá-lo ao notarem seu abatimento, mas o clima era de tristeza. Apesar de conseguirem livrar todos das acusações de assassinato, a pesquisa de Rangel estava arruinada e ele se mostrava extremamente afetado.

— E o que o senhor vai fazer agora? – Perguntou Trude para Rangel. – Vai continuar aqui e recomeçar do zero a sua pesquisa?

— Eu não sei o que farei... tenho propostas de vários lugares, para continuar meu trabalho em outros laboratórios, e também propostas de universidades. Mas eu não sei como recomeçar... perdi anotações que levaram anos para serem feitas... não tenho como recuperar e não sei o que farei. Também

perdi alguns frascos de substâncias que estavam guardados na geladeira do laboratório. As fórmulas também foram destruídas. E, obviamente, não poderei mais contar com aporte de recursos do pai de Christine. Sinto que minha vida foi apagada. Se decidir recomeçar, terá que ser do zero. E se aceitar outros projetos, terei que abandonar pra sempre minha pesquisa. Não consigo visualizar um futuro... ainda estou muito abalado.

Todos olharam pra ele e não encontraram o que dizer, porque nenhuma palavra podia confortar o sentimento de perda dele e nem melhorar seu abatimento. Tentando ajudar, cada um falou uma coisa, mas nenhuma palavra podia fazer de fato com que as coisas melhorassem, e eles sabiam disso. Decidiram então pedir o almoço, já que estavam partindo dali a pouco para Curitiba. Mas foi então que surgiram Luísa e Toby, o cachorro de Dayse... o lindo vira-lata tinha escapado dela e vinha correndo feliz, enquanto Luísa corria atrás dele, tentando segurá-lo. Ela tinha se dedicado a cuidar do cachorro desde que voltara, já que Dayse continuava no hospital assistindo Moa, que estava se recuperando bem, mas estava imobilizado e precisava de ajuda para tudo.

Assim que Rangel viu a cena, se levantou, tirou os óculos escuros e ficou olhando espantado para o lindo cachorro, que corria entre as mesas e depois se jogou na piscina. Ele ficou pasmo... completamente em choque, olhando para o cão feliz e brincalhão que nadava na água e se divertia com estardalhaço. Então, fez algo que ninguém poderia imaginar: se jogou com roupa e tudo na piscina também e abraçou Toby efusivamente.

Quem assistia a cena ficou perplexo. Não conseguiam entender o significado daquilo, até mesmo Luísa olhava para eles sem entender... depois de vários minutos, e de brincar na água com o cão, Rangel saiu e se deitou na beirada da piscina, com os braços abertos.

— Minha pesquisa está salva! E o fármaco funciona! — Gritou ele.

Luísa se aproximou completamente confusa, e perguntou:

— Do que você está falando?

— O Toby recebeu várias doses daquele composto, guardado na geladeira, que o Navarro destruiu. Chame um veterinário! Preciso retirar sangue dele para análise, e também quero que ele seja submetido a um *check up* imediatamente!

— Você fala sério?

— Sim! Esse maravilhoso cachorro estava muito mal... tinha um tumor em metástase! Dayse me contou, e resolvi injetar umas doses daquele preparado nele! Eu estou tão feliz que quero gritar!!

Nisso, Toby saiu da água e chacoalhou o pêlo, jogando água em todo mundo. Em seguida, se jogou no chão também e foi lamber o rosto de Rangel.

— Toby, meu amigão! Você gosta de água? Saiba que vamos tomar muitos banhos de rio juntos! Vou mandar instalar uma piscina só para você, também. Você é a minha salvação, a minha esperança que estava perdida!

E todos, hóspedes e funcionários, pararam para assistir aquela cena... um homem e um cachorro abraçados, rolando pelo chão.



No voo para Curitiba embarcaram apenas Alexandre, Arnaldo e Trude. Aristeu decidiu ficar mais uns dias com a filha, enquanto ela não decidia que rumo tomar da vida. Luísa queria acompanhar o pai, mas ao mesmo tempo não queria deixar o Centro de Pesquisas.

— Que aventura incrível, não é? Minha vida sempre foi tão monótona, e nas primeiras férias que eu tiro depois de anos, acontece tudo isso! – Disse Trude. – Não sei como vocês aguentam tanta emoção.

— Sabe que eu devo agradecer a sua ajuda para esclarecer esse caso... se não fosse a pista que a senhora me deu, eu não teria descoberto o assassino. – Comentou Alexandre.

— Eu? Mas que ajuda eu posso ter dado?

— A senhora me falou que Luísa namorava Navarro. Eu passei a observá-lo e vi quando recebeu um bilhete na piscina. Achei estranho, fiquei de olho nele e passei a investigá-lo. Coloquei meus colaboradores atrás dele e não foi difícil ligar os pontos quando Moa levou o tiro. Ali eu soube que Moa o estava chantageando. Só faltava encontrar as provas. Logo Marcel me deu a informação de que Navarro era o beneficiário dos depósitos e entendi que as respostas que nós precisávamos se concentravam nele.

— O senhor é muito inteligente, eu jamais teria resolvido nada disso. Nunca imaginei que o pobre Dr. Navarro pudesse fazer uma coisa dessas... ele era tão gentil, sabe? E tão apaixonado pela Luísa! Ele é muito bonito também, formava um belo par com ela, mas é difícil competir com o Dr. Rangel, né? Um homem tão brilhante! Tão fascinante.

— Trude... não seja mexeriqueira! – Ralhou Arnaldo, carinhosamente, com a esposa. – Você não sabe se essas coisas procedem.

— Você viu o Dr. Alexandre dizendo que só resolveu esse caso porque eu disse uma coisa importante? Não seja tão ranzinza. Na verdade, eu falei uma coisa óbvia. Eu não sou inteligente como vocês, sou uma pessoa comum, mas eu enxergo o óbvio. E eu sempre soube que aqueles dois estavam apaixonados pela Luísa. Ela é uma moça muito bonita e muito querida, espero que seja feliz com o Dr. Rangel.

— Trude!

— Deixa Arnaldo, deixa-a falar. Se não fosse ela, eu não teria resolvido esse caso.

— Mas tem umas coisas que não entendi muito bem...

— O que foi que a senhora não entendeu?

— Por que o Dr. Navarro aceitou boicotar a pesquisa onde ele mesmo trabalhava? E a pesquisa é importante para a humanidade, ele fez uma coisa terrível, além de matar uma pessoa ele tirou a chance de milhares de outras. Me assusta pensar que eu simpatizei com ele.

— Muitas pessoas cruéis podem ser também muito simpáticas. Acho que ele nutriu um sentimento muito negativo em relação a Rangel, e viu a oportunidade de se vingar.

— Mas por que ele matou aquela mulher?

— Acho que ele não queria ficar nas mãos dela e também queria que Rangel pagasse pelo crime. As duas coisas juntas.

— E por qual motivo Christine decidiu pagar tanto dinheiro para destruir o trabalho do marido? E ainda tirar a chance de cura de milhares de outras?

— Bem... Christine se sentia desprezada... se Rangel fracassasse, a chance de o casamento continuar era maior. Pelo menos, acho que ela pensava assim. Mas acho que não é só isso... a verdade é que se fatura muito com a indústria farmacêutica. Desgraças geram dinheiro. Talvez, se não gerassem tanto dinheiro, muitas doenças já teriam cura.

— Isso me parece muito cruel.

— A humanidade é cruel, minha querida. Nem todos são gentis como você. – Respondeu Arnaldo, segurando na mão dela.

— E o senhor acha que ela agiu sozinha? Ou o pai dela sabia disso?

— Essa é uma coisa que nunca iremos saber... já me perguntei isso também. – Ponderou Alexandre.

— Eu fico me perguntando... – disse Arnaldo – ...se Navarro um dia será encontrado e pagará pelo crime que cometeu.

— Com tanto dinheiro no bolso, talvez não. Foi tudo premeditado... – disse Alexandre – ...ele estava com a fuga preparada. E é um homem muito inteligente. Ahhh... só mais uma coisa: os peritos não encontraram sangue de Moa no bangalô... eu falei isso na piscina, porque sabia que ele estava ouvindo. Depois mandei ficarem de olho nele. Deu certo.

Alexandre falou isso sorrindo, e piscou para seus interlocutores.

FIM

